# Diário de Lisboa

BOM TEMPO

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO DE 1973 N.º 18 255 — ANO 53.º — PREÇO 1$50


## MÉDIO ORIENTE

# ESPERANÇA EM WASHINGTON DE QUE ESTEJA PRÓXIMO UM ACORDO DE CESSAR-FOGO

**WASHINGTON, 19 (R.) — A notícia de que o primeiro-ministro soviético Kossyguine esteve no Cairo, onde conferênciou demoradamente com o presidente Sadat, provocou nos meios políticos de Washington a esperança de que um acordo de cessar-fogo esteja agora mais próximo, mas nos círculos governamentais parece haver um certo cepticismo quanto à possibilidade de se obter a colaboração do Kremlin num plano de paz apresentado em conjunto pelas duas super-potências.**

Funcionários americanos pensam não ser provável que uma proposta de cessar-fogo patrocinada por Moscovo seja aceitável para Israel ou para os Estados Unidos.

Por seu turno, a Secretaria de Estado desencoraja as especulações segundo as quais os Estados Unidos e a URSS estariam agora mais perto de um acordo sobre a fórmula de paz para o Médio Oriente.

Os observadores políticos reconhecem, no entanto, que sem um acordo prévio e uma acção conjunta das duas super-potências que estão a fornecer o material de guerra aos beligerantes não existem praticamente possibilidades de se pôr termo à guerra por meio de negociações.

O informador da Secretaria de Estado, interrogado sobre as perspectivas de acordo respondeu: «Não posso afirmar com confiança que estamos numa posição em que se vislumbre desde já uma solução».

Um informador da Casa Branca foi ainda mais cauteloso, dizendo apenas que o Governo americano está empenhado em delicadas negociações diplomáticas com as partes beligerantes e com outras potências.

O secretário de Estado Henry Kissinger e o embaixador soviético ANATOLY Dobrynine mantêm contactos frequentes mas os observadores vêem poucas probabilidades de se sair do actual impasse.

## O PETRÓLEO DE ANGOLA SERIA SUFICIENTE PARA CONSUMO DO PAÍS

«Sei que tem havido reuniões na Direcção-Geral dos Combustíveis, mas nada posso adiantar sobre o problema da gasolina entre nós» — afirmou-nos o dr. Dinato Ferrão, director do Departamento de Informação da Sonap, aunado ontem lhe perguntámos se aquele combustível subiria de preço em consequência da decisão árabe em reduzir em cinco por cento o fornecimento mensal do «ouro negro» aos Estados Unidos da América.

O aumento de preço na venda ao público «seria, de todos os males, o menor». O pior «é se o petróleo deixa de chegar a Portugal» — acentuou o dr. Dinato Ferrão.

Interrogado sobre se o petróleo de Angola seria suficiente para o consumo do País, o director do Departamento de Informação da Sonap disse que sim. «Mas acontece que o petróleo de Angola (Cabinda) está a ser explorado por uma companhia americana, a Gulf Oil, pelo que seria necessário modificar as cláusulas do contrato para que o produto viesse até nós».

E acrescentou:

«Ora isso, na prática, é muito difícil».

É provável que dentro de dias «se anunciem medidas relativas ao combustível em crise».

## 32 PÁGINAS INCLUINDO MESA REDONDA

## Dayan a ocidente do canal

TELAVIVE, 19 (UPI-ANI) — A Rádio Nacional afirmou que o ministro da defesa Moshe Dayan «visitou ontem o contingente do exército israelita que tem estado a operar em território egípcio a ocidente do Canal do Suez».

Dayan falou com jornalistas na área do Sinai na posse de Israel, ontem, mas o exército não disse que o general atravessou o Canal.

Na altura, o ministro da Defesa declarou que a guerra poderia durar meses, mas que Israel tinha chamado a si a iniciativa.

## O Nobel de Literatura editado em Portugal

. Patrick White, escritor australiano (61 anos) agora galardoado com o Nobel de Literatura, é a afirmação de um continente no campo das letras.

Há já longos anos que o seu nome figurava entre os escritores susceptíveis de virem a receber o conhecido prémio da Academia Sueca. Efectivamente, Patrick White há muito que se consagrara no mundo literário anglo-saxónico.

Depois de ter estudado na Universidade de Cambridge, e visitado o Continente europeu, tempo em que se familiarizou com os principais autores franceses e alemães, Patrick White, escreveu o primeiro romance: «Happy Valley». «O vale feliz»).

Estava-se, então, em 1938. A II Grande Guerra levou-o para o Médio Oriente, integrado no Serviço de Informações da RAF. Em 1941, publica «The living and the dead» («Os vivos e os mortos»).

Já no fim das hostilidades, escreve, para o teatro, «The ham funeral» («O funeral do presunto») — e em 1948 decide voltar à Austrália para que (palavras suas) «o aguilhão do tempo reencontrado» o salve da esterilidade do «cemitério de Londres».

Ainda não editado em Portugal, Patrick White vai surgir agora nas nossas mãos através de uma edição da D. Quixote; «A árvore do homem».

**Um soldado egípcio passa junto dos destroços de uma peça de artilharia móvel israelita, algures no Sinai. Desde o dealbar de quarta-feira que os violentíssimos combates naquela zona se não interromperam. (Telefoto U.P.I.-Telimprensa-D.L.).**

**O mecânico Eliziário Bessa Ferreira: «Persegui os seis assaltantes até à Avenida do Brasil. Depois o carro escapou-se-me. Quem o guiava era uma rapariga de tranças louras presas por um laço preto...»**

## EM LISBOA

# ASSALTO SIMULTÂNEO A 2 BANCOS

Pouco antes do meio-dia, foram assaltadas as agências dos bancos Totta & Açores e Nacional Ultramarino, em Cabo Ruivo. A notícia chegou-nos telefonicamente através de uma leitora, poucos minutos após a ocorrência, tendo seguido imediatamente para o local uma equipa de reportagem do Diário de Lisboa.

Entretanto, em contacto telefónico com aquelas agências, foi-nos possível saber que os assaltos foram praticados por duas equipas de jovens, com meias enfiadas na cabeça e segurando pistolas-metralhadoras. A equipa que assaltou o Banco Totta era constituída por seis indivíduos, entre os quais raparigas, tendo conseguido levar uma quantia em dinheiro que, até ao momento em que escrevemos, não foi possível determinar.

Por sua vez, a equipa (três indivíduos) que assaltou a sucursal do Banco Nacional Ultramarino não logrou levar qualquer dinheiro, devido à rápida intervenção de um contínuo, que, afoito, exibiu para os assaltantes uma pistola de alarme. **Foi um herói** — disseram-nos da agência.

Apurámos, ainda, que durante a evasão dos assaltantes, que se verificou, como é de calcular, de forma precipitada, o referido contínuo do Banco Nacional Ultramarino ficou ferido numa perna, ao ser atingido por um tiro.

A matrícula (falsa) do carro em que viajava o grupo assaltante do Banco Totta era: FL-41-17. Tratava-se de uma placa colocada precipitadamente, pois oscilava com os movimentos do veículo. Este carro foi perseguido pelo mecânico Elisiário Bessa Ferreira, que o deixou de avistar na Avenida do Brasil. É um Taunus 20 M.

Ao sair do Banco Totta, um indivíduo, de cara tapada, que transportava uma mala e envergava uma gabardina, ao ver-se perseguido pelos empregados do banco, disparou, não atingindo ninguém. Uma rapariga loura, de tranças, com o cabelo preso por um laço preto, conduzia o veículo.

O assalto ao Banco Totta verificou-se às 11 e 50, enquanto o do Nacional Ultramarino ocorreu às 11 e 57. O carro utilizado no segundo assalto era conduzido por um in-

Continua na pag. 4

## TRIBUNA LIVRE

Por ALFREDO PAES

# Melhorar o estado do solo problema básico da agricultura

A situação da agricultura nacional, qualquer que seja a cultura predominante, é bem conhecida de toda a gente; mesmo quando não é bem conhecida é bastante falada e todos afinam pelo mesmo diapasão.

Discute-se muito, há bastante tempo, o latifúndio, o minifúndio, parcelamento, emparcelamento, conversão, reconversão, empréstimos, subsídios, etc.

Só nós, assim nos parece, damos atenção a um problema muito mais importante que os indicados ou seja **o estado do solo** e a possibilidade, que existe, de o melhorar consideravelmente. Em nosso entender é **o problema básico** e sem ele resolvido... não se conseguirá alterar a presente situação.

Não se julgue que o problema é só português porquanto a América do Norte, ao fim de 200 anos de uso, com a utilização de adubos químicos e minerais em escala nunca dantes atingida, foi forçada a retirar das culturas, por degradação, uma área superior a 30 milhões de hectares, área muito importante mesmo para um país como a América do Norte.

Em Portugal, de quando em quando, surgem panaceias as mais variadas na indicação de novas culturas e, por via de regra, o agricultor, sempre esperançado em melhorar a sua situação, atira-se de cabeça e por vezes com pouco senso (casos esporádicos, felizmente), pois já vimos sementeiras de trevo nos cabeços.

A moda, agora anda à volta dos pomares e dos eucaliptais que são as novidades de mais vulto.

Tudo isto é muito bonito, encantador mesmo e seria interessante, como complemento das novidades oferecidas à agricultura fazer uma revisão ao condicionamento do plantio de vinha, que de todo não era desacertado e já há muito mais de 20 anos vimos pedindo com base numa verdade muito apreciável: «Os vinhos portugueses, embora com uma graduação alcoólica que nos não convence, vêm melhorando consideravelmente.

Voltemos, porém, à «vaca fria».

Na China, que foi o país da fome permanente, cultiva-se o mesmo solo há mais de 4000 anos (quatro mil anos) sem perceptível diminuição do poder fertilizante natural; no Japão, onde se entregam à agricultura, em cada ano, mais de quinhentas mil toneladas de peixe que é farinado e levado à terra como adubo, não só não existe quebra de fertilidade como **não há erosão.** Não duvidaram os japoneses aproveitar o que de aceitável existe na técnica ocidental como o que utilíssimo lhes ensinam os chineses para atingir aquele objectivo.

Muitos homens notáveis (ingleses e franceses, que saibamos) vêm afirmando que, mercê da aplicação dos adubos químicos como fertilizante único do solo, estamos **produzindo plantas artificiais, homens e mulheres artificiais.** Ousadamente, vimos nós afirmando, há muitíssimos anos, com idêntico fundamento, que os produtos que retiramos do solo para nossa alimentação estão gravemente diminuídos de valor, bastando para o efeito observar a batata e todos os produtos hortícolas. Aventámos já várias vezes a hipótese de terem sua origem em tal **facto** muitas doenças cuja origem se desconhece como **por igual, confessadamente, se desconhece o meio de as curar.**

**No seu espiêndido livro «Geopolítica da Fome»** mostra o sábio, recentemente falecido, Josué de Castro, o que é a fome nos seus vários aspectos o que leva o prefaciador da edição francesa a dizer que ela, a fome, era mais considerada um motivo de literatura e depois da leitura daquele referido livro ficamos sabendo que, salvo uma minoria de privilegiados, todos nós sofremos fome, como nossos pais e avós a sofreram.

Há quem afirme, e já numa polémica isso connosco sucedeu, que o azoto químico é absorvido pelas plantas sob a forma nítrica e igualmente sob a forma nítrica é absorvido por elas o azoto orgânico; por isso não tinhamos razão...

Efectivamente assim é, dizem os mestres, mas a verdade é que falta alguma coisa, que não está determinada, aos nítricos químicos (ou aos amoniacais depois de transformados) que tem o nitrificado orgânico na elaboração da seiva pela raiz da planta e é precisamente esse **quê, essa alguma coisa** que os sábios ainda não conseguiram identificar, que origina a produção de alimentos diminuidos gravemente no seu valor, **facto que todos nós observamos.**

Como conseguem a China e o Japão bater a erosão? Fora de toda a dúvida que muito especialmente pela matéria orgânica de que abundantemente fornecem o solo.

Copiamos nós muita coisa da **estranja** e não raro disparates. E se copiássemos também os seus processos de valorizar o solo?

Resta saber, em primeiro lugar, se haveria cópia ou somente o regresso a velhas práticas, ampliadas em valor.

Argumenta-se que não temos gados, nem matéria orgânica à qual se vão pedir 60 ou 70 milhões de metros cúbicos de estrume (o termo é árido mas exacto) que anualmente são necessários ao País.

Respondemos que efectivamente não temos gados suficientes para tal, nem a matéria orgânica por eles, gados, utilizada na produção é suficiente. Se utilizarmos as palhas da produção nacional e também os **restolhos de cereais, mais** se não consegue obter que 20 milhões de metros cúbicos. Do gado só nos faz falta a bactéria. Haverá quem desconheça que o melhor estrume é o da ovelha, mas que ela não tritura a semente que sai das dejecções sólidas e imunda a terra, onde fica, dessas sementes?

Haverá quem desconheça que os bois, cavalos, burros, muares no período em que comem ração, deitam para o chão, para a palha que lhes serve de camas, sementes da ração que comem e que essas sementes vão germinar na seara onde se empregou o estrume preparado com as camas desses animais?

Já noutra polémica havida na Imprensa, um técnico nos repreendeu severamente por não ensinarmos à Lavoura, gratuitamente, como se preparam estrumes. Respondemos que os grandes laboratórios existentes em diversos países têm ao seu serviço técnicos que estudam e descobrem coisas que depois são fabricadas e levadas a quem delas necessita. Nem os técnicos trabalham nessas empresas por amor à arte, nem as empresas também; assim, por que «carga de água» sairemos nós da regra? Este pequenino saber que detemos e não damos a ninguém, não caiu do céu aos tramboIhões...

Com a referência às ervas daninhas que provocam, por vezes, **prejuízos gravíssimos** na funda das searas abrimos outro aspecto, já referido várias vezes na Imprensa e até, salvo erro, na própria «Seara Nova» que um dia nos honrou com a publicação de uma carta sobre estes assuntos.

Não há um só agricultor que não saiba que alguns anos a seara é **de tal modo prejudicada pelas ervas que, á colheita, NÃO VALE A PENA CEIFÁ-LA?** Isto significa prejuízo total.

Pretendemos nós acabar com a necessidade de mondar a seara por ausência de ervas que impliquem a necessidade de efectuar tal trabalho. Como o processo já foi publicado na grande Imprensa e suscitou polémica, não vale a pena repetir. Vale, sim, insistir na obtenção **dos estrumes, que são o problema número um da Agricultura,** mas na produção de estrumes que não dêem erva. Naqueles que são produzidos com palha ou restolhos é facilimo elevar a temperatura das pilhas a 100 ou 110º que eliminam a possibilidade de germinação de qualquer semente que as pilhas contenham. Como há necessidade absoluta de procurar outras variedades de matéria orgânica, que existe em Portugal, também esses estrumes não produzirão erva e também eles conterão a bactéria que lhes for destinada.

Já várias vezes oferecemos ao Governo Português a possibilidade de entregar à Lavoura Nacional, decorridos que sejam oito ou dez anos sobre o início da actividade, aqueles 60 milhões de m3, indispensáveis.

Referimos, e nenhum técnico o contesta, que por intermédio deles, estrumes, aumentará, no mínimo de sete sementes, a produção cerealífera; que aumentará de um terço a cultura intensiva pela estrumação dos alqueives que podem ser semeados sem o ano habitual de reserva; que a erosão diminuirá muitíssimo porque cada pedacito de estrume incorporado no solo constituirá **um muro de suporte; que quando a produção atingir o máximo** possível, poderemos fazer regressar terras que se conservam **em poisio 10, 20 anos e** mais à cultura intensiva e isso representa o aumento da área de cultura em uma boa centena de milhares de hectares e, finalmente, que restituiremos o valor alimentar aos produtos das terras.

Claro que tudo isto só pode fazer-se com o auxílio do Estado, que pedimos várias vezes mas, confessamo-lo com certa mágoa, **o resultado de todas essas tentativas tem sido sempre... muito risonho!**

Queremos com isto dizer que se não pretende, ao fim e ao cabo, auxiliar, de verdade, a Lavoura? Não o afirmamos categoricamente mas as manobras da política têm tantos segredos que o admitimos.

TLP

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

INFORMA

ASSINANTES LIGADOS À CENTRAL DE ALMADA

Na noite de 19 para 20 do corrente mês procedeu-se à alteração de prefixos numéricos dos telefones dos seguintes Assinantes:

Iniciados por «272» — alteraram para «2765»
» » «273» — » » «2766»
» » «274» — » » «2767»

As restantes linhas de rede com prefixos numéricos «276» mantêm a mesma numeração.

LEMBRE-SE DESTAS ALTERAÇÕES

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ESTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE
HOJE MESMO A
O-R COSI
MEDIADORA AUTORIZADA
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 31 72

TOIROS em VILA FRANCA

ÀS 4 DA TARDE Grupo A 6 Anos
DOMINGO, 21 DE OUTUBRO
A FAVOR DA MISERICÓRDIA
6 — TOIROS — 6 Ex.mo Sr. Tomaz da Costa

MESTRE JOÃO B. NÚNCIO
DAVID R. TELLES
D. JOSÉ JOÃO ZOIO

MANUEL CONDE
MESTRE BATISTA
EMÍDIO PINTO

FORCADOS DE ÉVORA E RIBATEJO
TODOS OS ARTISTAS ACTUAM GRACIOSAMENTE

DL/OPINIÃO

# A HUMILDADE COMO VIRTUDE

Sobre o que sejam defeitos e qualidades se discutiria infinitamente, sendo logo à partida mais do que certo que não chegariam os interlocutores a um acordo total. Dos hábitos e formação de cada um, e também dos seus interesses, dependeriam em grande parte as posições tomadas durante a discussão e as reservas mentais ou expressas com que a encerrariam, a maior das quais, como se sabe ou adivinha, é a de poderem as qualidades utilizar os defeitos sempre que daí algum proveito resulte. Diariamente somos testemunhas destes acordos entre o positivo e o negativo, ora para benefício de um outro, ora para benefício do outro, e já não é mau que nessas perigosas alianças se não perca de vista algum valor essencial.

Acreditar-se-ia, porém, que sobre certas características humanas haveria opinião comum, logo pacífica, e que seria tempo perdido aquele que se gastasse em defini-las como defeito ou qualidade. Preferentemente se concordaria em não as classificar em qualquer dos grupos, incluindo-as até num terceiro grupo que seria o dos atributos «não humanos». É o caso, por exemplo, da humildade, situação psicológica de cujas pretensas virtudes se tem feito grande alarde no nosso País: quem por desporto se interesse, estará decerto lembrado dos constantes conselhos de humildade que até ainda há pouco tempo (tudo vem na sua moda) os cronistas da especialidade davam às equipas de futebol, principalmente quando estas se preparavam para disputarem com equipas estrangeiras... O jeito retórico desvaneceu-se, mas o essencial da vocação pregadora mantém-se e prospera noutros campos em manifestações pelo menos inesperadas.

Ainda há poucos dias, conforme quase todos os jornais referiram, a humildade voltou a estar na ordem do dia, pelo menos na cidade da Guarda, por ocasião da sessão pública de apresentação dos candidatos pelo círculo da Guarda propostos pela Acção Nacional Popular. Aí, um dos oradores, ao falar da «protecção aos desprotegidos distritos do interior do continente», considerou-a uma tarefa colectiva «em que todos e cada um teremos uma palavra a dizer e uma atitude a tomar, embora humildemente como é característica da gente da Beira». Se houve algum desacordo entre os auditores, as notícias não deram fé nem recado...

Mas nós perguntamos: que humildade é esta? pode a humildade ser característica de uma província? aceitam os habitantes dela ou dela oriundos ser assim caracterizados? resignam-se os beirões à prévia condição de só humildemente poderem dizer a palavra e tomar a atitude? é, enfim, verdade real que os beirões sejam humildes? ou não virá a fórmula, manifestamente infeliz, de uma tradição social e também política, segundo a qual cada um nascia para ocupar um certo lugar e nesse lugar viver, sem ambições nem orgulhos, salvo quando, por tácita aceitação, a esse lugar se reconhecia direito a todos os orgulhos e a todas as ambições? E, para ilustrar o caso vertente, até poderíamos dizer que na Beira nasceram e dela vieram ambições não pequenas e orgulhos de nenhum acomodamento...

No fundo, a questão fica posta entre o candidato e os seus eleitores em termos de perfeita clareza. Mas se é humildemente que estes delegam a sua palavra e a sua atitude («como é característica da gente da Beira»), só podemos fazer votos por que em algum ponto do trajecto essa humildade se perca, ou muito teremos que duvidar da eficácia da sua intervenção na «tarefa colectiva»... Quando tanto se fala de participação, tem o seu quê de antediluviano esta insistência numa humildade tomada como virtude suprema e qualidade excelsa, aquela humildade que se denuncia na cabeça curvada e no consentimento fácil, e que é precisamente o contrário, já não diremos do orgulho (que nem tanto se pede), mas da responsabilidade cívica...

## Ainda o Liceu de D. Dinis

A propósito do apontamento «Liceu D. Dinis: aventura impossível», que ontem publicámos, telefonaram-nos alguns dos alunos que, a par de agradecerem o nosso interesse pelo caso, nos chamaram a atenção para um aspecto que ficou esquecido. Referem-se aqueles alunos ao facto de as raparigas suas colegas serem constantemente, no caminho para o liceu, importunadas por alguns indivíduos que trabalham (ou não...) nas obras em curso nas imediações do edifício.

Afinal, a «aventura» do Liceu D. Dinis é ainda mais «impossível» do que supúnhamos.

## FACADA MORTAL À PORTA DA JUDICIÁRIA

PORTO, 19 — De há uns tempos para cá, que a comerciante Laura Ferreira de Jesus, de 40 anos, casada andava a ser difamada por um seu cliente, o estucador Manuel de Jesus Pereira, de 24 anos, casado do lugar do Outeiro.

Por isso, ela apresentou uma queixa na Judiciária. Ontem á saída daquela Polícia, Jesus Pereira puxou duma faca que trazia num dos bolsos, com cerca de 20 centímetros de lâmina e cravou-a nas costas da comerciante, provocando-lhe a morte.

## Actividades do Movimento Democrático do Porto

PORTO, 19 — O Movimento Democrático tem marcados os seguintes comícios: hoje, às 21 e 30, no Teatro Constantino Nery, em Matosinhos, e no Cine-Teatro Eduardo Brazão, em Valadares; amanhã, às 15 horas, no Coliseu do Porto; terça-feira, às 21 e 30, no Cine-Teatro de Santo Tirso (preside Manuel Castro Neto) e na quarta-feira, às 21 e 30, novamente no Coliseu do Pogo.

Por outro lado, estão marcadas para amanhã as seguintes reuniões: às 21 horas, de empregados de escritório, em Santa Catarina; e às 21 e 30, da comissão de freguesia de Santo Ildefonso, em Santa Catarina; da comissão concelhia da Póvoa de Varzim e de caixeiros, na Rua Tenente Valadim, 57.

## PIRATA DO AR MORTA EM MARSELHA

MARSELHA, 19 (R.) — A mulher que, aramada de uma carabina, obrigou um avião das carreiras domésticas da Air France a desviar a rota para Marselha, foi atingida mortalmente pelos tiros da polícia na cabeça e no peito.

A mulher pirata, oriunda da região de Paris, expirou depois de ter sido retirada numa maca do avião, estacionado na pista ao aeroporto de Marselha.

A polícia identificou a mulher pirata como sendo Danielle Batisse, de 35 anos, moradora em Orsay, nos arredores de Paris.

Declarara representar um movimento humanitário desconhecido que trabalharia pela reconciliação entre a França, Israel e os países árabes — revelou um porta-voz da Air France.

A polícia anunciou que, segundo os documentos que lhe foram encontrados, era a esposa de Georges Cravenne, personalidade muito conhecida na alta sociedade por ser o organizador dos principais acontecimentos da vida social parisiense. Efectivamente, Cravenne desposou uma Danielle Batisse em Dezembro de 1968.

QUADRATIM — ISABEL DA NOBREGA

# INSTANTÂNEO

Todos imóveis. E ninguém sorri. Nem a velha, nem as mulheres, nem o garoto. A velha, só com um dente na boca, um incisivo, riu muito durante o almoço, com uma malícia espécie de libertinagem, que os seus oitenta lhe permitiam. Aprecia o vinho e as azeitonas, cheias de alho picadinho. Às azeitonas tirava-lhes o caroço, e migava-as. Espremia-as contra o céu da boca e empurrava-as então com um copo de tinto. De cada vez dava um estalo com a língua e largava a rir, de si e dos outros, para quem apontava com o dedo. E o dente enorme, descarnado até à raiz, acentuava a impertinência.

Muito séria agora, empertigada, a mão esquerda pousada no joelho, a mão direita no castão de prata de uma bengala que não se adivinha como ali foi parar. Ela transformou-se de repente. Transfigurou-se. Ao fundo de sabe-se lá que memória foi buscar as pregas e as atitudes do que costuma ter-se por altivez e dignidade, não aquela que às vezes até representa alta linhagem, mas a que se projecta como reflexo de uma segurança interior, e que pode ser de origem vária. Mãe de varão, de varões ... sim, ali no Ribatejo isso confere orgulho e fidalguia...; dona de casa própria, embora de chão de terra...; embora hoje sozinha; capacidade para trabalhar ainda pois quem senão ela, ali daquela correnteza de casas da rua breve, andou a apanhar melão durante os meses propícios. De sol a sol, e de empreitada em terras alheias, curvada em «n» até ao chão, em «n», letra que não conhece porque não conhece nenhuma, e «ora os rins doem só ao fim da jorna!» Ganhara alguma coisa para o inverno. («Mais ágil do que muitas novas! É no que eu posso ser ágil, curvada ao contrário delas...») — Mas essa fala tinha sido ainda há pouco. Agora a sua estatura parece aumentar, apesar de sentada. Sisuda, olha bem em frente, e espera.

Depois o magote das mulheres. Duas, três, quatro, cinco. Uma com o cabelo enrolado em tranças; as duas noras com ele esticado e enrolado num carrapito, as saias pretas de rojo: maridos em França, respeito, recato; as outras já com permanente, aquele frisado curto que — é — para durar, antes recurso de aspecto prático do que solução de penteado. Crestadas, testas lavradas (o sulco das rugas), grossas de cintura. Todas. Os cachos de uvas da pequena parreira fazem-lhes sombras no rosto, renda recortada e estampada nos rostos, e amacia-os. Que o sol aquece ainda a areia grossa do páteo. Uma, de pés enormes, disformes, escondeu-se atrás da cadeira da velha. Defesa instintiva? Consciente? As outras, lado a lado, de braços caídos, salvo a mãe do garoto que pousou as mãos nos ombros do filho.

Porque o retrato começou por ser por causa do menino.

Depois do almoço apareceram os dois, eram vizinhos de casa pegada. «Ah, tem uma máquina... Ah... se me tirasse um retrato ao meu filho... Não temos nenhum retrato dele e vai fazer sete anos... Só indo ao fotógrafo, que é longe tantos quilómetros... Parece-me que tem de tirar quando agora entrar prá escola mas inda não temos nenhum... E do que me morreu com três anos também não tinha...»

Foi assim que nos levantámos da mesa, que o mosquedo mole já sobrevoava, e viemos cá para fora para junto do poço. Enquanto se dispunha a cadeira da velha perto do tufo de malmequeres: «Vai chamar a Lídia! Vai chamar a Lídia! Pra ficar no retrato! — Ela não está em casa, foi ao rio, inda não voltou! — Voltou tal, vi-a eu passar»!

Veio também a Lídia e o seu sorriso branco que logo se desvaneceu em frente da máquina.

Abro o diafragma para «perto», «sombra».

Através da lente vejo primeiro as rótulas polidas do rapazinho. A sandália antiquada e resistente, o tornozelo fino, esfolado, o calção curto, a camisa branca, o pescoço tenro, a madeixa sobre os olhos escuros.

O violoncelo das varejeiras doidas acompanha o momento solene. Uma das mulheres levanta a mão para enxotar a vespa obstinada, mas não chega a levá-la aos cabelos com receio de interromper qualquer coisa, de desmanchar o retrato.

Vou disparar. Não posso — nem quero! — dizer-lhes «agora, sorriam»! Porquê essa obrigação de sorriso **no** retrato, de sorriso **para** retrato?

Mas o quadro que vejo através da lente, as expressões tão sérias — algumas apenas graves, outras quase duras — comove-me.

Demoro-me um pouco. Não, não devo prolongar-lhes a tensão. Disparo, por fim.

Exclusivo «Le Monde»/«DL» — Por BERNARD CASSEN

# A MORTE DO POETA W.H. AUDEN

Anunciou-se a morte do poeta W.H. Auden, ocorrida em Viena, na Áustria, na noite de sexta-feira 28 de Setembro. Sucumbiu a uma crise cardíaca. Tinha 70 anos de idade.

A morte surpreendeu, pois, Wystan Hugh Aude, na Áustria, país em que, há já vários anos, ele escolhera passar o Verão. A sua casa de Wienerwald (região que inspirou músicos como Strauss e Beethoven), e que ele próprio celebrou numa antologia de poemas **About the house** (1966), tornara-se, segundo as suas próprias palavras, uma «fortaleza», um lugar privilegiado de amizade. Os aldeões tinham-se acostumado ao seu rosto sulcado por profundas rugas e haviam mesmo baptizado a rua em que vivia com o nome de Audenstrasse.

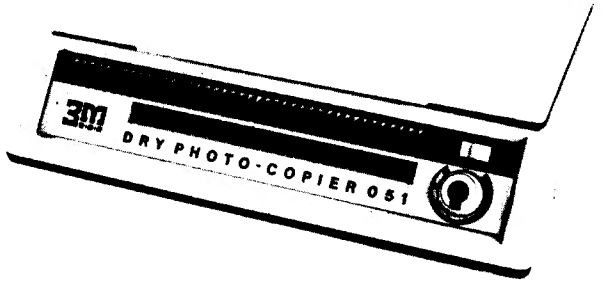
É um dos maiores poetas de língua inglesa do nosso século que desaparece. Pela variedade dos géneros que abordou, a sinceridade e a nobreza dos seus escritos, alguns críticos compararam-no a Picasso. O caminho percorrido desde os seus primeiros versos era, com efeito, considerável.

Filho de um médico inglês católico, Auden nasceu em 1903 em York. Na universidade travará conhecimento com Christopher Isherwood, com quem fará uma viagem à China e assinará várias obras. Auden manifesta muito cedo o seu gosto pela poesia, e o seu no-

Continua na pag. 5

Quem de uma tira duas... (ou mais)?

a fotocopiadora 3M




E AINDA
- FOTOCOPIA LIVROS E REVISTAS EM DUPLEX
- TIRA TRANSPARÊNCIAS
- FAZ PLASTIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS
- TEM NOVO SISTEMA A SECO E A ASSISTÊNCIA 3M

Envie-nos este cupão e será visitado por um dos nossos vendedores para uma demonstração gratuita e sem compromisso.

À MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.
R. Conde Redondo, 98-1o2 – Lisboa 1

Nome .....
Morada .....
Localidade .....

estaminé

## DL/GERAL

Uma mulher ferida no início do ataque à agência do Bank of America em Beirute é levada para uma ambulância. O ataque, reivindicada por um grupo pouco conhecido, «Organização Revolucionária Socialista do Líbano», visava inicialmente obter a libertação de palestinianos presos no país. (Telefoto U.P.I.-Telimprensa-D.L.).

### CAPITAL DO LÍBANO

# Guerrilheiros ameaçaram lançar 60 reféns pelas janelas do banco

BEIRUTE, 19 (R.) — Os guerrilheiros urbanos que têm em seu poder cerca de 60 pessoas dentro do edifício do Bank of America ameaçaram lançar os reféns, um a um, das janelas do último andar se as suas reivindicações não forem atendidas até às oito horas da manhã.

Anteriormente, os guerrilheiros tinham anunciado um prazo limite que terminava às seis horas mas que passou sem qualquer incidente.

O informador do grupo que ontem invadiu o banco de arma em punho, disse que os guerrilheiros modificaram as suas exigências e já não pedem ao Governo libanês que ponha em liberdade os palestinianos presos. O grupo desistiu dessa exigência em face da intervenção do Movimento de Resistência Palestiniana que os informou não precisar da sua ajuda por ser capaz de resolver por si próprio os seus problemas.

Por seu turno, as autoridades libanesas informaram os guerrilheiros de que os americanos se recusam a pagar o resgate de dez milhões de dólares que eles exigiram a fim de contribuir para o esforço de guerra dos países árabes.

O informador revelou ainda que cargas de plástico já se encontram colocadas no interior do edifício prontas a explodir à menor tentativa da Polícia para ali entrar.

O correspondente da Reuter falou em seguida pelo telefone com Gilbert Jaber, um dos empregados americanos do banco, o qual revelou que se encontram detidas como reféns cerca de 60 pessoas no terceiro e no quarto andar do edifício. Entre esses reféns há americanos, japoneses, sírios, um egípcio e um argentino.

O assalto foi levado a cabo por um grupo pouco conhecido que se intitula «Organização Revolucionária Socialista do Líbano».

STAR
A SUA CHAVE PARA O MUNDO

600 Agentes em todo o Mundo, 7 escritórios centrais e filiais em território português e uma vasta experiência dos mercados, garantem-lhe o conforto e a tranquilidade de viajar seguro para qualquer parte do Mundo.

Provam-no os nossos clientes que confiam em nós desde a primeira hora.

STAR
COMPROVADA EFICIÊNCIA EM TURISMO E VIAGENS

### FRANÇA

# Um acto tresloucado provoca espanto no mundo da moda

MARSELHA, 19 (R.) — Uma tresloucada, armada com uma carabina, tentou assaltar e desviar para o Cairo um Boeing da Air France, e foi morta a tiro por atiradores especiais da Polícia.

O prefeito da Polícia de Marselha, René Hockenroth, disse que a assaltante, identificada como sendo a mulher de um destacado publicista de Paris, tinha uma história de tratamento psiquiátrico. Amigos confirmaram que ela fora tratada por ter frequentes ataques de nervos.

Danielle Cravenne, de 35 anos, foi abatida ontem com tiros na cabeça e no peito pela Polícia, após assaltar sobre o centro da França o Boeing-727. Atiradores especiais da Polícia, fingindo ser Comissários de Bordo, assaltaram o avião quando ele se encontrava na pista no aeroporto de Marselha.

A mulher, identificada como sendo casada com George Cravenne, de 59 anos, um conhecido encarregado de Relações Públicas que organiza importantes acontecimentos sociais na capital francesa, foi ferida mortalmente, após disparar contra os agentes da Polícia — disseram as autoridades.

Empunhando uma carabina de Calibre 22, Danielle assaltou o avião que efectuava um vôo de Paris para Nice, e, entre várias exigências incoerentes, pediu para ser levada para o Cairo.

Ignorava-se os motivos para o seu acto tresloucado. Primeiro, Danielle ameaçou fazer despenhar o aparelho sobre o centro de energia atómica francês em Pierrelatte. Depois, afirmando pertencer a um movimento humanitário desconhecido, procurando a reconciliação entre a França, Israel e os países árabes, exigiu que fosse suspenso todo o trânsito rodoviário no país durante 24 horas e proibido um novo filme intitulado «Rabbi Jacob».

Pediu em seguida para ser levada para o Cairo quando o Boeing aterrou em Marselha para se reabastecer de carburante.

Danielle Cravenne permitiu que os 110 passageiros e alguns membros da tripulação desembarcassem, mantendo apenas como reféns o piloto e uma hospedeira de bordo.

Funcionários tentaram durante três horas persuadi-la a entregar-se, mas Danielle recusou-se a fazê-lo e proferiu várias ameaças contra os reféns.

Cravenne, chocado ao saber da morte da mulher, recusou-se a fazer qualquer declaração. Casara-se há cinco anos com Danielle Batisse, o nome da tresloucada quando era solteira. O casal tem dois filhos.

As notícias de que Danielle tinha sido morta durante um acto de pirataria aérea causaram espanto no mundo da moda e na alta sociedade parisiense, onde o marido é muito conhecido como organizador de campanhas de publicidade nos teatros e nos cinemas e de festas de gala de beneficência.

## Faleceu o caricaturista americano Walt Kelly

LOS ANGELES, 19 — (R.) — Walt Kelly, cuja caricatura Pogo, uma sarigueia, se tornou uma força política na década de 50, faleceu ontem nesta cidade. Tinha 60 anos.

Kelly utilizou a sua caricatura para atacar as investigações anticomunistas do senador Joseph McCarthy e em 1952 a sua criação foi nomeada candidata à presidência.

O caricaturista faleceu vitimado por complicações diabéticas quando efectuava uma viagem de negócios a Los Angeles.

Kelly atacou o senador McCarthy apresentando-o como um gato montês, de pelo hirsuto e de presas afiadas, que se fazia eleger para comissões com a ajuda de uma espingarda.

Não foi revelado o total de votos dados a Pogo nas eleições de 1952 ganhas pelo presidente Dwight Eisenhower.

Natural de Filadélfia, Kelly iniciou a sua carreira como repórter de um jornal em Bridgeport, no Connecticut.

# ASSALTO SIMULTÂNEO A 2 BANCOS

Continuação da Pag. 1

divíduo que se manteve ao volante, segurando uma pistola metralhadora, que disparou para proteger a retirada dos companheiros, atingindo então a parte traseira de um carro ali estacionado. Presume-se que o tiro na perna do contínuo tenha partido da mesma arma.

Ao que parece, o grupo assaltante do Totta teria levado uma quantia que ronda os 150 contos. Os assaltantes do B.N.U. usavam todos camisola de gola alta. Aqui, o «caixa» chegou a accionar o sinal de alarme.

MARGARIDA

Junto ao Saldanha
Av. República, 5

NOVO HORÁRIO DO CABELEIREIRO

Opção pelo G - 4

maior abertura de escolha dos seus ARTÍFICES

Todos os dias abertura às 9 horas
encerramento às 8 horas da tarde

ABERTO À HORA DO ALMOÇO

de Verão aos Sábados fecha às 14 h (Julho - Agosto - Setembro)

SÉRGIO

Metro Saldanha
Telefone 52401

TV

DL/ESPECTÁCULOS

# ESTE POVO QUE AINDA CANTA...

Estamos a poucos dias do início da programação nova e, por mais esforços e pesquisas, ainda não consegui entender onde se distingue da programação velha. Certamente, não o virei a entender nunca.

Quando se anunciou o recomeço da rubrica «Povo que canta» julguei — terão julgado muitos — ter acontecido nela a modificação necessária bastante para a transformar numa rubrica atraente.

Tal não aconteceu, pelo menos por enquanto. A emissão constituíu-se de restos doutras emissões reunidos na denominação geral de *«Música Tradicional religiosa»*. Saltitamos de região para região para reeditarmos velhas queixas, críticas lastimosas: a apresentação deficiente, a deficiente recolha do som, o primarismo da reportagem, a preocupação das explicações que para o grande público não explicam nem ajudam a compreender, a ingenuidade de uma certa erudição histórica, etc., etc.. Ainda, mais grave, a voz de Celeste Amorim sobre a impressionante voz popular de Souto da Casa, processo lamentável que também não é novo em «Povo que canta».

Dado que se trata de uma rubrica a defender e para corresponder aos esforços de toda uma equipa comandada por Michel Giacometti, há que proporcionar-lhe as melhores condições de penetração na audiência. Repositório de tesouros do engenho popular, como tal deverá ser tratado. Como tal, e não como parente pobre, envergonhado, a quem serve qualquer côdea. Eu sei que não terão as suas personagens a importância artística de um Gabriel Cardoso, ou de um Artur Garcia ou de um Paco Bandeira; os seus cantores, camponeses e velhos, não possuem a categoria artística nem mesmo de um Paco Bandeira, de um Artur Garcia, de um Gabriel Cardoso e de tantos, tantos outros, sei lá, um Cardoso, um Bandeira, um Garcia com os quais a Televisão gasta o melhor da sua cera. Eu sei isso. Mas ao menos por um bocadinho de respeito pelo povo português, dê-se a melhor atenção a «Povo que canta»...

Por MÁRIO CASTRIM

*PARA ISTO SE FAZ UM HOMEM?*

Das rubricas do antigo regime que permaneceram (seria mais fácil procurar saber as que sairam...) contam-se *«o livro à procura do leitor»* de Manuel Poppe, e «Um dia com...» de Navarro de Andrade e Martinho Simões.

Quanto ao primeiro, fiquei de propósito na última terça-feira à sua espera para confirmar, em obediência ao velho lema de «ver para crer». Vi — e não cri. Cri, cri — pois que remédio! Assisti a uma das emissões mais sodas da história das literaturas na televisão portuguesa e mais me convenci de que uma das mais válidas razões da permanência na televisão é não prestar nada para ela. O mesmo Poppe reconhecia que a sua rubrica não conseguira popularidade por aí além, mas lá ia andando devagarinho. Está resolvido: ao Poppe e às suas literatices, prefiro o Poppeye e os seus espinafres.

Quanto ao *«Dia com...»* as suas razões de permanência podem ser várias, de qualidade é que não são. Nem de qualidade televisual, nem de interesse para o grande público. As personagens chamadas a depor fazem-no em regime de monólogo — e agora, quem nunca viu, imagine o que é a monotonia, a «tragédia» de um monólogo durante meia hora...

O convidado de ontem foi António Bessone Bastos, nome que se reparte por vários domínios desportivos: natação, caça submarina, andebol — e em todos eles de modo a chegar aos pontos mais elevados.

Trata-se de alguém que vive para o desporto. Isto disse-o ele próprio e mesmo que o não dissesse, a realidade falaria por si. Que deveria acontecer na vida de uma pessoa para quem o desporto é a razão de ser? Deveria continuar a servir o desporto, por essas escolas, por essas colectividades populares, por esses clubes — experiência que a colectividade enriqueceu, posta ao serviço da colectividade.

Pois não. Bessone Bastos lá está burocraticamente sentado, não sei quantas horas por dia, numa actividade para a qual não serão de nenhum valor as capacidades desportivas de Bessone Bastos. Para isto se faz um homem?

# A MORTE DO POETA W. H. AUDEN

Continuação da pag. 3

me figura numa antologia de poetas liceais de 1924. Em Oxford, liga-se com Stephen Spender e Cecil Day Lewis. Lê T. S. Eliot, depois, mais tarde, Marx e Freud. Chegam os anos 30, a tomada de poder por parte de Hitler, a guerra de Espanha. Auden faz parte dos poetas «voluntários» (no sentido próprio e no figurado, pois deslocar-se-á à frente espanhola); é, com Mac Neice, Spender e Day Lewis, um dos componentes da hidra **Aacspauday**, imaginada por Roy Campbell, também ele poeta, mas da extrema-direita. A desilusão da derrota da República, os métodos de Estaline, em breve fizeram provocar a queda de um entusiasmo colectivo que, no caso de Auden, dissimulava uma profunda individualidade poética feita de virtuosidade, de gestos de desafio compensados por uma perfeita mestria do ritmo e da métrica.

Nas vésperas da guerra, Auden volta ao anglo-catolicismo de seus pais e emigra para os Estados Unidos de que se tornará cidadão em 1946.

Ocupando numerosos lugares de ensino, participando em lucrativas digressões de conferências em universidades americanas, Auden obterá o prémio Pulitzer em 1948 e o National Book Award em 1956. Prossegue na sua obra poética, marcada por uma preocupação crescente pelo indivíduo, o eu, as relações interpessoais, que alguns julgarão contrafeita, mas que toma um som de total autenticidade, o que não era, talvez, completamente o caso de poemas como **Espanha 1937** e **1.º de Setembro de 1939**. É, aliás, sintomático que, à medida que os anos passam, Auden tenha suprimido alguns dos seus poemas de juventude nas suas antologias de obras completas, ou os tenha modificado, por vezes, a ponto de os tornar quase irreconhecíveis.

Mas, repercutir-se-á, talvez mais, a voz rouca do poeta, declamando versos do alto da sua cátedra de poesia de Oxford, aonde se tornou professor de 1956 a 1961, e a lúcida evocação de uma falsa velhice com os valores da época, que se encontra nos seus últimos trabalhos **Collected Longer Poems** e **City Without Walls** (1969). Auden havia voltado, o ano passado, a instalar-se entre as paredes do colégio de Christ Church, em Oxford, mas continuava a levar uma vida muito activa, pois, era, também, crítico literário e, sobretudo, autor de libretos. Tinha colaborado no primeiro dos suplementos realizados em comum pelo **Le Monde, La Stampa, The Times** e **Die Welt**, de 24 de Fevereiro de 1972.

Teve uma influência considerável sobre a poesia britânica dos últimos quarenta anos e o seu itinerário poético e intelectual é característico da sua geração. Apesar da sua evolução para um certo retrocesso sobre si próprio e de determinadas tomadas de posição reaccionárias (não aprovara ele a guerra do Vietname?), Auden soube conservar a estima da jovem geração fascinada pela sua fortíssima personalidade.

## CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

**EDITAL N.º 129**

Faz-se saber que no dia 7 de Novembro de 1973, pelas 15 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE UM FORNO PARA INCINERAÇÃO DE CAVALOS, BOIS, CÃES E GATOS A MONTAR NO CANIL MUNICIPAL», com a base de licitação de 490 000$00 (Processo n.º 55/73/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 12 250$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 8 de Outubro de 1973.

O Presidente,

**António Jorge da Silva Sebastião**

## SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E E PESCA

Sede:
Av. Elias Garcia, n.º 123-2.º
Telef. 76 50 23/24

Centro Social:
Rua da Palma, n.º 278-2.º
Telef. 86 00 34
LISBOA

### CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos convoco a Assembleia Geral Evtraordinária para reunir no próximo dia 22 do corrente, pelas 21 horas, no Centro Social do Sindicato, Rua da Palma, n.º 278-2.º, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Resultados da arbitragem do C. C. T. dos Armadores da Marinha Mercante.
2 — Medidas a adoptar tendo em consideração a deliberação da última Assembleia Geral.

Não havendo número legal de sócios, a Assembleia funcionará meia hora mais tarde com qualquer número.

A qualidade de sócio deve ser comprovada com a apresentação do respectivo cartão.

Lisboa, 18 de Outubro de 1973.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) **Ernesto Gil de Oliveira**


# Troféu do Autódromo do Estoril

## FÓRMULA II

## DOMINGO 21 DE OUTUBRO

Às 13 h 30 m — Corridas do Campeonato Nacional de Velocidade — Grupos 3, 4 e 5
Às 14 h — Idem — Grupo 1
Às 15 h — 1.ª Corrida de Fórmula II
Às 16 h — Desfile Automóvel e Corridas do Troféu Datsun
Às 17 h 30 m — 2.ª Corrida de Fórmula II
Às 18 h 15 m — Corrida do Campeonato Nacional de Velocidade (Grupo 2)

| PREÇOS | | TRANSPORTES |
|---|---|---|
| CENTRAL | — 300$00 | TRANSPORTES DIRECTOS PARA O AUTÓDROMO GARANTIDOS DO ESTORIL, SINTRA E MARQUÊS DO POMBAL |
| LATERAL | — 180$00 | |
| PEÃO SUL | — 80$00 | |
| PEÃO NORTE | — 50$00 | |
| PARQUES | — 20$00 | |

BILHETES À VENDA

NAS AGÊNCIAS ABEP, ABELHA, NA JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL E NOS ESCRITÓRIOS DO AUTÓDROMO

# COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

# Paquete «NIASSA»

## AVISO

Informamos os Senhores Passageiros do Paquete «NIASSA» que, por motivo de força maior, fomos obrigados a adiar a sua partida para o **dia 22 de Outubro (2.ª-feira) às 20 horas**, da Gare Marítima de Alcântara.



# TEATRO AMADOR DA F.N.A.T.

ESPECTÁCULOS DEDICADOS AOS TRABALHADORES

**Sábado, 20 de Outubro:**

na **CASA DO POVO DE CASTELO DE VIDE**

pelo **Grupo Cénico do Centro de Recreio Popular do Bairro da Boa Fé — Elvas**

**«A FORJA»**, de Alves Redol

Grupo D — 18 anos

na **LIGA DE MELHORAMENTOS DA FREGUESIA DE BENFEITA — ARGANIL**

pelo **Grupo de Teatro da Casa do Povo de Oliveirinha**

**«AS ARTIMANHAS DE SCAPIN»**
de Molière

Grupo C — 14 anos

no **CENTRO DE RECREIO E CULTURA D. MANUEL DE MELLO («A TABAQUEIRA»)**

pelo **Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa — Grupo «Proscenium»**

**«AUTO DA COMPADECIDA»**
de Ariano Suassuna

Grupo C — 14 anos

**Sábado, 27 de Outubro:**

no **TEATRO BERNARDIM RIBEIRO — ESTREMOZ**

pelo **Grupo Cénico do Centro de Recreio e Cultura D. Manuel de Mello — («A Tabaqueira»)**

**«MÉDICO À FORÇA»**, de Molière

Grupo B — 10 anos

DL/ESPECTÁCULOS

CINEMA — CRÍTICA

# AVANTI, BILLY WILDER

**Título: AMOR À ITALIANA (Avanti)**
**Realização: Billy Wilder, 1973 (EUA)**
**Argumento: Billy Wilder e I.A.L. Diamond;**
**Fotografia: (Technicolor): Luigi Kuveiller;**
**Montagem: Ralph E. Winters;**
**Música: Carlo Rustichelli;**
**Intérpretes: Jack Lemmon (Wendell Armbruster); Juliet Mills (Pamela Piggott); Clive Revill (Carlo Carlucci); Edward Andrews (J.J. Blodgett); Gianfranco Barra, etc**
**Distribuição : Rank Filmes;**
**Estreia: Cinema S. Jorge (13.10.1973)**

Com **Viagens com Minha Tia** soubemos, semanas atrás, que George Cukor se encontrava bem de saúde e se recomendava. Com **Avanti (Amor à Italiana)**, descobrimos que o mesmo se passa, se possível com maior frescura ainda, com Billy Wilder, um dos mestres da comédia americana, um homem que não se cansa de renovar o humor subtil, mas sarcástico, da herança americana de Lubitch.

**Avanti** é, portanto, uma comédia divertidíssima, daquelas que muitos teimam em dizer definitivamente enterradas, mas que, afinal, de ora em vez renasce, não diremos das cinzas, mas da mediocridade em que parece irremediavelmente perdida.

Mr. Wendell Armbruster voa da América para a ilha de Ischia para regressar com o cadáver do pai que falecera vítima de um acidente de viação. Os Armbruster possuem não se sabe quantas indústrias, mais, mais de não sabemos quantos empregados (**«que irão acompanhar o funeral através da rede de televisão interna, «a cores»**)», um pequeno empório dentro do Estado, com o Governo do qual mantêm «as mais cordiais» relações. Mr. Wendell é um homem de negócios atarefado, vivendo em perfeito estado de tensão. Encoleriza-se por um pequeno nada que não sai à sua medida, grita vocifera, repudia... Um homem de negócios americano, possuido pela febre da competição, pela vertigem da eficiência, pelo delírio da velocidade e da planificação.

Enquanto viaja de combóio, vai já ditando as palavrás que irão ser ditas no funeral do seu íntegro pai que, em Ischia, de há quinze verões a essa parte, curava as maleitas e repousava três meses por ano.

De Londres sai, igualmente voando, Pamela Piggott, uma empregada de **boutique,** que vem a Ischia assistir ao enterro de sua mãe, **manicure,** que falecera em consequência de um nefasto acidente de viação. Mr. Wendell e Pamela cruzam-se e descobre o eficiente «big businessman» que, afinal, o íntegro pai de família mantinha, **«com carácter de grande regularidade»**, uma dupla vida, amancebado durante três meses em cada ano. E mais descobriu, estupefacto: que pai e amante levavam uma verdadeira existência de **sportmen** libertinos, dançando ao som de violinos até altas horas da madrugada e mergulhando nus nas águas do oceano, mal rompia o sol.

De descoberta em descoberta, Mr. Wendell começa por desistir do elogio fúnebre já gravado e que sabe agora inteiramente inapropriado.

A duplicidade da vida do pai revolta-o, mas Pamela, rechonchuda e doce, aí está para o ajudar a esquecer. Lentamente, o drástico e imperturbável Mr. Wendell vai cedendo à herança paterna, descolando para Washington com um falso cadáver na bagagem para as cerimónias da televisão **a cores**, e deixando atrás de si a marcação da **suite** preferida pelo pai.

O esquema da comédia atrás sugerido nas suas linhas gerais pressupõe desde logo, um tom de ambiguidade e equívoco, revelando inicialmente as «máscaras» para, finalmente, desvendar os retratos íntimos das personagens. E, à medida que da «máscara» se vai caminhando para o descerrar da verdadeira personalidade dos protagonistas (à medida que se vai descobrindo quem eram os amantes de Ischia que morreram abraçados, enquanto um «mau carro italiano» rolava por uma vinha a baixo), vai-se igualmente revelando o íntimo refreado, recalcado, reprimido do descendente dos Armbruster. Neste mecanismo que da ocultação conduz à luz, reside um dos princípios básicos sobre que assenta o humor de Billy Wilder.

Mas não só. Agressivo, excessivo por vezes (no que toca a toda a galeria de tipos italianos, bastante mal tratados, ao nível de uma verdadeira família **Freaks)**, de uma ironia devastadora (a figura do Secretário de Estado que surge no final é, por si só, uma criação impagável de sátira feroz a um fascismo estatal que tinha em Spiro Agnew o personagem típico), Wilder joga como poucos com uma mordacidade (quase grosseira) que consegue, apesar de tudo e contra tudo, equilibrar num plano de maturidade e discrição.

Jogando com um cómico de situação, Wilder enriquece-o com a definição de personagens hilariantes (uma delas, o gerente do hotel, interpretado por Clive Redill, consegue ultrapassar, se possível, a segurança, o **metier**, o talento de Jack Lemmon, o actor, de Wilder por excelência...) e ainda com um diálogo brilhante, a que não será alheio o trabalho de Diamond, colaborador regular do cineasta.

Enfim: uma comédia que sabe bem saborear, refrescante e viva. Billy Wilder prossegue sua invulgar carreira no pleno vigor dos seus sessenta e muitos anos de experiência e arguta observação. Vienense por nascimento, cronista americano por convicção e talento, Wilder é hoje um velho senhor que sabe da vida quanto basta para dela sorrir com o gozo indescritível que **Avanti** reflecte.

**LAURO ANTÓNIO**

**Carla Henius.**

# "EXPRESSIONISMO ALEMÃO"

O Instituto Alemão vai organizar um «Ciclo sobre o expressionismo alemão» que se iniciará com as seguintes actuações:

Terça-feira, dia 23, pelas 18 e 30 — Conferência da meio-soprano Carla Henius, Kiel: **«Coração e razão da música»** — Aspectos do Expressionismo Musical e as suas consequências para a geração dos compositores actuais — Com exemplos musicais (Mahler, Ravel, Schoenberg, Berg, Adorno, Webern, Dallapiccola, Zimmermann). Em alemão com tradução simultânea. Segue-se discussão.

Quarta-feira, dia 24, às 18 e 30 — Concerto :«Grito e Emudecimento». A consequência do Expressionismo na música vocal moderna. A solista Carla Henius interpreta composições de Luigi Nono, John Cage, Luc Ferrari, para voz e fita magnética, piano e tamborim basco.

**CARLA HENIUS**

Carla Henius nasceu em Mannheim. Meio-soprano intérprete de música nova, tem tomado parte em numerosos festivais de música, em Donaueschingem, Darmstadt, Outono de Varsóvia, Bienal de Veneza, Roma e Copenhaga. Cantou nas estreias das óperas «Intolleranza» de Luigi Nono, em Veneza, «Morte Atómica» de Giacomo Manzoni, na Piccola Scala de Milão. É sócia fundadora da International Webern Society. É professora contratada na Escola Superior de Música Folkwang.

# TEATRO

**PARIS**

Em princípios de Dezembro é reposta em cena no Theatre Montparnasse a peça de Sacha Guity «Jean de La Fontaine», com Claude Rich no principal papel. Não foram ainda distribuídos os restantes papéis, mas a encenação está a cargo de René Clermont.

**RIO DE JANEIRO**

A peça de Maria Clara Machado «O embarque de Noé», que se refere à história do dilúvio vista sob um prisma inesperado, é o espectáculo em cena no Teatro «Ablado». Como intérpretes principais foram designados Marta Rosman e Germano Filho, sob a direcção de Maria Clara Machado.

**MADRID**

Tony Leblanc, autor de canções e de vários espectáculos teatrais, levou à cena no Teatro de La Latina, a comédia «Esta es mi vida» de que é autor, director, protagonista e compositor. A comédia é de carácter humorístico e pretende apresentar uma retrospectiva da vida de Tony Leblanc.

# "A Vergonha" de Bergman

Dando início a mais um ano de actividade, vai o Círculo de Cinema da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos exibir, no próximo domingo pelas 10 e 30, no São Jorge, o filme «A Vergonha» de Ingmar Bergman.

A renovação das quotas dos antigos sócios e a inscrição para os novos, tem lugar todos os dias úteis das 14 às 20 na sede do Círculo (Av. da República, 84-6.º) ou, ainda, à entrada das sessões.

# "Os Pequenos Burgueses" no Teatro de São Luiz

O G.I.T.T. — Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria, apresentará nos primeiros dias do próximo mês de Novembro, no Teatro Municipal de S. Luiz, a peça de Máximo Gorki «Os Pequenos Burgueses», numa encenação de Fernanda Lapa.

Ao apresentar este espectáculo em Lisboa, o G.I.T.T. vai ao encontro dos desejos de numeroso público da capital e localidades limítrofes que não pode assistir à representação desta peça na Trafaria e que uma vez terminado o ciclo de representações, contactou o grupo procurando saber da viabilidade da reposição do espectáculo.

# Actividade do C.E.G.

Encontra-se em Lisboa o Professor Norbert Dufourcq, do Conservatório Nacional Superior de Música de Paris que, a convite do Centro de Estudos Gregorianos e com o patrocínio dos Serviços Culturais da Embaixada de França, dará uma série de lições naquele Centro de Estudos.

À conferência do dia 22, às 21h 30m, sobre «O Canto Gregoriano na música francesa» que é integrada na sessão solene de abertura das actividades escolares, segue-se uma série de três lições nos dias 23, 24 e 25 às 18 horas, sobre «A origem da música francesa do século XX».

A frequência destes cursos que se efectuam no Centro de Estudos Gregorianos, é livre.

O Prof. N. Dufourcq comentará ainda, na Sé de Lisboa, um concerto de órgão que o Prof. A. Sibertin-Blanc realizará no domingo 27 às 14 horas, integralmente consagrado a J. S. Bach e C. Franck, sob o título «Da análise técnica ao comentário estético».

# Papéis de "Estrela" merecem leilão

Os papéis pessoais da falecida actriz Marilyn Monroe que permitem conhecer alguns aspectos da sua vida de se tornar uma «estrela» cinematográfica, serão leiloados no domingo em Los Angeles.

Na colecção estão incluídas cartas de admiradores, diplomas escolares, e cartas do seu primeiro marido, James Dougherty, não havendo, contudo, cartas dos outros dois, Joe Di Maggio e Arthur Miller.

CCN

companhia colonial de navegação

| PARTIDAS | DESTINOS |
|---|---|
| **LINHA DE ÁFRICA** | |
| «IMPÉRIO» a sair em 3 de Novembro às 12 horas | Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, CAPE TOWN LOURENÇO MARQUES e BEIRA. |
| «INF. D. HENRIQUE» a sair em 5 de Novembro às 16 horas | Com escala em Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. |
| «LOBITO» a sair em 5 de Novembro | Com escala prévia por Leixões para: LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. |
| «UIGE» a sair em 7 de Novembro às 16 horas | Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. |
| «PORTO» a sair em 11 de Novembro | Com escala prévia por Leixões para: CAPE TOWN, P. ELISABETH (*), E. LONDON (*), DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA. |
| «INF. D. HENRIQUE» a sair em 30 de Novembro às 16 horas | Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. |

(*) SE NECESSÁRIO.

RUA DE S. JULIÃO, 63 - LISBOA 2 - Tel. 36 96 21
R. INFANTE, D. HENRIQUE, 9 - PORTO - Tel. 2 33 42

CASA DA COMÉDIA

RUA S. FRANCISCO BORJA

Hoje e todas as noites pelas 22 h., sábados e domingos «matinées» às 16 h. 2.ª feira descanso da Companhia.

A célebre peça de Kopit

OH PAPÁ POBRE PAPÁ A MAMÃ PENDUROU-TE NO ARMÁRIO E EU ESTOU TÃO TRISTE

Marc. Telef. 67 72 99. Grupo D. Maiores 18 anos

Subsidiado Fundo Teatro

## POLÍTICA AGRÍCOLA

# A A.N.P. CONTESTA A OPOSIÇÃO

*Das comissões eleitorais da A.N.P. recebemos o comunicado seguinte:*

«A política agrícola tem sido objecto de «análise», por parte das C.D.E., nos termos habitualmente usados ao longo desta campanha: leveza quase inconsciente de afirmações, ausência total de um esquema crítico, encadeado de frases demagógicas, não provadas, não fundamentadas, geralmente versando dois aspectos: condição do trabalhador rural — não levando em conta as profundas melhorias recentes da sua condição, traduzidas nomeadamente na extensão da Previdência e da Assistência Social; reforma agrária — reduzida esta ao simplismo da colectivização das terras.

Mais uma vez nos encontramos, pois, perante o esquema simplista das meias verdades (ou total ausência delas), e dos slogans apresentados como panaceia universal. Mais uma vez a oposição escapa a enfrentar lúcida e serenamente os problemas, que, somos os primeiros a afirmá-lo, no caso da agricultura portuguesa revestem-se de aspectos peculiares.

### *MÁXIMO APROVEITAMENTO; MÁXIMA DIGNIFICAÇÃO*

A orientação que se tem dado à política agrícola no sentido de fazer face a esses problemas visa não só o aproveitamento ao máximo das nossas potencialidades produtivas mas também a dignificação do homem rural integrado numa sociedade em que o seu lugar é indispensável.

Nesse sentido, para além da introdução e do alargamento dos esquemas de previdência e de assistência aos trabalhadores rurais, tem-se levado a efeito, nos últimos cinco anos, inúmeras acções que se podem enquadrar nas seguintes linhas prioritárias:

— *Orientação do ordenamento do território* de acordo com as suas aptidões agro-florestais e segundo as exigências do desenvolvimento económico-social geral e da protecção da natureza.

— *Melhoria das condições de exploração dos aproveitamentos hidroagrícolas.*

— *Incremento do fomento pecuário*, com base numa crescente eficácia do apoio financeiro e da assistência técnica.

— *Instalação duma política de crédito agrícola* no sentido de dar aos produtores agrícolas maior capacidade de investimento com base na adequação de condições e prazos dos projectos a implantar.

— *Adaptação e melhoria das* estruturas agrárias de modo a aumentar a produtividade das explorações.

— *Promoção do associativismo agrícola* para superar problemas de estrutura proporcionando os benefícios da exploração melhor dimensionada sem influência na posse da propriedade.

— *Alargamento da cultura e* da formação profissional da população activa agrícola para que possa corresponder às exigências de uma agricultura moderna inserida numa sociedade em desenvolvimento.

— *Promoção da agricultura sob contrato* no sentido de beneficiar os produtores através de preços e mercados assegurados e de conferir vantagens ao público consumidor com preços mais estáveis e não especulativos.

— *Apoio crescente à indus*trialização dos produtos agrícolas alimentares.

### *MAIS DE 6 MILHÕES DE CONTOS*

Todas as acções empreendidas até agora tiveram o total empenho dos Serviços e apreciável apoio financeiro concretizado em empréstimos e subsídios não reembolsáveis.

Através do Fundo de Melhoramentos Agrícolas foram emprestados à Lavoura desde 1968 até Junho de 1973, em condições vantajosas e para realizações diversas (melhoramentos agrícolas, adaptação ao regadio, construção de instalações cooperativas, mecanização, campos de forragens e pastagens, pomares, aquisição de animais, reconversão agrária, drenagem e despedrega, recuperação florestal e silvo-pastoril, agricultura de grupo, electrificação agrícola bem estar rural, etc) 1 705 841 contos, *distribuídos por 8 910 financiamentos.*

Através do Fundo de Fomento da Cooperação foram emprestados, desde 1969, a diversas associações agrícolas para fundo de maneio 219 950 contos, repartidos por 45 financiamentos.

Os bónus sobre trigo para sementes distribuídos pela antiga Federação Nacional dos Produtores de Trigo (agora Instituto de Cereais) desde 1969 até Setembro do corrente ano, montam a mais de 150 mil contos; e os encargos com o milho híbrido, no mesmo período, atingiram 45 mil contos.

Os subsídios concedidos, desde 1969 até agora, pela Comissão Coordenadora e Orientadora da Reconversão Agrária através do Fundo de Melhoramentos Agrícolas destinados a acções no âmbito deste Fundo somaram cerca de 1 100 000 contos, enquanto os prove...tes do Fundo Especial de Reestruturação Fundiária atingiram 60 000 contos.

Os subsídios relativos a fomento pecuário concedidos desde 1968 totalizaram a importante soma de 3 100 000 contos, com uma média anual superior a 600 000 contos.

A quantidade de financiamento, traduz, uma política social, de apoio ao pequeno agricultor, que as C.D.E. cuidadosamente ignoram pois reveste largamento em benefício, também, do trabalhador rural.

### *PROGRESSO ACELERADO*

Graças ao grande poder de adaptação do agricultor português e aos esforços do Governo tem-se progredido, sobretudo no que respeita ao aumento da produtividade por introdução de novas tecnologias. São exemplos dignos de menção, entre outros, o incremento da mecanização, o aumento do consumo de pesticidas e herbicidas, a espectacular evolução do uso de alimentos compostos para animais, a maior aplicação de fertilizantes na maioria das culturas. Apesar disso, considera-se urgente proporcionar à agricultura novas condições de progresso acelerado.

Daí o ter-se preparado para o próximo Plano de Fomento (1974-1979) um vasto programa de acção que prevê:

a) *um acréscimo do produto agrícola bruto* à taxa anual mínima de 2 por cento considerando-se a necessidade de promover o fornecimento de produtos agrícolas de harmonia com a evolução da estrutura do consumo e a preços compatíveis com o carácter competitivo que é necessário imprimir às produções e de favorecer a estabilidade interna de preços;

b) *um acréscimo da produtividade global do sector* à taxa anual de 5 por cento-6 por cento o que, acompanhado de um decréscimo da população activa agrícola ao ritmo de 3 por cento — 4 por cento ao ano, permitirá reduzir acerca de 75 por cento do seu valor actual a diferença entre os valores do produto interno bruto por activo e do produto agrícola bruto por activo agrícola.

O crescimento do produto agrícola bruto deverá continuar a estimular-se, como no passado mais recente, sobretudo à custa do subsector das produções animais, particularmente a produção de carne; no subsector das produções vegetais desencadear-se-ão diversas acções de modo a alterar a tendência do passado para decréscimo do produto, prevendo-se os aumentos mais notórios nas frutas, nos produtos hortícolas e nas produções florestais.

### *ESTÍMULO DO ASSOCIATIVISMO AGRÍCOLA*

Actuar-se-á ao nível das empresas visando melhor atribuição de factores de produção, alteração de condições insatisfatórias de mercado e aumento do nível de rendimento dos agricultores, e agir-se-á dentro dos próprios serviços da Administração no sentido de lhes conferir os recursos e o dinamismo necessários ao eficaz desempenho das funções que lhes cabem.

Para garantir a sustentação do crescimento do sector haverá que fazer um esforço muito acentuado no sentido de aumentar a área média das explorações agrícolas do continente, o que se deverá fazer, evidentemente, segundo expressões regionais diferentes. Uma possível faceta da reforma de estruturas será a constituição de *empresas públicas* para produção agrícola e florestal. Também no âmbito das alterações estruturais reviguar-se-á o *associativismo agrícola*, esperando-se que em 1969 a representação relativa do número de explorações associadas atinja pelo menos dez por cento (contra quatro por cento estimadas em 1968), com especial incidência para as empresas com mais de 5 ha e menos de 100 ha, que se visa estejam associadas, no mínimo, em 20 por cento dos casos.

O incremento do associativismo, que deverá contribuir por forma decisiva, para alterar a actual situação em que a oferta de produtos agrícolas aparece praticamente automizada, deverá ainda expressar-se pelos maiores valores relativos das quantidades produzidas que entraram no mercado através das associações. Procura-se que a quota-parte da produção controlada pelas associações de toda a Metrópole seja, no fim do Plano, 50 por cento para o vinho, 60 por cento para o leite, 20 por cento para a manteiga o queijo e a fruta, 10 por cento para a carne e 3 por cento para o material lenhoso e a rezina.

Sendo uma das limitações à actividade agrícola nas condições ecológicas de larga parte do continente, a carência de água no período de mais altas temperaturas, continuar-se-á a expandir a área submetida à rega, quer através de grandes aproveitamentos a construir peloEstado, que se revelem economicamente interessantes, quer por meio de pequenos aproveitamentos cuja construção por iniciativa privada se estimulará. Entretanto, nos perímetros de rega já em funcionamento ou a inaugurar em breve, haverá um esquema de acompanhamento da evolução económica de forma a fundamentar futuras intervenções que se revelem necessárias para assegurar que o produto gerado nessas zonas cresça a taxas nunca inferiores a 5 por cento por ano, ao mesmo tempo que se alcance uma equitativa distribuição dos benefícios.

### *RECONVERSÃO AGRÍCOLA*

A evolução procurada da actividade agro-pecuária, com acréscimos de produtividade física do solo através da adopção de melhores técnicas, e a saída de novos contingentes de mão-de-obra do sector, levam a prever importantes reconversões culturais com progressivo abandono de terras já hoje ocupadas marginalmente por actividades agrícolas, terras que reverterão para ocupações que, incluindo as actividades silvo-pastoris, se consideram no âmbito muito lato da floresta.

Haverá assim que considerar um programa, necessariamente de longo prazo, que deverá arrancar desde já e em relação ao qual se marca como objectivo a atingir o de entregar à floresta de protecção ou de produção, em regiões perfeitamente identificadas e por intermédio de actuações concentradas, 300 000 hectares até final do Plano.

### *REVISÃO FISCAL*

Com vista a atingirem-se plenamente os objectivos visados proceder-se-á ainda à revisão da lei fiscal vigente, introduzindo nela os mecanismos necessários à incentivação dos investimentos privados que obedeçam às finalidades do Plano e das actividades agrícolas de regiões críticas, particularmente das zonas montanhosas, ao mesmo tempo que se penalisam a ocupação ociosa de terras agrícolas e as estruturas mal dimensionadas do ponto de vista económico e social. A necessária legislação, a publicar até final do triénio 1974-1976, é peça fundamental na implantação de uma política de reforma de estruturas tendente a eliminar o forte dualismo de dimensão das empresas hoje existentes no sector agrícola.

### *COOPERATIVAS*

Para reforço do associativismo agrícola está prevista a participação directa das cooperativas agrícolas e das caixas de crédito agrícola mútuo nos órgãos dos grémios e federações, entregando a estes últimos a representação daquelas na contratação colectiva. Por outro lado, melhorar-se-á a representatividade dos grémios da lavoura, substituindo os concelhos gerais por assembleias, onde os únicos lugares por inerência caberão aos grupos institucionais de agricultores, sendo os restantes preenchidos por sufrágio da generalidade dos produtores.

Por último, no domínio da formação profissional da população activa agrícola, orientar-se-ão acções a empreender no hexénio próximo no sentido de criar possibilidades de formação geral e profissional que estimulem a conveniente mobilidade intersectorial e a adequada preparação profissional, face à adopção de novos métodos de trabalho e de gestão.

Todas estas medidas, serenamente referidas, definem um programa de promoção rural, bem diverso daquele que as C.D.E. nas suas frases demagógicas e superficiais, costumam referir. Pensamos no entanto que mais uma vez a reposição simples da verdade, do que esse arrazoado facioso e falso que ainda por cima encontra num socialismo utópico e dogmático, a única solução.

# SESSÃO DA ANP EM VISEU

«A violência dos processos que preconizam, a paixão que dimana da sua linguagem, a parcialidade das análises a que procedem e o radicalismo das posições já publicamente assumidas, de modo algum nos convence a que com a sua vitória um mundo melhor surgisse. Por isso e, sem prejuízo da consideração que nos merecem outros sectores de opinião, não radicais, respeitadores da integridade do País, não se vê possibilidade de outra opção possível.»

Estas palavras disse-as o dr. Alexandre Lucena e Valle, primeiro orador na sessão de propaganda da A.N.P. ontem à noite realizada em Viseu. Mais adiante:

«O Governo está firmemente decidido a prosseguir uma política social de vanguarda, baseada na progressiva redistribuição da riqueza e dos benefícios sociais e na criação de igualdade de oportunidades para todos com vista à realização e valorização de cada um. O elevado custo desta política tem provocado e continuará a provocar certamente no futuro algumas tensões, sentidas em especial por aqueles sobre quem recai o principal esforço. Mas a paz social e o bem estar da colectividade, objectivos últimos a cuja realização nos votamos, não nos permitirão abdicar da defesa daquelas finalidades, sejam quais forem as dificuldades que surjam.»

Seguiu-se, no uso da palavra o dr. João Manuel Alves que, após algumas considerações sobre a actualidade política nacional, disse, a finalizar:

«Queremos um Estado activo e forte, capaz de, com decisão empreender e levar a bom termo as reformas indispensáveis ao desenvolvimento harmónico nos domínios do cultural, social e económico de cada uma das parcelas que constituem o espaço português e a Pátria una.

Queremos um Estado que exprima a vontade da Nação, pela participação cada vez mais intensa dos cidadãos, das famílias, das autarquias e das associações morais ou das classes.

Queremos uma Nação a todos aberta, sem distinção de raça, de condição social ou localização.

Queremos um Portugal pluricontinental, uno e indivisível nos seus vários espaços.

Queremos defender o Ultramar, com a certeza de que venceremos.

Com o nosso voto, apoiemos Marcello Caetano na ingente política de reformas a que meteu ombros, na intransigente política de defesa do Ultramar em que todos nos encontramos empenhados.»

O último orador foi o dr. Vaz Pinto Alves.

«Cumprir um dever, sempre que lho seja solicitado, é, sobretudo na hora presente, um imperativo a que ninguém se deve eximir. Imperativo que envolve abnegação e testemunho. Os novos tempos exigem sacrifícios e doações. E quem se der ao cuidado de meditar sobre o que à sua roda se passa tirará necessariamente esta ilacção: a vida política está longe de ser um pequeno risco» — afirmou, no início do seu discurso o candidato pelo círculo de Viseu, dr. Vaz Pinto Alves. E prosseguindo: «Mas vale a pena lutar por um ideal: conquistar para a nossa comunidade melhores dias e preparar novos e promissores caminhos. No fundo temos é de trabalhar seriamente, despidos de preconceitos pessoais e de particularismos, desfazendo a obstrução que, por vezes, se procura desencadear contra a obra realizada e o espírito de servir que anima o Governo e confirma uma política, e pugnar para que haja mais progresso, mais justiça social mais educação mais cultura, mais bem estar para todos os portugueses.»

Mais adiante:

«Temos desvios, insatisfações, atrasos, métodos ou acções a corrigir e até impaciências? Certo. Mas o saldo da política seguida é imensamente positivo. Nos últimos anos, graças a toda uma sólida estrutura anterior, foi possível realizar, sob a égide do Presidente do Conselho, uma obra que ficará a atestar a capacidade realizadora de um Governo à altura das enormes responsabilidades dos tempos de hoje.»

Sobre o problema ultramarino disse:

«Não atacamos ninguém. Defendemo-nos da cobiça alheia e de ocultos interesses internacionais. À vozearia de tantos, nós respondemos com uma obra de civilização e valorização das terras e promoção das gentes, pretas, brancas ou mestiças que não renegaram a sua qualidade de cidadãos portugueses. E pena é que existam portugueses a preconizar o abandono daquilo que constitui o secular património moral e cultural da Nação.»

O orador, após referir problemas afectos à juventude, «onde se hão-de recrutar os dirigentes de amanhã e basear os quadros futuros da Nação» considerou que «os esforços do Governo no sentido de esclarecer e prestar contas à Nação têm de ser acompanhados, desde a base à cúpula por uma intensa doutrinação em tudo quanto interesse à vida política e social do País.»

E concluíu:

«Saibamos ser acima de tudo portugueses. Unamo-nos pois num propósito de encararmos de frente a altíssima responsabilidade de o sermos. Votemos com Marcello Caetano, votemos por um Portugal melhor para as gerações que nos hão-de seguir e continuar».

# "A instauração dos partidos políticos é um dos objectivos do Movimento" -disse um candidato oposicionista do Porto

..A intervenção do candidato Pina Moura na sessão de ontem no cinema Carlos Alberto (a terceira realizada pelo M.D.P. na cidade do Porto) foi, certamente, a que se revestiu de maior interesse, a vários títulos, no actual momento da campanha democrática no único distrito do norte do País que indicou nomes para as próximas eleições. Aliás, avaliando suas intervenções nas anteriores sessões do M.D.P., é o estudante Pina Moura quem tem vindo a traçar, mais claramente, as linhas de actuação do Movimento.

Pina Moura, afirmou ontem, de novo: «Sejamos claros, o Movimento Democrático é uma frente ampla em torno da plataforma mínima onde têm lugar todos os democratas, independentemente da sua ideologia». E logo a seguir acrescentou: «O Movimento Democrático não é um agrupamento de partidos políticos. Pelo contrário, a instauração de partidos políticos é um dos objectivos do Movimento Democrático».

Pina Moura começou por um breve relance sobre os mais recentes acontecimentos que afectam o trabalho democrático nesta campanha, recordando a proibição da sessão de Coimbra, depois os acontecimentos de Setúbal, acrescentou: «Isto, meus amigos, é farsa eleitoral. Isto são as eleições sérias de que fala o decreto se nós decidirmos não ir às urnas. Nós viemos à farsa eleitoral não para colaborar com ela, mas para a denunciar». Recordou o facto de se haver reprimido a actividade dos democratas quando, no princípio do ano, lançaram uma larga campanha de recenseamento eleitoral e prosseguiu dizendo, que os candidatos vieram à farsa eleitoral por tal atitude corresponder e ser determinada por uma análise objectiva do presente contexto político.

Depois de afirmar que o Governo vê agravado a sua posição (isolamento internacional, reivindicações operárias) prosseguiu: «Para além disso, como traço fundamental, há o grande desenvolvimento do Movimento Democrático testemunhado por todos os que acorrem às nossas sessões e pelas estruturas do nosso Movimento».

E prosseguiu: «Não viemos aqui para ganhar eleições —

Pina Moura referiu o trabalho actual do Movimento (mais de um milhar de democratas em 50 comissões de base) e acrescentou: «Se outra coisa não tivéssemos, bastava olhar para o pânico que. existe a concluir pelas afirmações do ministro Gonçalves Rapazote, dr. Elmano Alves e dos fascistas dissidentes do jornal «Expresso». A propósito das afirmações do ministro do Interior em Faro, concluiu Pina Moura: «Quem decide se o Movimento Democrático vai ou não às urnas é o Movimento Democrático e o povo português na altura própria e democraticamente.

### «ISTO É VERDADE?»

Durante a intervenção do candidato Peixoto de Almeida sobre o custo de vida, o desnível dos salários face aos preços, a inflação, o alargamento dos monopólios diante da repressão das reivindicações dos trabalhadores vários jovens procederam à distribuição, pela sala do cinema Carlos Alberto, de um comunicado intitulado «ao povo de Portugal» elaborado pelos estudantes reunidos em «meeting» que, chegado ao conhecimento da mesa, motivou uma intervenção do seu presidente, António Mota, nestes termos: O candidato Horácio Gu8marães vai comentar um texto aqui distribuído agora e que mostra bem a pouca consciência de algumas pessoas que estão aqui dentro».

Horácio Guimarães, começou por dizer que o comunicado em questão faz uma análise, que julgou correcta, da realidade e leu um passo que disse merecer reparo. O passo lido foi o seguinte: «E depois de tudo isto surgem os doutores da Oposição Democrática a apelar ao civismo, a cantar o hino e a dizerem aos trabalhadores: «colaborem connosco na palhaçada eleitoral».

Terminada a leitura, Horácio Guimarães perguntou à assembleia: «Isto é verdade? — «Não, fora com os provocadores», respondeu a mesma assembleia.

### ÍLHAVO: OUTRO CRITÉRIO

Constituída a mesa desta sessão do cinema Carlos Alberto, com diversos candidatos e representantes das comissões de trabalhadores e dos jovens, o candidato António Mota leu uma notícia dum vespertino de Lisboa que informava ter sido possível a entrada de jovens com menos de 21 anos numa sessão democrática realizada em Ílhavo e chamou a atenção para esta diferença de critérios de distrito para distrito. Guardado um minuto de silêncio em memória de Salvador Allende e lida a notícia de uma reunião sobre a habitação que terá lugar na sede da Rua Júlio Dinis, na próxima segunda-feira, à noite, António Mota leu o seu próprio discurso, em que abordou a situação dos jovens operários. Referiu as responsabilidades dos trabalhadores que se lhes exigem, depois de curto período de aprendizagem, sem a remuneração correspondente, a situação alimentar e sanitária, a não permissão de uma refeição a meio da manhã e os graves problemas que os mesmos jovens trabalhadores enfrentam quando se aproxima o ingresso na vida militar.

O candidato César Príncipe falou em segundo lugar. Do seu discurso destacamos: «Ser jovem, em Portugal, não é ser jovem na Inglaterra, na Dinamarca ou na União Soviética. Ser jovem, em Portugal, é ter de suportar uma política em que os jovens são as maiores vítimas: uma política de desemprego, de falta de escolas. (...) O Governo apercebeu-se do falhanço das suas organizações juvenis porque nunca soube nem lhe interessou ir ao encontro das preocupações de todos nós. Por isso, os jovens não respondem aos convites do Governo. Por isso, este Estado Novo é um Governo sem juventude. (...)

O povo compreende porque é que a A.N.P. concorre por todos os círculos e não apresenta um único trabalhador em todas as listas».

Falou depois a candidata Berta Monteiro sobre a situação das jovens trabalhadoras. Afirmou nomeadamente: «O patronato recorre agora a formas mais «científicas» de exploração. Quando vê que em determinadas horas do dia as condições físicas e psicológicas dos trabalhadores podem diminuir a produtividade como acontece depois do almoço e no início da manhã, põe música em alto e bom som. O objectivo será o bem-estar do trabalhador? Não! Eele sabe que o dinheiro gasto na instalação sonora será largamente reembolsado pelo aumento de produção. (...) A independência das jovens em relação ao meio familiar é mínima, entregando na íntegra o seu magro salário para o orçamento familiar, tirando-lhes assim toda a possibilidade de autodeterminação. Se querem ter algo se seu são obrigadas a fazer horas extraordinárias, agravando assim o seu já longo horário de trabalho. (...) Tudo o que seja para vender é anunciado, com a presença da mulher, desde o tabaco, passando pela cerveja até ao automóvel. (...) É urgente denunciar, dentro deste campo a manobra que é esse famigerado e célebre romance o «Simplesmente Maria». Para além do sentimentalismo que adormece, que procura alimentar, arranca das trabalhadoras o dinheiro que já lhes escasseia nos bolsos.»

O último candidato a falar nesta sessão dedicada à juventude foi o estudante Horácio Guimarães.

A sessão terminou, era meia noite, com a entoação do Hino Nacional.

## Sessão da A.N.P. em Lousada:

# Oposição: "traição aos altos interesses Nacionais em crise"

A Acção Nacional Popular realizou ontem uma sessão de propaganda eleitoral nos Bombeiros Voluntários de Lousada, círculo do Porto.

Usaram da palavra, além do presidente (sr. Cunha Mesquita), três candidatos nacionalistas às cadeiras parlamentares.

O comendador Gonçalves Abreu disse que **«Servir a agricultura, nos múltiplos aspectos da sua economia, a florestação da terra; a industrialização dos produtos que ela cria; a justa remuneração da produção agrícola e a soa comercialização; os salários de trabalho campesino e toda uma problemática que se põe à agricultura, sobretudo à dos meios minifundiários, como são os nossos, e dos quais vive, ainda, cheia de privações e ansiedades a maior parte das gentes que devotadamente trabalham a terra, será a tónica da sua acção na Assembleia Nacional».**

O inspector José Augusto de Carvalho centrou o seu discurso na denúncia da Oposição Democrática. Afirmou a dada altura: **«Não se pode compreender que, no bom sentido, se negue a evidência das realizações que em todos os sectores da vida nacional se vêm desenvolvendo. Só se compreende esta campanha de negação sistemática, sem outro tema que não seja a destruição de uma obra que é nacional, quando se pretenda criar um clima emocional que leva o povo e as terras à luta e à sua própria destruição. Desfraldando a bandeira do socialismo, como único caminho para chegar à satisfação de todas as ambições, vai preconizando o direito à greve como meio eficaz da satisfação das reivindicações, pelo que nega desde logo a sua capacidade da solução, na ordem e na paz, das justas aspirações da classe trabalhadora. Proclamando como lema os direitos do homem, preconiza uma política que rejeita o homem como ser livre e senhor da sua vontade, e o massifica e subrodina ao interesse colectivo das classes».**

Interveio por último o dr. Augusto Leite de Faria que, referindo-se aos candidatos aposicionistas, declarou: **«Mesmo que se alberguem à sombra da Oposição, para pregarem Marx — não poderá sequer conceber-se que, impunemente, se desvirtuem e atraiçoem os altos interesses nacionais em crise, até ao ponto de se assistir à mais descarada insurreição contra a guerra que terroristas teleguiados por interesses estrangeiros nos vêm impondo nos nossos territórios ultramarinos. Há limites que se não pode consentir sejam ultrapassados. E este é um deles, pois semelhante desígnio corresponde à própria demolição da Constituição Política, que não consente que tais parcelas do território nacional sejam, a pretexto de uma campanha eleitoral, colocadas em hasta pública, para gáudio dos nossos inimigos».**

# JORNALISTAS DE LISBOA APOIAM A C.D.E.

**Da Comissão Executiva do Movimento CDE de Lisboa recebemos o seguinte documento, assinado por 85 jornalistas:**

«Os abaixo-assinados, jornalistas profissionais do Distrito de Lisboa, pensam que o regime de censura à Imprensa — fruto da situação política que entre nós vigora há quase meio século — é gravemente ofensivo da sua dignidade profissional e dos reais interesses do povo português. Neste sentido, dão o seu apoio às linhas gerais defendidas pelo Movimento CDE de Lisboa, nomeadamente a luta pela liberdade de expressão.»

Acácio Barradas, Afonso Praça, Albano Lima, Alberto Villaverde Cabral, Alvaro Guerra, Ângelo Granja, Antónia de Sousa, António Joaquim dos Santos, António José Baptista, António Marcelino Mesquita, António Mota, António Rego Chaves, António Vinagre, Armando Pereira da Silva, Artur Alpedrinha, Baptista-Bastos, Cáceres Monteiro, Calado Lopes, Carlos Albino Guerreiro, Carlos Benigno da Cruz, Carlos Pina Cabral, César da Silva, Cesário Borga, Corrêa dos Santos, Daniel Ricardo, Diniz de Abreu, Edmundo Perdiz, Eduardo Valente da Fonseca, Emílio Filipe, Eugénio Alves, Faria de Morais, Fernando Assis Pacheco, Fernando Avila, Fernando do Carneiro, Fernando Cascais, Fernando Correia, Fernando Dacosta, Figueiredo Filipe Filinto Lapa, João Alves da Costa, João Gomes, João Manuel Grego Esteves, Joaquim Lobo, Joaquim Pimenta da Luz, José Andrade Santos, José António Freire Antunes Machado, José António Torres Rodrigues, José Antunes, José da Costa Vasques, José João Louro, José Joaquim Gonçalves André, José Jorge Letria, José Marcos Lima, José Rocha Vieira, José Sarabando, José Saramago, Josué da Silva, Lindorfe Pinto Basto, Luís Almeida Martins, Luís de Barros, Luís Rodrigues, Manuel Alpedrinha, Manuel de Azevedo, Manuel Ferreira da Costa, Manuel Gonçalves da Silva, Manuel Leopoldo Passos Gonçalves, Manuel Nunes, Manuela Alves Maria Armanda Reis, Maria Manuela Preto da Costa, Mário Cardoso, Mário Gomes Rocha, Mário Mesquita, Meira da Cunha, Miguel Serrano, Nuno Vieira, Pedro Alvim, Pedro Froios, Pedro Oliveira, Raul Rego, Rui Pacheco, Teresa Montserrat, Urbano Tavares Rodrigues, Viriato Dias.

**Os jornalistas profissionais abaixo indicados dão apenas o seu apoio à luta pela liberdade de expressão: Manuel Beça Múrias, Mário Alexandre, Mário Joaquim Rosendo, Víctor Manuel Marcelo Serra.**

# ADESÕES À C.D.E. DE LISBOA

**Da Comissão Executiva do Movimento CDE de Lisboa recebemos alguns nomes de democratas que se deslocaram à sede da Av. Almirante Reis, para darem o seu apoio à CDE. Prosseguimos hoje a publicação dessa série de assinaturas:**

João Enes, empregado de escritório; Domingos de Jesus Lopes, portuário; Laureano Eduardo Faria, estudante; João Gonçalves Faria, trabalhador; António Dias de Almeida, portuário; Carlos Alberto Alves Miranda, assalariado dos CTT; António José Fortunato, empregado de escritório; Francisco Correia Celeiro, operário; Franquelin Peixinho, comerciante; José Alberto de Freitas Pereira, estudante/trabalhador; Helder de Jesus Porfírio, ajudante de despachante; Olindo Branco; António Miranda Ribeiro, delegado de propaganda médica; António Fernandes; Maria Manuela Dias, doméstica; Baptista Bastos, jornalista; Victor Hugo Soares, médico; José Brito Pinto, médico; João José Vizinho, médico; Maria Isabel Leite, farmaceutica; Raul Silva, mecânico metalúrgico; César Manuel Cavalheiro Roussado, desenhador; Maria Josefina Rodrigues, estudante; Alberto Campos, caixeiro; Basilio Gomes Moreira, caixeiro; Francisco Manuel Correia, estudante; Fernando Ascensão Cortês Pinto, arquitecto Victor Manuel do Nascimento Mateus, empregado de escritório; Pedro Manuel Gomes, empregado fabril; António Capuchos, técnico de vendas; Angelo C. Ventura, empregado de escritório; José António do Carmo Guerreiro, motorista; José Matias Ricardo, serralheiro civil; José Gomes Dias, bancário; António Martins Calado, lubrificador de automóveis; Jorge Manuel dos Santos Simões; Armando César dos Santos e Costa; Salvador da Cruz, mecânico; António Manuel Cavalheiro, operário de mármores; Teresa Maria Cardoso; Maria Alda Simões da Silveira; Maria Cristina Silveira; Maria Luisa Santos; Jaime Sousa Félix, bancário; Maria José Viana de Almeida, enfermeira; Augusto Duarte de Deus, comerciante; José Ribeiro Pinto, serralheiro; José Manuel Jara, médico; Luis Filipe Sarmento Batista, estudante; Jorge Manuel Pinheiro Guerra, engenheiro; Maria Luisa da Costa Mendes Veloso, estudante; Maria Manuela Manteigas Pedro, profissional de seguros; Maria Rosa Redondo, programadora; António Costa Cerqueira, técnico de vendas; Adventino Pinheiro Amaro, empregado de escritório; Alcino Casimiro, médico; Maria S. Santos P. e Sousa, empregada de escritório; Luis José de Campos Silva, canalizador; Américo Nunes, recepcionista; Joaquim Silva, profissão livre; Orlando Silva, técnico de desenho; José Abel Pinheiro; Carlos Jorge Tavares, assistente de realização da rádio; Miguel Dantas Guimarães, estudante; António Miranda Ribeiro, delegado de propaganda médica; Sérgio Rebelo, bancário; Leonel Santos Gaboleino, canteiro; Maria Antonieta Rosa Dias da Silva Coutinho, empregada de escritório; Glória Marreiros, enfermeira; Henrique Cunha, engenheiro; José Carapucinha Santos preparador; Adelino do Carmo Simões, empregado de escritório; José Pedro de Sousa Ferreira, estudante; ÁureaSampaio Ferreira, estudante; Ladislau Henrique Gouveia, decorador; Idialeda Fontoura Pires, doméstica; Eduardo Basso, estudante; Maria Amélia Valdez, decoradora; João José Santos Rôlo; João de Medeiros, industrial; Maria Inês Cal, estudante; Carlos Alberto Costa, escriturário; Renato Ferreira, Marinha Mercante; Natércia Lopes Pedroso, caixeira; Carlos Manuel Martins, empregado de escritório; Teresa Dourado, estudante; Mário Cardoso, jornalista; Torres Rodrigues, jornalista; Helena Sá Medeiros, estudante; Sérgio Porfírio da Silva, desenhador; Carolina Flamengo, estudante; Maria Clara Viana, estudante; Ana Rita Soares, estudante; Pedro Dourado, estudante; Luis Mamede, estudante; Carlos Guimarães, estudante; Fernando Rôlo, estudante; Ana Sofia Sampaio Rodrigues, estudante; Margarida Coelho, estudante; Maria José Viana, estudante.

# COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO PROF EGAS MONIZ

Durante uma sessão plenária da Academia de Ciências de Lisboa, realizada sob a presidência da prof. Amorim Ferreira, foi comunicada a instituição, por despacho do ministro da Educação Nacional, de uma Comissão Nacional para as comemorações do centenário do nascimento do prof. Egas Moniz, a decorrer em 1974, dela fazendo parte os profs. Almeida Lima, Barahona Fernandes, Mário Silva e Miller Guerra.

A anteceder esta sessão plenária tinha-se efectuado uma reunião de trabalhos da Classe de Ciências daquela Academia, no decorrer da qual o prof. Barahona Fernandes apresentou a comunicação do prof. Simões da Fonseca e seus colaboradores, intitulada «Estudo experimental e teórico dos processos cognitivos numa situação da resolução de problemas».

O prof. Barahona Fernandes, que considerou a comunicação como «um original e importante trabalho de pesquisa científica», propôs a sua publicação nas **Memórias** da Academia.

QUAL A CAUSA DA SUA

**SURDEZ**

**Esclerose?**
**Falta de percepção?**
**Surdez nervosa?**

Possuimos um aparelho para cada caso e excepcionais preços de lançamento.

**OTACÚSTICA**

**R. da Madalena, 152-1.º E. Telef. 86 52 75 — LISBOA**

## NÃO FOI LONGE COM O FIO ROUBADO

Segundo uma participação apresentada no Governo Civil foi detido, ontem à tarde, na Estrada de Chelas, o jovem empregado de escritório Costa, natural de Lisboa, acusado de ter tirado o fio de ouro do pescoço de uma senhora em trânsito naquela via.

O jovem que utilizara o método do esticão, acabou por ser agarrado e entregue às autoridades por um popular que, entretanto, acorrera aos gritos de alarme da lesada.

DL/NACIONAL

# "A Oposição não promete soluções que o povo não conheça"

## -disse em Alvide o dr. Gonçalves Proença

O primeiro orador na sessão da A. N. P. ontem realizada em Alvide (Cascais) foi o dr. Arnaut Pombeiro.

Referindo-se ao movimento oposicionista **dito democrático** o orador identificou-o com as doutrinas comunistas e socialistas, para, depois de ter feito uma análise à progressiva escalada desses princípios, afirmar que com a designação do prof. Marcello Caetano para a chefia do Governo, a extrema-esquerda activista viu fugir-lhe todas as possibilidades de apanhar o Poder que viesse a ser-lhe «oferecido» pela inaptidão de alguns «lideres» e pela lassidão de muitos «quadros». Declarou, nomeadamente:

**«A tudo Marcello Caetano houve de fazer frente e nestes cinco escassos anos de Governo teve de reordenar muita coisa, de reacelerar muitos ritmos, de dinamizar métodos e planeamentos, de encontrar pessoas para render os mais exaustos e os mais irrecuperáveis; a obra do Governo aí está patente a todos na limpidez dos números e na objectividade dos factos.**

**E é precisamente a obra saneadora e edificante de Marcello Caetano que levou o Partido Comunista a perder as estribeiras e a vir à luz do Sol, pregar, sem rebuço, a luta armada e a empurrar os portugueses para as misérias fratricidas e para a carnificina da guerra civil.»**

E logo depois:

**«O PC sabe bem que no dia 29 de Outubro Marcello Caetano vai estugar o passo para apontar a grei para novas metas de cidadania activa, que há-de levar os portugueses a não terem de procurar no estrangeiro o pão de seus filhos; que há-de levar a cobertura sanitária do País a propiciar uma intensificação do labor médico-preventivo; que há-de levar a habitação social a ocupar o relevante papel que os tempos de hoje lhe não dispensam; que há-de abrir a educação desde o escalão infantil ao superior a todos os jovens portugueses com os únicos limites da sua capacidade de trabalho e da aptidão da inteligência de cada um; que há-de levar as mulheres portuguesas a momentos mais altos de dignidade e igualdade social sem as levar a descrer da sua sublime condição de mães; que há-de levar o saneamento, a água, e a energia eléctrica a todos os sítios e aldeias onde vivam portugueses orgulhosos da sua nacionalidade; que há-de concretizar uma mais justa redistribuição dos rendimentos; que há-de levar as infra-estruturas rodoviárias, portuárias e aéreas a corrigir as assimetrias regionais e a facultar o reordenamento do território para que não haja populações litoraneamente bafejadas e outras serranamente deserdadas.»**

Presidiu à sessão a sr.ª D. Clara Maria Teotónio Pereira Marques de Sousa, ladeada à direita pelo eng.º Alberto Alarcão e Silva e drs. Arnaut Pombeiro e Homem Themudo; e à esquerda pelo prof. Gonçalves de Proença, dr. Manuel José Homem de Melo, dr.ª Maria Clementina Vasconcelos e brigadeiro Ricardo Horta.

Entre a assistência encontravam-se várias individualidades, entre as quais o presidente da Câmara de Cascais, eng.º Pinto Machado; dr. Esteves da Fonseca, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol; sr. Serra e Moura; eng.º José Frederico Ulrich; dr. Salazar Leite; Carlos Champallimaud; eng.º Manuel Gaspar, director dos Transportes Terrestres; e brigadeiro Victor Gonçalves.

### ALUSÕES AO DR. MEDEIROS FERREIRA E AOS LIBERAIS

O dr. Arnaut Pombeiro, após referir determinado passo de uma entrevista concedida pelo dr. José Medeiros Ferreira ao vespertino «República» — e através da qual concluiu que o antigo dirigente associativo e candidato às eleições legislativas de 1965 se **«despoluiu dos quadros formais dos raciocínios absorventemente marxistas, parecendo ter recobrado o orgulho de ter nascido português»** — afirmou:

**«E evocando este exemplo de serenidade não capitulacionista do dr. Medeiros Ferreira eu pergunto se nos não cumpre e se não urge bater à porta de quantos portugueses de boa vontade e salutar e indesmentido patriotismo andam, neste Outubro enganoso, de mãos dadas com quem lhes não quer bem e que só deles quer aproveitar-se, momentaneamente, para efeitos táctico-estratégicos.**

**Eu não acredito que quantos, com ardor, escrevem e falam a favor desta C. D. E. de 1973, saibam, efectiva e realmente, com que companhias se deixaram arregimentar. Mesmo se optaram por correr um risco calculado e a prazo certo, eu pergunto-lhes: qual o preço que terão de pagar por esse casamento de ocasião?**

**E acrescento: aliança por aliança, estimados democratas parlamentaristas, católicos progressistas, republicanos liberais, democratas cristãos, monárquicos constitucionalistas, sociais democratas, etc., etc., serão os do Partido Comunista Português melhores companheiros de viagem do que os «piores» da A.N.P.?**

**Se, apesar de tudo, optardes pelo PC nada poderei fazer além de ficar imensa e sinceramente triste; se rejeitardes esse namoro «impossível» que não vejo como possa levar ao altar, então sentir-me-ei vivamente satisfeito por não querer desaproveitar qualquer oportunidade que se nos depare para, em conjunto, melhorarmos e continuarmos Portugal.**

**Podeis objectar-me que experiência recente desabona a minha perspectiva; sem embargo da amizade pessoal e dos laços de estima que me ligam a vários colegas meus ditos liberais, creio que eles, talvez por falta de experiência de luta política activa, não foram felizes ao pessoalizarem questões de evidente e inoportuno abstraccionismo jurídico-especulativo em prejuízo de direitos sociais concretos e directamente implicados e inseridos no esquema do combate de legítima defesa que a Nação foi forçada a travar e que a todos, antes do mais, cumpre vencer.**

**Ao contrário dos falsos profectas da necessidade da radicalização política interna ou acredito que o Estado Social tem suficiente força e adequada flexibilidade de manobra para conduzir a família portuguesa a uma ampla plataforma de boa colaboração: todos não somos demais para construir o Portugal Novo digno de quantos não enjeitaram o seu portuguesismo sem mácula.»**

### PROMESSAS

Discursou a seguir o dr. Homem de Melo, que em certo passo afirmou:

**«Os que se nos opõem podem prometer-vos a expropriação das vossas casas e a apropriação pelo Estado, das vossas terras, das vossas fábricas e das vossas oficinas, transformando-vos — e a todos os portugueses — em meros autómatos de uma sociedade sem esperança, bloqueada nos seus anseios e nas suas aspirações.**

**Isso nós não podemos prometer.**

**Como não podemos prometer — ao invés do que eles prometem — o exterminio da iniciativa privada, porque a maior capacidade dos mais aptos e dos mais ousados haverá de continuar a ser a garantia de criação de maior riqueza, propiciadora da elevação do nível de vida colectivo.**

**Como não podemos prometer — ao invés do que eles demagogicamente prometem — o aumento indiscriminado dos salários, porque não é possível pôr em causa a rendibilidade empresarial, lançando as massas trabalhadoras na miragem de um fictício acréscimo do poder de compra, e o País no circuito infernal de uma inflação galopante sem controle nem limites.**

**Como não podemos prometer — e eles já oferecem — a desordem nas ruas e a intranquilidade dos espíritos, porque o País carece de trabalhar em paz e serenidade.**

**Como não podemos prometer — e eles maliciosamente prometem — uma liberalização política demasiado brusca, porque não queremos, por nossas próprias mãos, deixar de ser suficientemente livres para nos tornarmos definitivamente escravos.**

**Como não podemos prometer — e eles prometem — «o regresso dos soldados», porque queremos continuar a defender as terras portuguesas de África até ao exterminio da subversão soprada e alimentada do exterior.**

**Como não podemos prometer — e eles despudoradamente prometem — o abandono do Ultramar, regado pelo sangue dos nossos mortos e integrado na Pátria através da epopeia das gerações!»**

### JOGO FRANCO E LEAL

O último orador foi o prof Gonçalves de Proença.

As primeiras palavras do candidato foram para as **«mães, noivas, esposas de todos quantos com o seu trabalho, o seu sacrifício e até a sua vida têm ajudado a construir a Nação».** Homenagem que envolvendo um pedido de desculpas — **«por tudo quanto, de injusto, de vulgaridade e de imerecido tem sido lançado sobre vós pelos nossos opositores»** — expressou igualmente o desejo de que as Mulheres de Portugal **«continuem ao nosso lado, com o vosso apoio e o vosso incentivo».**

O orador, depois de ter evocado a figura do embaixador Pedro Theotónio Pereira, traçou um bosquejo histórico da vila de Cascais e referiu as suas belezas naturais e a sua vocação para as indústrias do Turismo.

Referiu-se depois largamente à emigração e ao modo como tem decorrido a presente campanha eleitoral, tendo afirmado, quanto a este último ponto:

**«E não se diga também que o recenseamento nos é mais favorável do que a eles. Ao fazer tal afirmação estão a bater em si próprios e num momento não oportuno. Estão a confessar ou uma grave incúria política no eventual recenseamento dos seus adeptos ou uma confessada incapacidade de o fazer por falta ou desinteresse dos ditos adeptos.**

**Em qualquer caso não é este o momento oportuno para tão grave confissão de culpa política. O processo de recenseamento eleitoral, em Portugal como em qualquer outro país, tem a sua época própria, que de resto se repete anualmente por largo período. Além disso as estatísticas mostram o extraordinário crescimento do número de recenseados nos últimos tempos, a contrariar todos os argumentos dos nossos adversários.»**

8 Mais adiante:

**«A revolução, na medida em que for necessária, hão-de a fazer os que ganharem as eleições com o voto consciente e pacífico dos cidadãos eleitores. Haveremos de a fazer nós dentro dos princípios e com os objectivos que norteiam a nossa actuação política.**

**Para tanto aceitamos o jogo franco e leal das eleições democráticas na mais aberta e pura confrontação que é possível. Do nosso lado expomos a obra já feita, com as suas virtudes e os seus defeitos. A sua grandeza e as suas misérias. Ela aí está, à vista de todos, ao alcance de todas as pedradas e de todas as críticas, bem visível e saliente. Dela nada podemos esconder nem disfarçar, porque existe.**

**Em contrapartida, o que oferece a oposição: Em matéria de obra feita, nada que se veja, mesmo entre os seus antepassados políticos. Muitos deles, até prudentemente, preferem que não se fale da obra que os seus antepassados fizeram.**

**À falta de obra concreta, prometem então muitas coisas. É tão fácil prometer, quando, como no caso presente, se afirma, ao mesmo tempo, vir às eleições inteiramente convencidos de que as não poderão ganhar. O mais grave, porém, é que nem sequer pormetem soluções ou caminhos que o povo português já conheça ou pelos quais tenha mostrado predilecção.»**

## Incidentes no Porto

«Ao fim da tarde do dia 17, houve conhecimento no Comando da P. S. P. do Porto de que à porta da sede da delegação concelhia da Comissão Eleitoral de apoio à candidatura da Oposição Democrática desde distrito, sita à Rua Júlio Dinis, n.º 751, desta cidade, se fazia entrega aos transeuntes dum panfleto clandestino altamente subversivo, de implícito conteúdo sedicioso incitando o povo a uma participação actina na libertação dos chamados presos políticos.

Cerca das 19 horas, a um oficial da P. S. P. que seguia em traje civil pelo passeio junto da referida sede foi, por um jovem, entregue um desses panfletos, dando origem, não sem a sua reacção e a de outros elementos vindos de dentro, à condução desse indivíduo até ao Comando. Passados quarenta minutos a cena repete-se com um comissário da mesma corporação trajando também civilmente, abordado no mesmo local e nas mesmas condições.

Em grandes letras e em termos provocadores era, de seguida, ali colocado um enorme cartaz, com vista para o público, acusando falsamente as forças de segurança de terem invadido a sede da delegação e prendido dois dos seus adeptos.

Em face do exposto foi dada ordem para ser retirado o cartaz, encerrado e selado o edifício, ficando a chave na posse dos candidatos.

Mais quatro indivíduos foram pouco tempo depois interceptados na Avenida dos Aliados ao fazerem distribuição do mesmo panfleto.

Todos os seis foram conduzidos ao Comando da P. S. P. para identificação, levantamento do auto de transgressão e aplicação de multa nos termos do Art.º 4.º do Decreto-Lei n.º 450/72.

Porto, 18 de Outubro de 1973 — O Governador Civil, Major Paulo de Gouveia Durão.»


VERÍSSIMOS

ALÉM DA SUA PRODUÇÃO PRÓPRIA DE CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA:

APRESENTA

A SUA COLECÇÃO DE

PRONTO-A-VESTIR

EM FATOS, CASACOS E CALÇAS, SOBRETUDOS, GABARDINES E MARINES.
E AINDA GRANDE SORTIDO EM CAMISARIA, GRAVATARIA E MALHAS.
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C
TEL. 727335 — LISBOA

AVISO

CINTIA
— ACTIVIDADES HOTELEIRAS, LDA.
Restaurante CINTIA
SINTRA

Por motivo de um lanche de casamento, comunicamos a todos os Ex.mos Clientes e Amigos, de que a sua secção de Restaurante se encontra encerrada amanhã, sábado, dia 20 do corrente.

A GERÊNCIA

PRECISA-SE

Dactilógrafa/Assistente
Competente
desembaraçada
Resp. Anapaola
Telef. 66 40 70
Dias úteis entre
10 h. e 19 h.

Cão Perdigueiro
Cor castanho - claro. Nome Lasi. Perdeu-se no dia 15-10-73, junto a Monforte.
Agradeço e gratifico. Tel. 39 30 03—Porto.

FEIRA DAS MERCÊS

A Empresa de Viação Eduardo Jorge, Ld.ª, comunica que nos dias 21, 28 e 29 do corrente, efectua carreiras consecutivas entre:

BENFICA — MERCÊS
BELÉM — MERCÊS
MACEIRA — MERCÊS
e vice-versa

DL/NACIONAL

# SESSÕES DE PROPAGANDA

**OPOSIÇÃO**

MATOSINHOS — hoje às 21 e 30 no Cinema Constantino Nery
LOUSÃ — hoje às 21 e 30 no Império Cine
TORRES VEDRAS — hoje às 21 horas
ALHANDRA — hoje às 21 horas
BOBADELA — hoje às 21 horas
PAREDE — hoje às 21 horas
LISBOA — hoje às 21 horas no Centro Republicano José Estevão, na Alameda das Linhas de Torres.
MINDE — hoje às 21 horas
ESTARREJA — hoje às 21 horas no Cine Teatro
PAIO PIRES — hoje às 21 horas
RIBEIRA RUIVA (TORRES NOVAS) — hoje às 21 horas
VALADARES — hoje às 21 horas
PORTE — hoje à noite
MARINHA GRANDE — hoje à noite no Coral Galego

**ANP**

VILA FRANCA DE XIRA — hoje às 21 e 30, no Cine Teatro
GOLEGÃ — hoje às 18 e 30
VILA NOVA DE OURÉM — hoje às 21 e 30
ALANDROAL — hoje às 18 e 30
VILA VIÇOSA — hoje às 21 e 30
GAIA — hoje às 21 e 30 no pavilhão do Futebol Clube
ÓBIDOS — hoje às 21 horas
FARO — hoje às 21 e 30 no Cinema Santo António

# Comunicado da C.D.E. de Lisboa

**Da Comissão Executiva da CDE de Lisboa, recebemos o seguinte comunicado:**

O Governo tem procurado por todos os meios dificultar os contactos da Oposição Democrática com os cidadãos.

A discussão livre dos problemas nacionais esclarece que o Governo de Marcello Caetano não serve os interesses da grande maioria da população. A divulgação das afirmações da CDE alarga o grau de consciência política das populações. A distribuição de documentos emanados do Movimento CDE mostra como todos os recebem avidamente. A realização de sessões de propaganda da CDE, nas quais os democratas participam em massa, no meio de grande entusiasmo, aumenta o clima de hostilidade ao regime. Todas as manifestações da CDE em que os cidadãos sejam chamados a participar activamente, transformam-se em clara expressão da vontade popular, revelando que os verdadeiros votos do povo estão com a Oposição Democrática.

Por isso o Governo continua a aplicar a censura sobre os relatos das sessões de propaganda democrática e sobre os comunicados emanados da comissão de Imprensa da CDE, qualquer leitor disso se apercebe. E se souber que até ao dia 17 já foram emitidos mais de 100 comunicados de Imprensa... pode pegar numa colecção de um qualquer jornal e avaliar a percentagem dos que foram cortados na integra pelo exame prévio (censura).

Mas onde o regime se tem rodeado de especiais cuidados, é, na obstrução à realização de sessões de propaganda democrática.

Começou-se num aparente plano de igualdade entre ANP e CDE, por vedar a utilização de edifícios públicos para sessões de propaganda eleitoral. A medida é porém perfeitamente discriminatória, pois que a ANP não interessam os contactos directos com os eleitores, que só forçadamente comparecem nas suas sessões. A ANP, para a divulgação das suas posições tem plena liberdade na Televisão, Rádio e Imprensa... sem cortes de censura. Pelo contrário, as sessões são o único sítio onde a censura não pode calar a voz da CDE.

Autoridades administrativas (concelhias ou distritais), esmiuçam os estatutos, interpretando-os a seu modo no sentido de concluirem que as cedências são anti-estatutárias.

Também as empresas de espectáculos têm sofrido fortes pressões, caso cedessem as suas salas para sessões da CDE.

**O CENTENÁRIO DE MANZONI**

## INAUGURA-SE ESTA TARDE UMA EXPOSIÇÃO EVOCATIVA NO INSTITUTO ITALIANO

Uma exposição evocativa do primeiro centenário da morte do escritor italiano Alessandro Manzoni foi esta tarde inaugurada no Instituto Italiano de Cultura, mantendo-se patente ao público até ao fim do mês.

Trata-se de um conjunto de fotografias artísticas das paisagens lacustres, agrestes e urbanas que são o cenário da sua obra-prima, «I Promessi Sposi» («Os noivos»), romance histórico de múltiplas edições.

Manzoni, de ascendência nobre, perfilhou desde muito novo os ideais republicanos.

# A ANP EM ABRANTES
# "CABE-NOS CONTINUAR A REVOLUÇÃO DE 28 DE MAIO"

A comissão de distrito de Santarém da A.N.P. promoveu no Cine-Teatro S. Pedro de Abrantes, uma sessão pública para apresentação dos candidatos a deputados propostos pela A.N.P. para representarem o círculo.

Presidiu à sessão o dr. Ismael Lizardo Chambel, presidente da comissão de concelho da A.N.P. de Abrantes.

O primeiro orador foi o dr. Serras Pereira que, depois de focar aspectos de interesse local, salientando a obra feita pelo Governo, disse:

«O que vos quis dizer, meus senhores, nesta hora sombria em que se afirmam duas protecções do Mundo e da vida, e em que se põe em jogo a própria sobrevivência nacional, em que devemos ter fé em nós próprios, na nossa capacidade de realização, no triunfo da verdade sobre o erro, devemos saber distinguir o que nos serve e nos convém daquilo que só nos pode prejudicar. Por estes motivos, pelo relato que vos fiz de muitas e valiosas obras, sabemos como votar.

«Votamos por Portugal.»

Falou seguidamente o dr. Júlio Dias das Neves, que afirmou, nomeadamente:

«A **revolução** e o regime corporativo iniciou — em 1926, a cujo calor Portugal se tornou o País progressivo e respeitado que hoje é, renovou-a Marcello Caetano imprimindo-lhe novo alento, nova força, nova chama unificadora mercê de uma acção governativa, inteligente e ordenada.

«A nós cabe-nos, através de uma participação consciente e activa, continuar essa revolução assegurando a evolução da continuidade da mesma.»

O dr. Castelino e Alvim, depois de definir o Portugal pelo qual o Governo e a A.N.P. lutam, salientou que essa luta terá que ser travada sem temor de que a agitação de uma extrema esquerda se veja, algumas vezes, compreendida ou amparada no seu protesto por certa burguesia sempre solícita em mostrar compreensão pelo que não percebe, não entende, sempre que julga perceber que o estar bem com Deus impõe que também não esteja mal com o diabo.

Falaram ainda o dr. Calado da Maia e o dr. António Martins, tendo encerrado a sessão o eng.º Amaral Neto.

# A CDE EM MAFRA
# "NO FIM DO MÊS O GOVERNO ANUNCIARÁ A SUA ESPECTACULAR VITÓRIA"

«**Nós próprios iremos, democraticamente, determinar se vamos ou não às urnas**» declarou ontem à noite em Mafra, no cinema local, António Abreu candidato da CDE de Lisboa, durante a sessão de propaganda ali realizada.

Parafraseando Sottomayor Cardia («**as urnas não são para nós que não estamos para morrer**») António Abreu chamou novamente a atenção para as «**constantes restrições e ilegalidades**» cometidas pelo regime, relativamente à campanha da CDE, tendo entretanto sugerido: «**eles** (ANP) **que as usem** (as urnas) **como entenderem**».

Pedro Coelho primeiro candidato a usar da palavra após referir a nova maquilhagem do Regime («**mas,** — disse — **a sua essência não mudou**») focou também os limites da campanha: «**combatemos, pois com armas exageradamente desiguais. Não podemos sequer considerar uma arma esta cínica caricatura de liberdade que nos concede de quatro em quatro anos. Porque o certo é que estamos aqui porque esta reunião não representa um perigo imediato para o Governo que, no fim do mês, anunciará a sua espectacular e solitária vitória, dita eleitoral, em números que certamente rondarão os cem por cento**».

A ausência de liberdade fundamentais, a existência do Exame Prévio e a sangria da emigração foram temas focado depois pelo candidato da CDE, que interrogando-se: «**onde está a maior riqueza deste País**», adiantou a seguir:

«**está nos bairros de lata, da periferia de Paris; está nas cadeias de montagem da Renault; está abrindo alicerces para os prédios de Saint Denis; está nas fábricas de Francfort e Colónia; está nas florestas do Canadá; nos pesqueiros de Newark;**

À este propósito lembrou ainda que «**quem percorrer os campos do País verá um deserto com tristes oásis de saudade**» e «**melhor que ninguém poderão testemunhá-lo as mulheres portuguesas (que mais tardam em partir): levam-lhes os filhos e os homens para França**».

**«PATRIOTISMO»**

O isolamento internacional do País, a face pitoresca para turista ver, o «paternalismo dos nossos governantes» e o «patriotismo» foram a seguir sublinhados por Pedro Coelho:

«**A nossa maneira de estar no mundo**» — **como eles dizem** — **fez de nós uma ilha no meio do mar hostil. E até o capitalismo internacional procura com pudor ocultar muitas vezes os seus lamentáveis compromissos com o regime português!**

**Não são decerto os turistas que nos visitam as pontes que nos ligam o mundo... porque um povo não pode viver de pitoresco da sua própria miséria! A rabiça do arado, as malhas do xalavar, a canga ao pescoço do barrosão, as redes das traineiras, são sinais de uma história de que o homem português é protagonista, narrada com gestos do trabalho, construída com mãos íntimas do sofrimento, íntimas do húmus e do sal. E a terra e ao mar que ele conquista a sobrevivência. Neste contexto, todo o «very nice» é um insulto, todo o «wunderbar» uma indiferença, todo o «merci beaucoup» um escarneo. Um povo não é um anúncio em várias línguas. Não é um espectáculo. Não é o tempo parado pelo clique duma kodak. Um povo não vive colado numa parede, não é cartaz, não é «souvenir», não é album de viagens. Mas os insultos à nossa dignidade não tem conta. E o paternalismo dos «nossos governantes continua a decidir acerca da nossa matoridade política: há algumas semanas, o dr. Silvah Pinto, que é secretário de Estado do Trabalho, declarou a uma revista internacional que lá para a década de oitenta os portugueses viveriam «em estruturas nitidamente mais democráticas». Talvez que a ironia dessa afirmação tencione concretizar-se numa das famosas leis descretando que, a partir de certo momento, todos nós passamos a viver em «estruturas nitidamente mais democráticas»...**

Acerca da noção «Patriotismo» o orador perguntou:

**Será patriotismo assentar a subsistência económica nos vinte milhões de contos que os emigrantes enviam todos os anos à custa de uma ausência dolorosa e de uma existência tantas vezes humilhante?!**

**Será patriotismo escomotear ao povo a absoluta verdade de tantos factos e utilizar a mentira como arma política?**

**MAFRA**

Herberto Goulart referiu problemas do concelho de Mafra e pôs em relevo as dificuldades dos pequenos agricultores, comerciantes e industriais.

Depois de ler uma carta do mafrense, Evaristo dos Santos Pereira, presente na sala, o presidente da mesa leu um texto da Comissão Executiva do Movimento CDE de Mafra dirigido à população do concelho.

O texto refere, nomeadamente alguns dos problemas locais: as «**Condições ainda artesanais da agricultura agravadas pelas «alcavalas assustadoras sobre as máquinas agrícolas» além ausência total de assistência e segurança no trabalho**»; a ausência de escolas ou liceus suficientes; as escolas primárias improvisadas; a inexistência de qualquer parque infantil ou creche; os locais de convívio cultural são os cafés e as tabernas as estradas municipais, e até as nacionais, são já perigosas para veículos de tracção animal quanto mais para veículos automóveis; electrificação diminuta abastecimento de água nulo na época de Verão; o estado de abandono do convento de Mafra, etc...»

**NÚMEROS**

António Abreu último orador da sessão sublinhou, como já referimos o âmbito da actuação da CDE na presente campanha, comparou como sinónimo da fraqueza do Regime as assistências às primeiras sessões da ANP (300 pessoas na sessão do Voxl e da CDE (5000 pessoas em Sintra), lembrou a necessidade de se «**lançarem as bases organizativas de um movimento de Oposição que tenha o direito de existir**».

**De facto, do café ao petróleo passando pelo sisal, açúcar, diamantes, frutas, chá, manganés, bauxite, urânio, estende-se uma vasta rede de interessses de grandes grupos económicos alemães, americanos, belgas, franceses, ingleses, sul-africanos e outros em estreita aliança com a CUF, grupo Champalimaud, a Sacor, os bancos Nacional Ultramarino, Português do Atlântico, Borges, Fonsecas e Burnay e Espírito Santo.**

**Num e noutros ocupam (compensadores) cargos algumas destacadas figuras do regime desde antigos ministros a oficiais superiores das forças armadas**

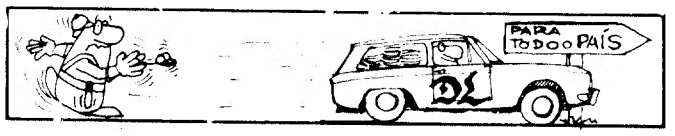
# GUERRILHEIROS URBANOS RENDEM-SE EM BEIRUTE APÓS ASSALTO A UM BANCO AMERICANO

BEIRUTE, 19 — (R) — As forças de segurança libanesas ocuparam o edifício do Bank of America onde guerrilheiros urbanos tinham em seu poder cerca de 40 reféns desde ontem. Testemunhas oculares viram alguns dos guerrilheiros, depois de se renderem, saírem do edifício de mãos levantadas.

Os guerrilheiros, membros de um grupo pouco conhecido, Organização Revolucionária Socialista do Líbano, pretendiam que os Estados Unidos pagassem um resgate de dez milhões de dólares pelos reféns e tencionavam entregar esse dinheiro aos países árabes envolvidos em guerra com Israel.

Anteriormente também tinham exigido a libertação de guerrilheiros palestinianos presos no líbano, mas a resistência palestiniana fez saber que não desejava interferências nos seus problemas e que era perfeitamente capaz de se ocupar dos seus militantes.

Os guerrilheiros urbanos tinham ameaçado atirar os reféns pela janela se as suas reivindicações não fossem atendidas até às 8 horas da manhã.



DL/NACIONAL

## SESSÃO DA ANP EM BEJA

# "TEMEMOS AS CONSEQUÊNCIAS DA DESAGREGAÇÃO"

No Cine-Teatro «Pax Julia» de Beja e sob a presidência do dr. Teófilo Lopes Frazão, teve lugar uma sessão de apresentação dos candidatos a deputados pelo círculo e patrocinados pela A.N.P.

A sala encontrava-se repleta.

Falou emnprimeiro lugar o dr. Alberto Espinhal

O candidato afirmou, em determinado passo do seu discurso:

«Somos dos que entendemos que cada vez mais os Governos devem reconhecer a potência energética da grande Sociedade que governam e superar, até para salvaguarda da estabilidade dos Sistemas Políticos em que se inserem, o tradicional fosso cavado entre ambos, origem do pleito histórico que tem conduzido à supremacia de uns ou de outros.

O Governo não pode ser mais somente 'o guardião do permanente', antes deve passar a compreender o dinamismo social e em vez de sistematicamente lhe resistir, promover para, posteriormente, elaborar, dentro dos quadros definidos pela Constituição e diplomas da sua execução directa, as fórmulas de acção política aptas a aprisionar e aproveitar o resultado das sucessivas realizações da sociedade. De forma alguma compreendemos a necessidade de integrações violentas, porque a identificação recíproca é absolutamente possível dentro dum paulatino processo de adopção.

Ao contrário da Oposição não desejamos um Estado que seja instrumento do domínio do partido único sobre a sociedade de espírito revolucionário, totalitário e enformado por uma visão exclusivamente material do Universo, mas um Estado obrigado, à representação transpessoal e intemporal que lhe é fornecida a cada momento pela Nação — repositório de valores culturais e históricos, formados no cadinho de cada geração e transmitidos umas às outras às limitações impostas pelos princípios da doutrina e moral tradicionais do País e pelo Direito Natural.

Advogamos um sistema político que superando a injustiça social do liberalismo clássico, causada, sobretudo, pela passividade do Estado, seja fortemente intervencionista, dotado de um executivo suficientemente forte mas absolutamente distinto do 'executivo incontrolado e absoluto' dos Estados totalitários. Partindo de uma visão personalista do Estado, garantindo e possibilitando a afirmação dos direitos e liberdades fundamentais — direitos políticos, económicos e sociais afasta-se contudo de uma concessão atomista da sociedade que possa ser concebida como mero somatório de indivíduos isolados uns dos outros e antes entende o homem institucionalmente inserido na sociedade, estimulando o seu natural pendor gregário conducente à formação de novos seres com vida própria e individualizada dos seus componentes com culminância no reconhecimento da personalidade colectiva da Nação, cujos superiores interesses hão-de prevalecer frente ao indivíduo e aos grupos menores.

Na persecução do justo equilíbrio dos interesses gerais da comunidade com a garantia da defesa da dignidade humana dos cidadãos e compreendendo a premência da satisfação das suas necessidades básicas educação, habitação, saúde, transportes, meio ambiente pretende-se um Estado detentor da indispensável autoridade, mas cada vez mais activo e intervencionista na vida económica e social.»

E depois de ter referido que se tem assistido à descentralização e descompressão dos circuitos do Poder e ao alargamento estadual a zonas particulares da sociedade, a fim de se possibilitar uma crescente sociabilização da vida humana, o dr. Alberto Ferreira Espinhal afirmou:

«Ao invés do Estado marxista que se apropria de todos os meios de produção, postulamos um Estado que aceite e estimule o direito de propriedade, e a iniciativa privada, mas que a disciplina em ordem a cumprir a sua função social e a assegurar o predomínio do interesse colectivo, para o que importará a coordenação superior de toda a vida económica e social em completa independência do poder económico, a fim de promover o desenvolvimento integrado do País, viabilizando uma mais justa distribuição da riqueza e a aceleração da promoção social.»

O orador afirmaria, mais adiante, que «progressivamente, temos vindo a ver consagrados na legislação laboral portuguesa institutos e regimes dos mais ousados e que os ordenamentos jurídicos de outros países ainda não lograram, ou obtiveram suportando o custo de penosaas lutas sindicais e formas de reivindicação de tipo mais ou menos selvático».

E prosseguindo:

«Em contrário das posições absolutistas, somos por um Estado de Direito, dominado pelo 'princípio da legalidade de administração' que acautele devidamente, quer pela própria hierarquização quer pelo órgão expressão da vontade popular, o controlo do poder político e, pela independência dos tribunais, as eventuais agressões da administração à esfera patrimonial e espiritual dos cidadãos e grupos sociais — pese o facto de se reconhecer que hoje em dia o Governo e a Administração e os seus Técnicos têm absoluta necessidade de legislar. Conquanto o façam com exemplar respeito das liberdades, direitos e garantias fundamentais, não se poderá pôr em causa a raiz do Estado de Direito, uma vez prevenidos os seus princípios.»

O dr. Alberto Espinhal, após referir que o nosso sistema político inspira um Estado Social que faz apelo à participação de todos nos mais variados domínios, acentuou: «O cidadão naturalmente enquadrado em agrupamentos sociais que vão desde a família, aos organismos morais, culturais e económicos e às autarquias locais intervêm activamente no plano local e regional por meio dos mecanismos de administração descentralizada ou regionalizada e no próprio exercício do poder político, elegendo as juntas de freguesia, as Câmaras Municipais, as juntas distritais, as juntas consultivas e a Câmara Corporativa. Não condena o pluralismo político. Aceita e respeita a existência de varias correntes de opinião — desde que não adoptem o ideário marxista».

E mais adiante:

«Poder-se-á pôr em causa as formas de que deverá revestir-se o pluralismo. Porém, e reconhecendo-se a necessidade duma evolução sociológica a que poderá corresponder a existência de estratos sociais bem definidos que venham a culminar em organização do tipo partidário, prefere-se, de momento, a criação e funcionamento de associações cívicas, sem carácter partidário e abertas à livre concorrência das ideias que não contestem os fundamentos da Nação portuguesa.

Quanto ao cariz reformador do nosso Estado Social, julgo que ninguém de boa-fé pode deixar de reconhecer o que tem sido o labor do Governo nestes últimos anos.»

Subordinando-se à epígrafe «trabalhando em termos do futuro», o orador teceu, seguidamente, uma série de considerações que informam a realidade do Estado Social. Afirmou:

«Trabalhando em termos de futuro e actuando sobre certas mentalidades acomodatícias, galvanizou-se toda a máquina administrativa: descentralizaram-se competências e funções; criaram-se, reestruturaram-se e comunicaram-se serviços e coordenaram-se as respectivas actividades; alargaram-se os quadros de certas funções ao mesmo tempo que foram revestidos de meios materiais e humanos necessários ao cabal desempenho das suas atribuições; pediram-se esforços e preparação teórica e prática; reorganizaram-se departamentos e corrigiram-se os seus circuitos de actuação e apoio; adoptaram-se novas técnicas e métodos de racionalização do trabalho; imprimiu-se maior capacidade de resposta nos contactos com o público. Estudou-se, planeou-se e iniciou-se a execução das grandes reformas do ensino e da formação juvenil, da saúde, do urbanismo e da habitação, das comunicações e transportes onde avulta a rede de auto-estradas do desenvolvimento industrial e agrário, com realce para as relações com as associações económicas europeias, da administração, da política do trabalho e da segurança social, da organização da justiça e, como marco histórico e estampa ilustrativa deste frenético movimento de progresso, decidiu-se e começa já a ser realidade a construção em Sines de um dos maiores portos do mundo e edificação duma nova cidade e centro industrial.

No que melhor posso testemunhar basta afirmar que desde a lei do contrato individual do trabalho, do regime da duração do trabalho, da regulamentação de contratação colectiva do trabalho, das disciplina do processo eleitoral dos organismos corporativos, dos serviços de formação profissional e do emprego, ao impulso dado à representação profissional e à regulamentação das actividades a descoberto até ao espectacular avanço dos esquemas de previdência, perseguindo a generalização do enquadramento de toda a população trabalhadora e uma eficaz cobertura de todos os riscos sociais a caminho portanto do regime de segurança social — tudo foi visto, revisto e aperfeiçoado nos últimos cinco anos.

Atestam-no também os 41.674 beneficiários da previdência rural do distrito de Beja e os seus 25.244 familiares.

Para ilustrar a afirmação poderei garantir que enquanto em 1969 pelo regime especial de abono de família foram distribuídos 1.964.700$00, em 1972 o montante atingido foi de 15.669.501$00; no Fundo de Previdência das Casas do Povo podem observar-se estes números: no ano de 1972 atribuiu-se em pensões de invalidez e velhice 10.884.150$00 e até Junho deste ano já se havia dispendido 8.101.600$00; em subsídios por doença os números cifram-se em 1.683.806$00 no ano passado quando em Junho do presente ano já se havia chegado a 1.342.559$00; e poder-se-ia continuar a demonstração, se não fora a certeza antecipada de que os trabalhadores agrícolas de Beja avaliam bem o valor dos benefícios recolhidos.

Só que não podemos quedar-nos no êxtase contemplativo da obra já realizada. O Estado Social em construção reconhece a cada didadão direitos sociais e tem de cada vez mais procurar novos meios indispensáveis ao seu efectivo exercício, à realização da justiça social e promoção do bem-estar. E, mister que avancemos...

Estará na linha das nossas preocupações a publicação do novo **Regime Jurídico do Contrato Individual do Trabalho** apontando para:

a regulamentação do **princípio da mútua colaboração** na dupla óptica da consagração de deveres para a empresa considerando o trabalhador como prestimoso colaborador, promovendo a sua integração profissional e humana, lançando mão dos órgãos de colaboração, das obras e serviços sociais e para o trabalhador que deve assumir a obrigação do constante aperfeiçoamento profissional e humano e participar nos planos de produtividade da empresa.

**a expressão concreta do princípio social da cobertura de todos os trabalhadores por uma regulamentação de trabalho** seja pela via legislativa ou administrativa.

a publicação dos estatusos da aprendizagem e dos trabalhadores idosos.

a publicação do salário mínimo inter-profissional e seus mecanismos de actualização.

a fixação das bases dum programa nacional de produtividade.

a regulamentação minuciosa das condições de trabalho no tocante a higiene, segurança e ambiente.

a disciplina mais precisa e eficaz do contencioso do trabalho de forma a garantir-se a maior celeridade compatível com a certeza do direito.

— a criação dum efectivo seguro social obrigatório de desemprego para o caso de despedimento colectivo e tecnológico.

No domínio da contratação colectiva e pese embora o reconhecer-se quanto o esquema legal actual tem propiciado como motor duma maior e melhor distribuição da riqueza entendemos achar-se recomendável:

— o aperfeiçoamento do processo arbitral e, em especial, da idoneidade técnica dos tribunais arbitrais.

a urgente publicação da convenção-tipo.

a rápida cobertura de todos os sectores da actividade económica, através da imposição de negociação conjunta, condição indispensável para se alcançarem formas mais evoluídas de contratação, como os acordos de produtividade e os contratos-programa.

a consagração de fórmulas que assegurem a estabilidade de emprego, a formação profissional permanente, esquemas de segurança social complementares da Previdência e, principalmente, da produtividade da empresa e da sua ligação aos salários.

Quanto à previdência rural e sem embargo de se apoiar a orientação de progressivamente se atingir a completa igualdade com o regime geral, entende-se que:

— deve ser alargado o regime especial de abono de família aos sócios contribuintes das Casas do Povo equiparados a efectivos;

o regime do Fundo de Previdência deve ser extensivo aos trabalhadores rurais menores de 18 anos;

seja reduzido o número de dias de trabalho mensal actualmente exigido para a concessão do abono de família por inteiro;

dentro do regime dos Fundos de Previdência deverá ser introduzido o sistema de pensões de sobrevivência em benefício dos familiareu a cargo dos trabalhadores activos ou pensionistas;

considera-se de manter para os contribuintes e beneficiários dos regimes especiais do abono de família e dos Fundos de Previdência das Casas do Povo contribuições menos onerosas do que no regime geral da previdência;

que seja ponderado um limite de idade mais baixo, para efeito da concessão da pensão de velhice aos beneficiários do Fundo de Previdência das Casas do Povo».

O orador referiu depois a problemática do desenvolvimento a todos os níveis do vasto Alentejo, afirmando em determinada altura:

«A política perfilhada nos trabalhos preparatórios do IV Plano de Fomento, cuja execução se iniciará em Janeiro próximo, dirigida à criação de áreas capazes de agir como núcleos dinamizadores do crescimento e integrados de diferentes actividades dos domínios da agricultura, da indústria e dos serviços, dando para tal prioridade às zonas beneficiadas pelos grandes aproveitamentos hidro-agrícolas desencadeados pelo Plano de Rega do Alentejo, será de louvar e apoiar, pois por este meio se concentrarão acções sobre a produção agrícola, sobre a viação rural, abastecimento de água e esgotos, electrificação, equipamentos e a formação profissional, promovendo-se a implantação de indústrias transformadoras dos produtos agro-pecuários e a prática de adequados sistemas de comercialização. Mas não se deve perder nunca de vista as demais áreas a fim de se assegurar o desejável equilíbrio regional, que têm de dispor do apoio de centros populacionais e onde há que considerar igual problemática.

Concomitantemente indispensável se torna, criar um grande centro industrial em Beja possibilitando que, pela sua força criadora, haja mais habitação, mais emprego, mais saúde, mais educação, mais recreio, mais formação profissional condições propiciadoras não só do enraizamento natural dos originários do distrito mas ainda da atracção e fixação dos técnicos de que se precisa.»

O dr. Alberto Ferreira Espinhal afirmou em seguida:

«Quando nos lembramos que tudo quanto se tem realizado e o tanto que há a fazer corre paralelo ao indeclinável dever de garantir a unidade territorial do País, só temos de afirmar a nossa profunda admiração pelo Governo de Marcelo Caetano, e continuar, hoje mais do que nunca, a dar-lhe total apoio e confiança.

Porque, não nos iludamos. Para que o Ultramar seja o que Marcello Caetano e o seu Governo pretende e se tem esforçado por concretizar quando arrojadamente indica o caminho do desenvolvimento económico-social de todos os territórios africanos, criando infra-estruturas, revigorando a agricultura, o comércio, a indústria, melhorando os serviços de saúde, da educação, os transportes e as comunicações, erguendo obras grandiosas de fomento de que são exemplo a dar ao mundo, Cabora-Bassa e o Plano do Cunene isto é uma sociedade plurirracial moderna, progressiva, autêntica criação do génio lusíada, é necessário que ao contrário do que têm afirmado os mais variados sectores da opinião (que o Ultramar condiciona a política portuguesa) a política portuguesa não condiciona o futuro do Ultramar.

Com efeito, um regresso à política partidária, com todo o seu cortejo de lutas estéreis e todo o jogo de interesses nem sempre atentos ao verdadeiro sentido da Nação, debilitariam irremediavelmente a coragem, o esforço e a abnegação com que hoje Povo e Governo se entregam ao Ultramar, pior ainda seria a instauração de um sistema político que, pela via revolucionária, conduzisse o País ao totalitarismo, o que fatalmente significaria o imediato desmembramento do território nacional.

**Reaccionários** serão os enfeudados ao marxismo e ao socialismo, os dominados pela cegueira política, os comodistas ou os medrosos, ao combater o **Projecto Nacional** de fazer uma **Nova Sociedade no Ultramar** constituída acima da cor da pela e das etnias. Esta é que será a **Sociedade do Futuro** construída por Portugal como resultante da consciência nacional e em que o **Homem** não tem de se justificar pelas suas origens ou cor.

Estar contra o **Projecto** é reacção, é não ter imaginação para conceber o futuro além dos quadros mentais que as ideologias impõem, ou estar dramaticamente fora do sentimento pátrio.

A caminho do progresso e do futuro estão os que têm uma visão dialéctica do Ultramar e acreditam nessa **Sociedade** e por ela lutam; estão os que sabem que travam o **combate pelo Progresso e pela Integridade Nacional.**

Marcelo é o criador desse **Projecto Nacional.**

Para a sua edificação não lhe faltarão nem a coragem dos nossos soldados, nem o esforço e confiança de todos os portugueses.»

E concluindo:

«Porque creio na Sociedade Portuguesa do Futuro, porque acredito na fecundidade duma política de reformas, porque creio no sentimento do povo

Continua na pag. 16

## PRESOS 12 HOMENS DURANTE UMA RUSGA NO BAIRRO ALTO

Na sequência de mais uma rusga levada a cabo, esta madrugada, pela Secção de Costumes da P. S. P., nos bares e boites do Bairro Alto, foram conduzidos para o Governo Civil, por suspeita de vadiagem, doze homens de idades compreendidas entre os vinte e os vinte e cinco anos, que, após identificação, ali ficaram detidos


## VIVENDAS

**Novas, prontas a habitar. Em Cascais, na Rua Marquês de Soveral, esta rua é a última à esquerda, subindo a Avenida Marechal Carmona, preço 2.500 contos. Outra vivenda, próximo do Colégio Marista, Carcavelos, na esquina e na rua em frente ao Colégio há tabuletas a indicar onde é a vivenda, preço 1.200 contos. As nossas vivendas são as que há para venda mais perto de estações em toda a Linha. Vendemos ou permutamos por casas para demolir e terrenos para prédios, vivendas armazéns e indústria, pagamos ou recebemos diferença de valor Também compramos terrenos na Linha do Estoril Lisboa e arredores. Temos para venda pequenos lotes de terreno com projectos aprovados para pequenas vivendas com 3 divisões assoalhadas, bom local, na Linha do Estoril Preço de cada lote, 150 contos, custo da construção cerca de 200 contos A nossa firma é construtora das vivendas e proprietária de tudo Tecnicimento, Ld.ª Av. 5 de Outubro, 31 R C., Lisboa-1. T 53 97 73 e 53 97 74, dias úteis, 9.30 as 12.30 e 14.30 às 18.30, sabados, das 9.30 às 12.30.**

DL/NACIONAL

## REUNIÃO OPERÁRIA EM MOSCAVIDE

# Perante quatro candidatos da CDE a assistência criticou a vida local

Compacta assistência, em que predominavam os operários entre os vinte e os trinta anos, participou activamente na parte final da sessão que a C.D.E. de Lisboa promoveu ontem à noite em Moscavide. A reunião teve de realizar-se na pequena sala do Centro Social Paroquial, onde dificilmente se contiveram mais de quinhentas pessoas, especialmente receptivas às consignas relacionadas com o regime de trabalho e aos enunciados respeitantes à vida local.

Abílio Mendes presidiu à sessão. O motorista João Sequeira Branco, os estudantes Luísa Amorim e Manuel Fernandes, e o economista Tavares da Cruz, candidatos da lista da C.D.E., revezaram-se ao microfone durante as três horas da sessão, em que se repetiram, para os trabalhadores dum dos mais importantes centros fabris da cintura de Lisboa, as palavras-de-ordem de conquista da democracia da paz, da amnistia e da liberdade». Os oradores, entre os direitos reivindicados, referiram especialmente o direito à greve; entre as liberdades, referiram especialmente as sindicais. Como forma de organização, propugnaram um **amplo e organizado movimento democrático, aberto a todas as camadas** tendo como primeira meta a luta **pelo seu reconhecimento legal.**

Sem que tenha havido debate, as perguntas e respostas sucederam-se na fase final da reunião: mais do que o carácter local e popular das reivindicações que alguns assistentes exprimiram, em curtas frases carregadas de humor e sentido político, contou a possibilidade de expressão dos sentimentos, a manifestação colectiva da vontade e o efectivo encontro das pessoas entre si.

Antes desta parte da sessão, o dr. Tavares da Cruz lamentara a ausência do comerciante de Moscavide, José Gouveia Não **estamos bem a par dos problemas de Moscavide**, disse o candidato, **embora os possamos imaginar: escolas, transportes, rendas de casa... Queríamos que José Gouveia estivesse aqui para falar convosco.**

### ABAIXO-ASSINADOS

**Isto já não vai com abaixo-assinados!** lançou João Sequeira Branco no final da sua intervenção, numa linguagem simplificada, que se entendeu ser a mais adequada à assistência de operários.

Começara com um **queremos liberdade sindical na nossa terra**, descrevendo depois a história recente das direcções do Sindicato dos Motoristas.

**O Governo faz cartazes a dizer não há droga! Nisso estou de acordo! Mas não será o futebol uma droga, o ópio do povo? Quando vejo desporto a servir para a imbecilização do povo, digo não!** lançou ainda Sequeira Branco, lamentando que o desporto das maiorias fosse, em Portugal, **uma ginástica de bancada.**

E depois aludindo aos termos da propaganda nacionalista, que afirma serem os candidatos da oposição «agentes do terrorismo» e «elementos subversivos»: **será ser subsersivo denunciar a alta do custo de vida, o aumento das rendas de casa, a subida dos transportes, o preço do ensino? Quem é subversivo não é quem trabalha.**

### «O REGIME QUE NOS DESGOVERNA»

**Porque é que lutamos?** Perguntara e respondera Luísa Amorim, citando números, apoiando-se em palavras de ordem, tratando de salários e preços, pedindo **um Portugal pacífico e prestigiado internacionalmente**, tudo **porque não há Governo que nos impeça de discutir abertamente os nossos problemas.** Terminada a intervenção, alguém da assistência, sorriso aberto, pediu para **essa grande mulher que mete medo a muitos milhares de homens** uma salva de palmas, que a candidata endossou à C.D.E.

Anunciara para Almada, domingo, às 9 horas, um Plenário de Mulheres para durar o dia inteiro e terminar com o estabelecimento dum caderno reivindicativo e de conclusões sobre o trabalho democrático feminino. Falara da repressão que atinge centenas de pessoas **«apenas por pensarem de maneira diferente do que os defensores do Estado Novo»**. Protestara, e suscitara repetidos e gerais protestos, **«por ser arrancada ao País uma gigantesca força produtiva que poderia ser empregada na melhoria do bem estar material e cultural do nosso povo»**. Falara contra o regime **«que nos governa, ou antes, que nos desgoverna»**, forçando-nos **«ao malabarismo o mensal de sobreviver com salários magríssimos»**. Reivindicara para os trabalhadores a gestão dos dinheiros da Previdência, **«arrancados ao nosso trabalho»**

Disse que em 1972 os preços subiram em 11 por cento, enquanto os salários só cresceram 9 por cento. Que doze dos maiores bancos, só com emissões de acções, acrescentaram, no mesmo ano, dois milhões e meio de contos aos seus lucros. **«Em 1960, um milhão e meio de portugueses vivia em barracas ou partes de casa. Dez anos depois, o número subiu em 200 mil. Entre 1966 e 1972, as rendas de casa subiram 174 por cento enquantos os salários subiram menos que metade disso: 82 por cento. É para acabar com isto que lutamos!** dissera.

**«Lutamos contra a ingerência do imperialismo estrangeiro na nossa pátria, lutamos pela socialização da saúde contra a insegurança no trabalho, pelo fortalecimento da classe trabalhadora.**

### ESTUDANTES

Outro estudante, Manuel Fernandes, começou por falar sobre a situação no Instituto Supecior Técnico, que se encontra encerrado

O orador terminou comentando, de modo geral, a natureza da Universidade portuguesa **«que serve apenas para fornecer os quadros administrativos e técnicos de que necessitam os senhores da banca, da indústria e do latifúndio».**

### MEIO CAMINHO

Ao dr. José António Tavares da Cruz coube o tempo seguinte da sessão, O candidato que é economista de profissão, considerou como «mais uma manobra demagógica, igual a muitas que conhecemos», a recente criação do Conselho Nacional dos Preços, **«em que poderão, repito, poderão, vir a estar representados delegados do Estado, dos produtores e dos consumidores. O Estado: tecnocratas e maus profissionais. Os produtores? Serão as pequenas e médias empresas, cada vez mais absorvidas pelos monopólios? Serão os pequenos produtores agrícolas? Ou serão os supermercados? E que consumidores serão chamados a participar? Isto não vai com conselhos. A inflação que tanto nos atinge só terminará com a alteração radical das estruturas económicas»** disse o orador que depois criticou o conceito oficial de «participação» e de «co-gestão».

Voltando a apelar para a luta o dr. Tavares da Cruz afirmou: **«a luta é muito dura, e temos de ter consciência disso. Ter a consciência de que a luta é dura é meio caminho andado para a nossa vitória.»**

terminada a sessão (com «A Portuguesa»), à meia-noite em ponto.

# Problemas dos pescadores abordados na Gafanha

Com o Cine Teatro da Gafanha da Nazaré completamente cheio, a Oposição de Aveiro realizou mais uma das suas sessões, desta vez presidida por Armando Gouveia, que chamou para o secretariar o jovem médico aveirense Jorge Seabra, candidato pelo círculo de Coimbra, que dirigiu uma saudação a toda a assistência, dizendo: A nossa e a vossa luta é uma pela libertação do povo português». O dr. Flávio Sardo e Nelson Monica Modesto tambem tomaram lugar na mesa

Em certo passo do seu discurso, Armando Gouveia disse: «Nestas eleições que são farsa alguém tomará parte, mas nunca os candidatos da Oposição. Não é comneleições destas que aqueles que há quarenta e sete anos estão no comando o vão largar. Ainda não será desta vez, com as falsificações dos cadernos eleitorais e as restrições impostas às campanhas que a Oposição terá assento na dita Assembleia Nacional. Por isso, nunca o povo se deu por convencido por este Governo, um Governo de manifestações espontâneas ao Terreiro do Paço com transportes pagos. A tudo isto o povo português respondeu com o desprezo da emigração. E a ANP diz que o nosso povo tem espírito de aventura! São aventureiros, sim,nmas na altura pela sobrevivência e nas dificuldades tremendas que têm de superar nos saltos de fronteira.

Seguiu-se o candidato Rufino Cunha que falou da alta do custo de vida, dos preços, da acção fiscalizadora das actividades económicas que só actua sobre os produtos das pequenas e médias empresas. Numa terra onde abunda a classe piscatória, sobretudo a do bacalhau, o orador abordou as condições de trabalho dos pescadores, os seus magros proventos e o problema das Casas dos Pescadores, atacando a sua assistência social, que classificou de «ridícula e vergonhosa».

E perguntou: «As vossas crianças emnidade pré-escolar onde ficam quando as mães vão para o trabalho?» «E quantas creches existem?» «Nenhuma!» «Quantos filos de pescadores têm ingresso na Universidade?» «Nenhum!» E o orador continuou: «É evidente que tudo isto não acontece por acaso

Sigam o exemplo dos de Matosinhos, um baluarte e um estímulo para todos os pescadores.

Como vem acontecendo em anteriores sessões, o candidato Mário Rodrigues foi dos mais aplaudidos. Em tom satírico, salientou: «Talvez seja este o último encontro da Oposição com o povo. Assim nos fazem crer. Talvez que daqui a quatro anos já não haja eleições.

O lavrador Amaral Reis Pereiras abordou problemas agrícolas dondistrito, salientando o caso da taxa do vinho, em que, disse, onGovernador Civil e os candidatos a deputados do Governo na anterior legislatura faltaram ao prometido. E perguntou: «Se ela se mantém, de quem é a culpa, sr. Governador? Quem traíu o povo para arrancar votos?»

O dr. Seiça Neves foi apresentado pelo presidnete da sessão como um Homem com H grande, «uma vida inteira ao serviço da luta pelo povo, português». A assistência recebeu-o de pé com uma extraordinária ovação.

Depois de lembrar os incidentes de Aveiro quando do III Congresso da Oposição Democrática, disse: «E fala o Governo em nome do Cristianismo! Mas a maioria dos católicos está com a Oposição. E u amo verdadeiramente onmeu País. Por isso luto. Não podemos tolerar que digam que somos pobres. Então a Suiça e a Holanda não são mais pequenos que nós e o seu nível de vida não nos é nítidamente superior? Como conseguiram isso? Com Governos diferentes do nosso»

# TÉCNICO DE ORGANIZAÇÃO

Para trabalho em equipa no âmbito de organização e métodos do trabalho Administrativo.

**EXIGE-SE:**

— 3.º Ciclo Liceal ou equiparado
— Contacto com a organização e métodos de trabalho administrativo
— Idade não superior a 30 anos

**CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA:**

— Contacto com planeamento comercial
— Noções de contabilidade

**OFERECE-SE:**

— Semana Americana
— Retribuição compatível
— Estabilidade

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 945


## RECTIFICAÇÃO

. Por lapso fácilmente identificável pelos leitores, publicamos ontem no relato da sessão de propaganda da CDE de Lisboa no Cacém que o candidato João Sequeira Branco havia afirmado: «Isto vai com eleições». Na verdade o que o candidato disse foi o contrário: «Isto não vai com eleições.»


MONUMENTAL DE SANTAREM

AVISO

A Corrida de Toiros, à Portuguesa, anunciada para o passado domingo, foi transferida, devido ao mau tempo, para o próximo sábado, dia 20, às 21.45 horas, com o mesmo elenco artístico e com os mesmos preciosos toiros.

No domingo, dia 21, às 16 horas, realiza-se a «Novilhada dos Triunfadores».

Os preços são muito baratos.

Espectáculos Grupo A — 6 anos

DL/ESTRANGEIRO

A actriz Jane Fonda processou o presidente Richard Nixon devido às violações dos seus direitos individuais por parte do Governo. A telefoto mostra a actriz durante uma conferência de Imprensa em que anunciou a sua decisão. Nas mãos de Jane Fonda estão documentos secretos do Departamento da Justiça que tratam das suas actividades. Os documentos foram-lhe entregues pelo colunista Jack Anderson. (UPI-Telimprensa-DL).

# UM CESSAR-FOGO PREMATURO É CRITICADO NO CAIRO

CAIRO, 19 (R.) O primeiro-ministro soviético Kossyguine parece ter partido já do Cairo de regresso a Moscovo, depois de ter aqui conferenciado demoradamente com o presidente Sadat sobre a situação no Médio Oriente, enquanto no Sinai se travavam as mais violentas batalhas de tanques desde o início da guerra.

A visita de Kossyguine foi mantida em rigoroso sigilo e só foi anunciada após a sua partida. Um breve comunicado oficial, que não indicava a data da chegada nem da partida, disse apenas que durante a sua permanência no Cairo Kossyguine realizou três longas reuniões com o presidente Sadat.

Não se sabe por enquanto qual foi o objectivo exacto da visita e não há qualquer indicação de que o dirigente soviético tenha conseguido convencer Sadat a suspender a luta e a aceitar negociações.

Os observadores locais pensam, porém, que antes dos egípcios aceitarem um cessar-fogo terão de receber garantias de que eventualmente Israel está disposto a abandonar os territórios ocupados, para o que serão ainda necessárias muitas diligências diplomáticas internacionais.

O presidente Sadat já anunciou publicamente, de resto, as condições em que aceitará o cessar-fogo e sentar-se à mesa das negociações com Israel. No seu discurso de terça-feira, Sadat mostrou-se inteiramente disposto a aceitar o cessar-fogo e a participar numa conferência de paz sob os auspícios da ONU, desde que Israel aceite o princípio da evacuação dos territórios árabes que ocupa desde 1967.

### LUTA EM ESCALA SEM PRECEDENTES

Fontes bem informadas dizem que os dirigentes egípcios e soviéticos têm estado a estudar a possibilidade de um acordo de paz garantido pelas duas super potências, mas o influente comentador político Mohammed Heykal, director do jornal Al Ahram, insurge-se hoje contra um cessar-fogo prematuro.

Segundo Heykal, se os árabes deixarem de lutar a meio caminho isso permitira a Israel recuperar as forças para, na primeira oportunidade, retomar os seus intuitos agressivos, repetindo-se assim todos os erros do passado.

Entretanto o correspondente do «Al Ahram» na frente do Sinai informa que a luta continua a travar-se ali numa escala sem precedentes. Ambas as partes estão a lançar em combate centenas de tanques, apoiados pela aviação e artilharia. O correspondente egípcio diz que os israelitas lançam vagas sucessivas de blindados ao assalto sem se preocuparem com as baixas que sofrem.

Um comunicado oficial revela que as forças egípcias ontem abateram mais 15 aviões israelitas no Sinai e três helicópteros. Quanto às forças israelitas que se infiltraram na margem oeste do Canal, encontram-se cercadas e estão a ser atacadas de várias direcções.

### O PETRÓLEO COMO ARMA DE PRESSÃO SOBRE OS EUA

Entretanto os países árabes já começaram a servir-se do seu petróleo como uma arma para fazerem pressão sobre os Estados Unidos e sobre todos os países que apoiam Israel.

O rei Faiçal da Arábia comunicou ao presidente Sadat que o seu país vai imediatamente reduzir em dez por cento a produção de petróleo e, se as actuais diligências para pôr termo à guerra falharem, a Arábia Saudita está disposta a cortar, pura e simplesmente, os fornecimentos aos Estados Unidos.

O pequeno estado de Abu Dhabi também anunciou já a suspensão das exportações de petróleo destinado aos Estados Unidos e fez um apelo a todos os países árabes para que tomem idêntica posição.

Os Estados Unidos importam 1 200 000 barris diários dos países árabes, o que representa no entanto apenas seis por cento das necessidades americanas. A suspensão total das exportações de petróleo árabe não traria consequências graves imediatas para os Estados Unidos, mas a longo prazo contribuiria para o esgotamento das suas reservas, o que nenhum país industrializado pode permitir, sob pena de ficar paralisado.

## Israel contra o cessar-fogo

JERUSALEM, 19 (UPI/ANI) Referindo-se à recente visita secreta do primeiro-ministro Alexei Kossyguine, ao Cairo, um funcionário superior do Ministério israelita dos Negócios Estrangeiros disse que a URSS poderia estar a exortar o Egipto a concordar com um cessar-fogo permanente, mas que os Estados Unidos e Israel se recusaram a aceitá-lo.

A missão de Kossyguine, segundo o mesmo informador, seria a de aconselhar o presidente Anwar Sadat a aceitar um cessar-fogo neste momento, em que as suas forças se encontram na margem oriental do Suez.

## Os egípcios afirmam ter repelido um contra-ataque

CAIRO, 19 (R.) Tropas egípcias infligiram pesadas baixas em homens e equipamento às forças hebraicas, mas os israelitas estavam ainda a lançar mais soldados e máquinas na batalha do Sinai — segundo comunica hoje o correspondente de guerra do Al Ahram.

Diz que os judeus estavam a empregar mísseis anti-tanques SS-11, helicópteros equipados com foguetões contra tanques e artilharia pesada de 175 milímetros na luta pelo domínio do sector central do Sinai.

O correspondente do jornal cairota escreve, que a despeito das armas básicas e auxiliares utilizadas pelos israelitas os egípcios puderam infligir «baixas pesadíssimas ao inimigo em homens e equipamento».

Declara que as grandes baixas judaicas eram devidas à precisão do fogo dos tanques e dos mísseis anti-tanques egípcios, tendo a artilharia egípcia registando um impacto directo nas posições hebraicas.

O correspondente de guerra da agência noticiosa egípcia do Médio Oriente comunicou que tropas egípcias tinham repelido um contra-ataque israelita, inflingindo ao inimigo pesadas baixas.

Acrescenta que centenas de tanques e carros blindados israelitas podiam ser vistos completamente destruídos, especialmente no sector central.

# Os militares chilenos restituem aos particulares mais de 200 empresas

SANTIAGO DO CHILE, 19 (R.) A Junta Militar chilena revelou que restituirá à propriedade particular a imensa maioria de companhias colocadas sob uma forma de controle do Estado pelo antigo Governo da Esquerda de Salvador Allende.

Uma comunicação feita pelo ministro da Economia, Fernando Leniz, citava um grupo de mais de 200 companhias grandes, médias e pequenas, mas não se referia ás grandes minas de cobre do Chile, cuja nacionalização a Junta afirmou que continuará em vigor.

O ministro aludia ontem ás companhias que o regime do dr. Salvador Allende colocou sob controle do Estado, com a nomeação de administradores por decreto governamental.

Essas companhias não foram nacionalizadas e continuavam a ser propriedade legal dos seus donos. O Governo declarou a intenção de nacionalizar algumas delas — um procedimento que requeria aprovação Parlamentar — e de restituir outras aos seus proprietários.

Essas firmas tinham sido submetidas á intervenção um sistema normalmente utilizado neste país quando o Governo se intromete para fazer com que companhias continuem a operar durante uma disputa de trabalho ou quando são péssimamente administradas ou de forma desonesta. Contudo, críticos do presidente Allende acusaram-no de abusar do sistema de alargar a nacionalização após a oposição no Parlamento bloquear tentativas nesse sentido.

Leniz disse, porém que em companhias de umanatureza monopolista ou estratégica para a economia, em que se «interviera», contínuariam sob controle do Estado.

A comunicação do ministro não aludia ás importantes minas de cobre chilenas, que foram nacionalizadas formalmente pelo dr. Allende, com a aprovação unânime do Congresso, dominado pela oposição. O regime militar tornou já claro que as minas de cobre e outras, o petróleo e siderurgias continuarão em poder do Governo.

Os antigos Bancos particulares do Chile, que foram quase todos nacionalizados pelo Governo do dr. Allende parecem também estar fora do âmbito da comunicação do ministro.

As autoridades não mostraram até agora qualquer sinal de quererem restituir os Bancos a empresas privadas.

### AUMENTO DE PREÇOS

O Governo militar do Chile aumentou ontem os preços dos alimentos, serviços e artigos de consumo entre 200 a 400 por cento ou mais numa tentativa para melhorar a produção.

Para compensar a classe trabalhadora, o salário mínimo foi mais do que quadriplicado, passando a ser de 12.000 escudos chilenos (cerca de 1.100 escudos) por mês, e o Governo anunciou que estava a estudar um plano para autorizar o pagamento de subsídios especiais.

Entre as 60 coisas que sofreram aumentos de preços encontravam-se as passagens dos autocarros, o leite, o pão, a carne e os cigarros. O preço da gasolina aumentou em mais de 700 por cento e a carne para bife em mais de 500 por cento.

## Promoção da liberdade de Imprensa

BOSTON, 19 — (F.P.) — Um importante acordo destinado a promover a liberdade de Imprensa através do mundo foi concluído ontem em Boston entre o Instituto Internacional da Imprensa (IPI) e a Associação Interamericana da Imprensa (IAPA).

O acordo, que prevê a criação de um "comite" mundial para a liberdade da Imprensa", deve ser assinado oficialmente hoje, na sessão de encerramento da assembleia geral da IAPA.

## Forças israelitas combatem em ambos os lados do Canal

TEL-AVIV, 19 — (R) Forças israelitas lutam hoje em ambas as margens do Canal de Suez e afirmam ter obrigado os egípcios a passarem à defensiva no gigantesco duelo de tanques no Sinai.

O ministro israelita da Defesa, Moshe Dayan, declarou a noite passada que a força de combate judaica, operando na margem ocidental do Suez, ali permaneceria «até ao fim da guerra». Mais tarde, rádio Israel comunicou que Dayan visitara essa força de combate duracte o dia de ontem.

O ministro disse a repórteres da televisão israelita, perto da frente do Sinai, que a tarefa da força era atacar pela retaguarda as linhas de abastecimento, artilharia, mísseis e unidades de combate egípcias.

Outros oficiais hebrácos de alta patente revelaram que unidades que se encontram na margem oriental se tinham reunido agora à coluna de combate, que atravessou o Canal na segunda-feira, reforçando-o com blindados e artilharia e abrindo uma cunha no meio de uma divisão egípcia.

Na margem oriental, ocupada por Israel na guerra de 1967, os judeus asseveraram ter destruído metade dos 1200 tanques egípcios nas batalhas que se travam há dias no Sinai.

Um informador militar israelita comunicou hoje que continuaram durante a noite os duelos de artilharia em toda a extensão da frente, mas não forneceu mais pormenores.

Um comandante hebéico na frente disse que os egípcios se achavam da defensiva e preparando-se para o que os israelitas consideram como a batalha mais decisiva a travar.

O general Dayan observou que a iniciativa passara agora a pertencer completamente aos israelitas, tanto na frente do Sinai como na Síria. Uma batalha crítica pelo domínio do Canal principiaria dentro de alguns dias.

A sorte da força de combate na margem ocidental terá um grande efeito na próxima fase das hostilidades e observadores de Tel-Aviv consideram a sua presença como um factor importante em qualquer futuro acrodo de paz.

O gabinete israelita reuniu-se ontem novamente emsessão e ouviu relatórios do general Dayan e do chefe do Estado Maior, tenente-general David Elazar.

Nao foram divulgados pornemores da sessão, mas observadores julgavam que um dos tópicos discutidos foram sondagens feitas pelas grandes potências sobre a possibilidade de um cessar fogo.

Na guerra aérea na frente egípcia, Israel asseverou ter abatido três jactos Mirage, de fabrico francês. A França rejeitou essa alegação, cgnsiderando-a inconclusiva.

Pilotos judeus comunicaram terem deparado ontem com caças Mig-21, de fabrico soviético, pilotados por norte-coreanos, mas disseram que não houve combates com eles.

DL/GERAL

# Emerson Fittipaldi chegou ontem

Emerson Fittipaldi, o campeão do mundo de 1973, que este ano não pôde revalidar o seu merecido título devido a uma estranha política interna da Lotus que lhe reservou sempre os piores carros, chegou ontem à noite a Lisboa para assistir à corrida de Fórmula 2 do próximo domingo, no Autódromo do Estoril, e cujos treinos têm início já hoje. Para muitos milhares de adeptos do automobilismo o facto de Emerson não correr constitue uma decepção enorme tanto mais que o seu nome fora anunciado há já bastante tempo como um dos «top-drivers» que estariam presentes nas pistas do Estoril.- Estamos convencidos que o próprio Emerson gostaria também de actuar em Portugal onde o seu nome alcançou uma projecção e uma admiração nada inferior àquela de que disfruta no Brasil. Uma lesão num pé, contraída no circuito de Zandvoort, durante o Grande Prémio da Holanda, e que posteriormente se agravou, impede-o de proporcionar aos seus admiradores o espectáculo desejado. Foi ele próprio que nos confirmou ese problema.

**Infelizmente já este ano não pude participar em cinco corridas de Fórmula 2 para as quais estava inscrito por me ter magoado num pé. Apenas tomei parte nas corridas de Fórmula 1 do Campeonato do Mundo porque a isso era obrigado mas mesmo assim contra a vontade do médico».**

Revelou depois que nunca tinha confirmado a vinda ao Estoril devido a este problema. No entanto, o famoso piloto brasileiro, em conversa com os numerosos amigos presentes classificou o procedimento do Autódromo do Estoril de absolutamente honesto. Na verdade os contactos foram estabelecidos entre esta entidade e a Lotus através da Motor Racing Consultants, organização inglesa que se dedica ao contrato de pilotos. Ao surgir a sua inscrição esta significa a possibilidade do piloto correr mas não constituía uma certeza. O que acontece muitas vezes é os pilotos, pessoalmente, desconhecerem todos os passos das negociações entre as entidades a que estão ligados por contrato. Daqui pode inferir-se que, se houve procedimento menos correcto, este não partiu nem de Emerson que desejava correr nem do Autódromo que tudo fez para garantir a sua presença.

Emerson apesar de ser um dos casos mais espantosos de talento para o automobilismo é a imagem perfeita do antivedetismo e à sua volta espalha permanentemente um ambiente de extrema simpatia. Quizemos saber ao certo o que se tinha passado em Monza, onde definitivamente perdeu todas as esperanças de revalidar o título de campeão do mundo, apenas porque Colin Chapman não ordenou a Ronnie Peterson uma estratégia de equipa que lhe permitisse vencer. Emerson disse que, pessoalmente não havia quaisquer inimizades entre ele e a equipa «**mas às vezes no seio das equipas surgem certos problemas ... Você compreende ...**»

Sobre a sua entrada para a McLaren declarou-nos que ainda não está cem por cento certa. Esta equipa vai ser patrocinada pela Marlboro e pela Texaco. Se Emerson chegar a acordo o seu companheiro de quipa deverá ser provavelmente Denny Hulme.

**JANTAR DE HOMENAGEM**

Do Aeroporto, onde chegou acompanhado do seu «manager», Domingos Piedade, um português residente na Alemanha bem conhecido nos meios automobilísticos nacionais, Emerson correu para o Hotel Ritz onde o Jornal «O Volante» lhe ofereceria um jantar de homenagem que sofreu um relativo atraso devido à hora tardia a que chegou o avião, sem perder por isso significado. Entre os numerosos convidados encontravam-se os adidos comercial e cultural da Embaixada do Brasil, pilotos portugueses, etc.

No final Emerson Fittipaldi teve que fazer uma longa sessão de autógrafos, culminando esta simpática homenagem que decorreu num ambiente informal.

**HOJE PRIMEIROS TREINOS**

Evidentemente que Emerson é insubsituível especialmente porque a sua classe e a extraordinária popularidade o tornaram quase numa figura de lenda paraio público português mas, no plano meramente competitivo, apesar da ausência de alguns dos primeiros planos inicialmente anunciados restam ainda fartos motivos de interesse. Pilotos como Jarier, Wilson Fittipaldi, Jabouille, Coulon, Brambilla, Stommelen, Tim Schenken e outros vão certamente proporcionar um espectáculo válido cujo interesse será acrescido pela presença do português Mário Araújo Cabral, ao volante de um March inscrito pela fábrica.

Esta manhã começaram os primeiros trinos que se prolongam durante a tarde, englobando todas as categorias incluídas no «meeting» do Estoril. Amanhã haverá nova sessão de treinos mas o público só no domingo terá acesso ao Autódromo. Tal decisão foi justificada pela Autodril com o argumento de que a eventual receita dos treinos de sábado e domingo certamente não compensaria as despesas de pessoal, policiamento etec. obrigatórias quando há entradas pagas. Aumenta portanto a expectativa para as corridas de domingo que constituirão o maior programa realizado em Portugal desde os tempos quase esquecidos da Fórmula 1.

**AUGUSTO VILELA**

# "APOSTE FÁBRICA DE PORTUGAL E GANHE"

O representante da Fábrica Portugal procede à entrega do prémio à vencedora da fase final do concurso «Aposte FÁBRICA PORPUGAL e Ganhe» Sr.ª D.ª Maria Manuela Clementino Teodoro, de Alcobaça, vendedora da firma SOCIEDADE AUTOMOVEIS CRUZ DE CRISTO Ld.ª, de Alcobaça, em cerimónia realizada no dia 17 de Outubro.

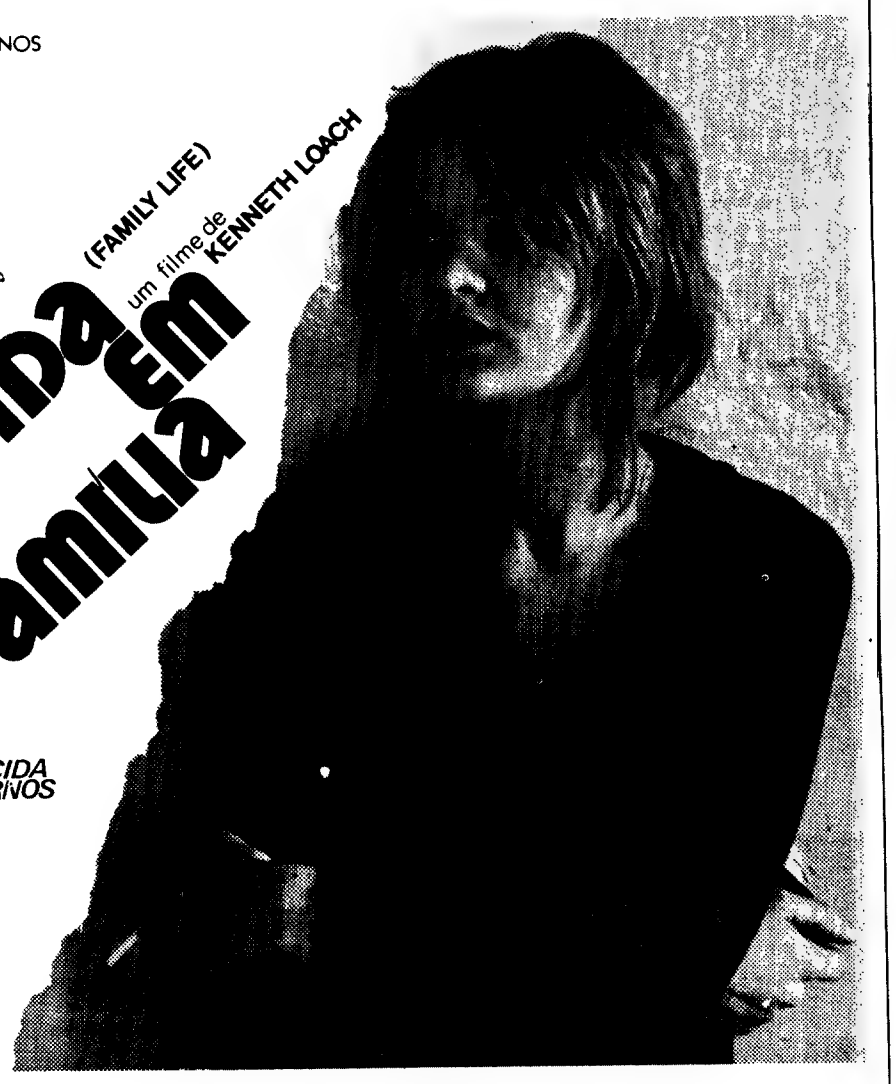
A Fábrica Portugal junta assim a um serviço exemplar desde sempre reconhecido pelo público através da sua experiência e da qualidade dos seus produtos, um gesto de simpatia por esse mesmo público e por todos os vendedores.

Mais uma vez a Fábrica Portugal confirma e justifica o título do seu concurso, «Aposte FÁBRICA PORTUGAL e Ganhe».

estúdio 444

GRUPO D/18 ANOS

3.ª SEMANA



animatógrafo apresenta

VIDA EM FAMÍLIA

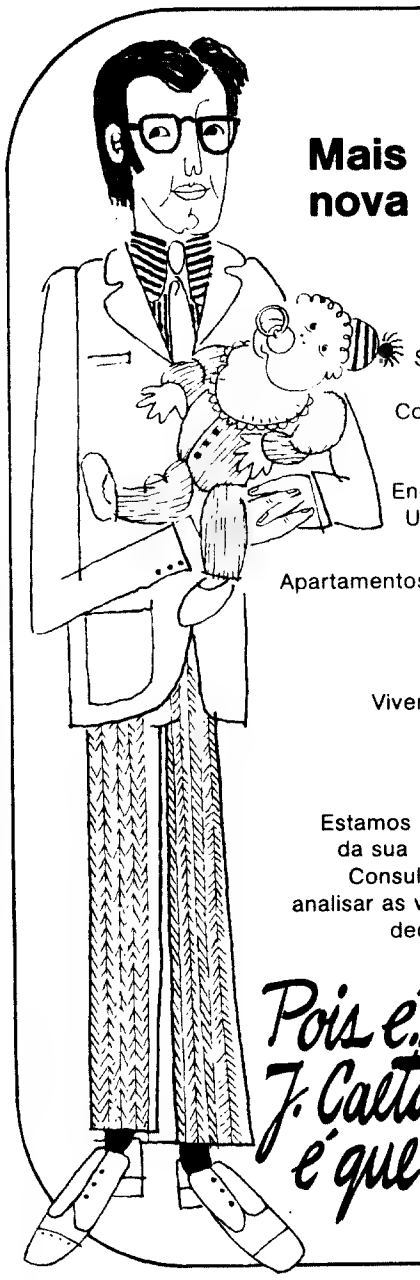
(FAMILY LIFE)

um filme de KENNETH LOACH

UMA DESCIDA AOS INFERNOS

HOJE E AMANHÃ: SESSÃO SUPLEMENTAR, ÀS 0.30 HORAS

JC3/73



Mais um filho... nova responsabilidade

Os apartamentos de J. Caetano, Lda.
São uma solução sempre à mão.
Um apartamento mobilado em Almada,
Costa de Caparica, Corroios e Trafaria.
– E porque não uma vivenda
em Sobreda de Caparica?
Encargos calculados para o seu orçamento
Uma solução para hoje, uma independência
para o homem de amanhã.

Apartamentos mobilados desde: 195 CONTOS

Vivendas, desde: 600 CONTOS

Estamos no caminho da sua futura casa.
Consulte-nos para analisar as vantagens e decidir melhor

Pois é... J. Caetano é que é!

J.CAETANO, L.DA

RUA CAPITÃO LEITÃO 51 ALMADA

Atendemos todos os dias
Dias úteis: R. Capitão Leitão, 51
Tel. 27 48 83 - 27 45 66 - 276 37 11
Domingos e feriados
"Urbanização Novo Horizonte"
Tel. 245 42 21

# PARQUE EUROPA*

## parque residencial ao melhor nível da Europa

quatro magníficos edifícios
edifício LONDRES
edifício PARIS
edifício VIENA
edifício LISBOA

Casas estilo europeu de 3 e 4 assoalhadas, e ainda sala de refeições integrada.
*Equipadas com:*

- Cozinha completa (frigorífico, máquinas de lavar louça e roupa, fogão, esquentador, exaustor, triturador, móveis em madeiras exóticas, etc.)
- Alcatifas em todos os quartos, salas e corredores
- Aquecimento eléctrico geral
- Aquecimento a infra-vermelhos nas casas de banho
- Caixilharias em alumínio
- Gás canalizado
- Antena colectiva TV e TSF
- Telefones de porta
- Arrecadação individual na cave
- Amplas varandas
- Acabamentos de luxo

*Localizadas entre:*
Sossego Espaço Vista Ambiente saudável

| 3 assoalhadas e sala de refeições integrada | 4 assoalhadas e sala de refeições integrada |
|---|---|
| 514 contos | 648 contos |

| Programa de compra: | 1.º Mês | 2.º Mês | 3.º ao 14.º Mês | 15.º Mês | Liquidação até 15 anos c/hipoteca |
|---|---|---|---|---|---|
| | Caução | Reserva | Prestações mensais | Entrega final | |
| 3 assoalhadas | 2 000$00 | 30 300$00 | 12 x 3 550$00 = = 42 600$00 | 27 900$00 | 411 200$00 |
| 4 assoalhadas | 2 000$00 | 38 600$00 | 12 x 4 000$00 = = 48 000$00 | 41 000$00 | 518 400$00 |

PARQUE EUROPA* *Para viver ao melhor nível da Europa*
*Santo António dos Cavaleiros - Sala de Exposição - Telef.: 2530865 - Estrada de Loures*
*ICESA - Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL - Av. da República, 14-6.º - Telef.: 560791-560021 - LISBOA*

## ATLETISMO

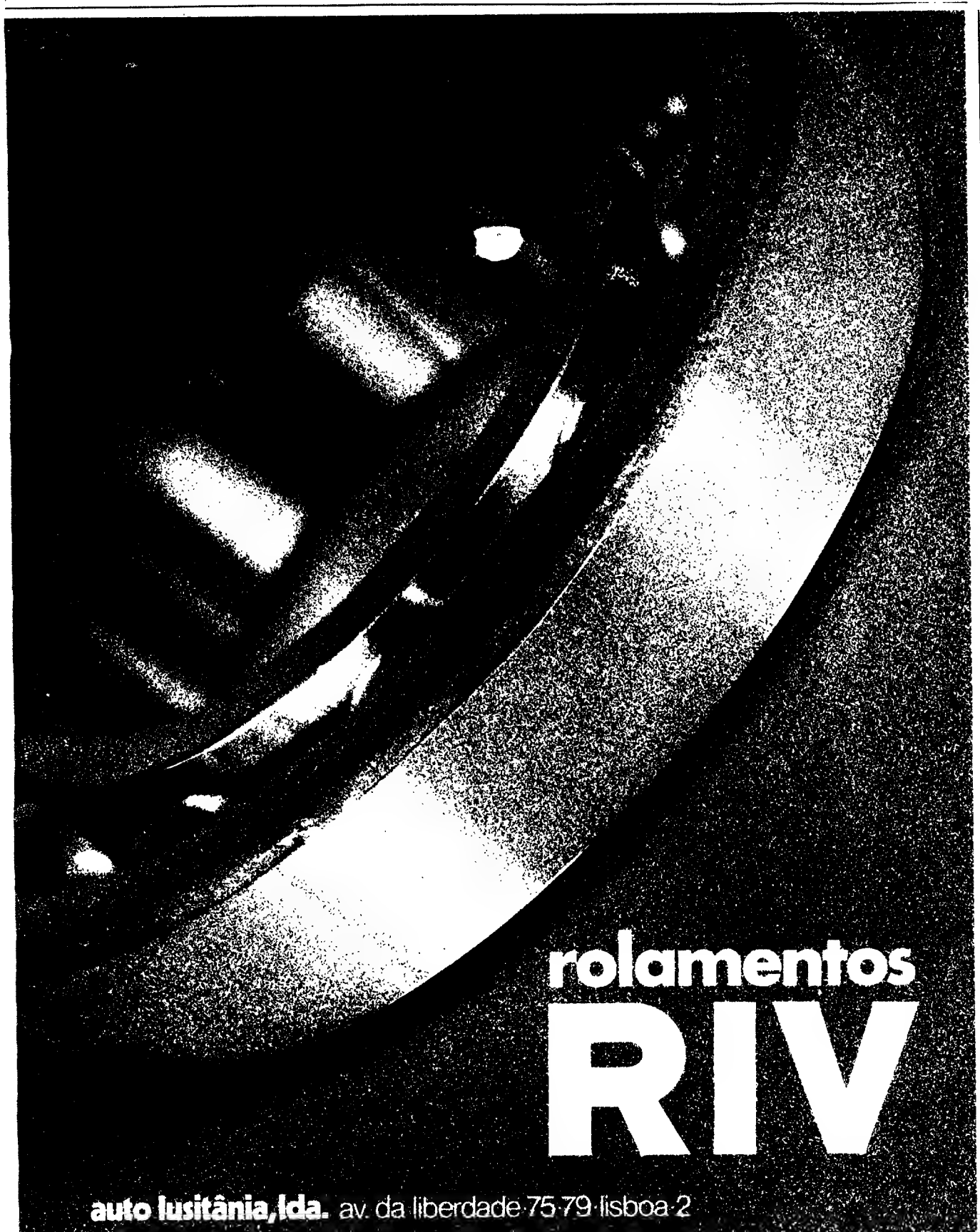
# Os bebés vão correr em Alvalade

Bebés, dos seis aos nove anos podem iniciar-se no Atletismo graças ao corta-mato que os «Amigo do Atletismo do Sporting» vão organizar para a miudagem lisboeta.

A prova, denominada «Corta-Mato Iniciação», está em preparação. E, como tem acontecido em anos anteriores, promete reunir as largas centenas de jovens que pretendem fazer desporto (ou simplesmente correr pelos campos numa manhã de domingo, ao lado de centenas de outros rapazes e raparigas da mesma idade) ou ainda desejam sair do marasmo que avassala o Atletismo e o Desporto em geral.

Para que assim aconteça, os «Amigos do Atletismo do Sporting» (núcleo de sócios mais dedicados, funcionando em apoio à secção de Atletismo do clube de Alvalade) já contactaram empresas, escolas e familiares dos sócios e atletas, tendo garantido o apoio económico da Timex para cobrir as despesas de organização.

Podem concorrer a este corta-mato, cuja data será brevemente anunciada, Bebés (masculinos e femininos), dos seis aos nove anos e Infantis (também masculinos e femininos), dos 10 aos 13 anos. As escolas primárias e do ciclo preparatório, na região de Lisboa serão formalmente convidadas a fazerem-se representar no corta-mato.




# "TEMEMOS AS CONSEQUÊNCIAS DA DESAGREGAÇÃO"

Continuação da pag. 11

português e na sua indomável vontade de vencer, porque estou no Estado Social de Marcello Caetano, julgo não carecer de outros atributos, não para vos mendigar o voto, mas para que consciente e livremente vos decidais a cumprir a obrigação que tendes de votar, na plena convicção que Beja saberá, mais uma vez, demonstrar a sua formação cívica acorrendo em massa às assembleias de voto, assim afirmando que quer continuar Portural.»

**Não se compreendem certas atitudes de alguns que atacam o Governo com falsos argumentos, tirados erradamente da História, invocando supostas ameaças à Unidade Nacional e facilitando assim a acção dos verdadeiros inimigos da Pátria. É inadmissível que haja portugueses que sirvam os interesses e ideologias estrangeiras, pervertendo a juventude, difamando e perpetrando actos de odioso terrorismo para dominuirem a resistência moral da Nação a fim de conseguirem por estes meios torpes o que na luta armada não consegue**, afirmou o candidato coronel Calapez Martins, discursando ontem na sessão eleitoral da A.N.P. em Beja (teatro «Pax Julia»).

Os outros oradores, ocupando uma mesa a que presidia o dr. Teófilo Lopes Frazão, foram o dr. Alberto Espeinhal, o dr. Calapez Garcia e o dr. Nuno Tristão. Afirmou este que «nós também gostamos da crítica mas da crítica construtiva, daquela que aponta os males, analisa as suas causas, indica o caminho a seguir, procurando fazer juízos e atingir conclusões sem partidarismos nem paixões. Aquela crítica, em suma, que pode ser benéfica, que pretende ajudar a resolver, e que, tanta vez, é aproveitada e satisfeita!

Após referir que «**a desagregação**» a ninguém aproveitará «**porque todos tememos as suas consequências**», afirmou esperar **que se faça uma reforma decididamente orientada para o progresso global da sociedade portuguesa, reforma na continuidade, sem preocupações ou desmandos. Reforma que, com a participação dos elementos estruturais da Nação, não sirva apenas uns tantos, mas sirva o País na sua maioria.**

O dr. Calapez Garcia, depois de assinalar o **surto de progresso que se nota em todos os sectores da vida portuguesa**, afirmou que ele «supera todas as dificuldades que a guerra nos traz tanto a nível nacional como internacional e que espanta e escandaliza os nossos adversários. Eles sabem que estamos no bom caminho e que o tempo é para nós factor favorável.»

O candidato, finalizando, chamou a atenção para **os inimigos internos que querem destruir o País pluricontinental e plurirracial**, afirmando que **no próximo dia 28 pela concorrência maciça ao acto eleitoral todos irão demonstrar a sua adesão à política do prof. Marcello Caetano.**

## FURTADOS NO ESTORIL TRÊS ANÉIS AVALIADOS EM 180 CONTOS

Informa a Polícia Judiciária que aproveitando a ausência dos locatários, indivíduos não identificados introduziram-se, esta madrugada, por meio de chave falsa, numa vivenda situada no Estoril, de onde levaram três anéis cravejados a esmeraldas, avaliados em cerca de cento e oitenta contos, que se encontravam depositados num pequeno guarda-jóias.

No mesmo período, e por arrombamento da montra principal com uma pedra, foi ainda assaltado um supermercado em Olivais Norte, tendo desaparecido oito contos em trocos das gavetas de seis caixas registadoras.

A Judiciária, que compareceu em ambos os locais, procede agora às necessárias averiguações.

MOCAR
S. A. R. L.
DEPARTAMENTO DE VIATURAS USADAS
R. D. Luís de Noronha, 26
LISBOA

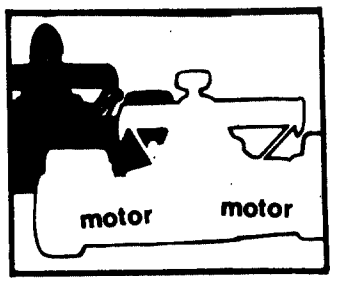
Veículos usados provenientes de trocas:

| | |
|---|---|
| Peugeot 404-Coupé | de 1968 |
| Peugeot 304 | de 1970 |
| Peugeot 204 | de 1969 |
| Peugeot 204-Breack-Diesel | de 1971 |
| 2 Alfa Romeo 1300-GT Júnior | de 1968 |
| Honda N-360 | de 1969 |
| Honda 600-L | de 1973 |
| 2 Honda 600 (serviço) | de 1972 |
| Sunbeam Tiger-H/tope | de 1966 |
| Renault 4-L (s/averb.) | de 1972 |
| Fiat 124-Spyder 1800 | de 1973 |
| Rover 3500 (cx. autom.) | de 1970 |

...E MUITOS OUTROS MODELOS. TODOS REVISTOS

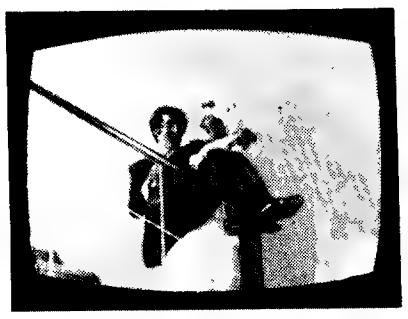
Aceitam-se trocas.
Facilidades de pagamento.

A MARCA ALEMÃ Nº 1
SABA
tv·radio·hifi




O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Actividades Hoteleiras do Calcurrinhos, Lda. OLIVEIRA DO HOSPITAL

HÁ MUITAS MANEIRAS DE



SUBIR

AI HÁ ...NÃO HÁ?

POIS HÁ!

## PROBLEMA DO DIA EM COIMBRA

# União de Coimbra e Académica: um só Estádio para dois clubes

A história principia quando o calendário oficial indicou para a próxima jornada do nacional da primeira divisão o jogo Académica-Oriental e para o escalão secundário a partida União de Coimbra-Lamas. Ora, como ambos os embates estavam marcados para as 15 horas de domingo e tanto a Académica como o União jogam no Estádio Municipal, havia que chegar a um entendimento: adiantar para a noite de sábado o seu compromisso com o Lamas foi, de imediato, a solução preconizada pelo União. Todavia, essa proposta foi imediatamente recusada pela Académica, pois a relva (no seu entender) ficaria muito pisada e prejudicaria a sua actuação ante o Oriental. E, com essa ideia, a Académica procurou que a Câmara Municipal (proprietária do Estádio) apenas autorizasse o jogo do União no domingo à noite.

O acordo foi impossível. E a edilidade conimbricense resolveu lavar as mãos do problema, enviando o seguinte telegrama para a Federação e a Associação de Coimbra:

**A Câmara Municipal de Coimbra, entendendo que o estado da relva no seu estádio não comporta, sem risco de a deteriorar, mais de um jogo de campeonato em cada semana, durante a época invernosa, procurtu junto da Associação Académica e do União de Coimbra evitar os dois jogos: um no sábado e outro no domingo.**

**Esgotados todos os esforços, não conseguiu acordo dos clubes para que um deles jogasse noutro campo, pelo que se vê impossibilitada de resolver este problema, que deixa à consideração de V. Ex.as.**

Por seu turno, o União de Coimbra também remeteu à Federação um telegrama que diz o seguinte:

**Esta tarde (de 4.ª-feira) foi apresentada à direcção do União de Coimbra, pela Câmara Municipal da cidade, sugestão para marcação do jogo contra o Lamas no domingo, após jogo Académica-Oriental, que não aceitámos. Segue novo telegrama.**

E seguiu mesmo. Diz assim:

**Direcção União Coimbra repudia texto telegrama enviado pela Câmara Municipal de Coimbra, por ter sido proposto a este clube jogar domingo à noite, portanto com a realização de dois jogos no mesmo dia. Mantemos posição de jogar sábado à noite, conforme jogo já marcado e cartazes expostos pela A.F.C.. Ano transacto foram efectuados jogos nas mesmas circunstâncias. Esta Direcção responsabiliza C.M.C. e A.F.C. caso se verifique qualquer alteração data e hora marcadas para o jogo com o Lamas ou qualquer impedimento para a sua realização.**

A Federação de Futebol, então, resolveu que o jogo União de Coimbra-Lamas se realize amanhã, pelas 21 e 45, no Estádio Municipal. E parecia que o problema morrera quando uma Comissão de Sócios unionistas resolveu editar milhares de panfletos com os textos dos vários telegramas já aqui referidos, acrescentando o seguinte apelo:

**Se és unionista, não faltes à Reunião Magna, no dia 19 de Outubro (hoje), a realizar na sede do Rancho de Coimbra, pelas 21 e 30.**

Por outras palavras: está em ebulição, em Coimbra, um clima nada propício às boas relações desportivas. Não haverá modo de congraçar as partes desavindas?

## Juniores em Espanha

Deste bloco de convocados saiu a representação lisboeta de juniores que partiu esta manhã para Madrid, onde vai jogar no domingo, contra um «team» madrileno, para inauguração do campo em Alcalá de Henares (a 35 quilómetros de Madrid). Os jogadores que viajaram foram: Matos Dinis, Libânio e Vicente (Sportin); Pina, Furico, Jaime, Carlos Gaspar, Valente e Eduardo (Benfica); Domingos e Barrinha (Belenenses); Amaral, Fernando Martins e Avelar (Atlético); Segorro (Alverca) e José Maria (Oriental). A equipa, treinada por José Moniz, é acompanhada pelos dirigentes eng. Alfredo Valverde, Octávio Barrosa, Carlos Ferreira e Viegas Louro, seguindo ainda o massagista sportinguista Belo. A deslocação é feita de comboio e o regresso vai processar-se na 2.ª feira.

### «TAÇA»

Para a segunda eliminatória da «Taça de Portugal» passaram Lousanense, Motágua, Alferrarede, Desportivo de Beja, Esposende e Almeirim que eliminaram, respectivamente, Valecambrense, Académico de Viseu, Desportivo de Castelo Branco, Sambrazense, S. Pedro da Cova e Vilafranquense.

### BENFICA

Vítor Baptista retomou a preparação normal, sendo (até) provável que possa entrar no grupo do Benfica que vai enfrentar a CUF, dadas as lesões de Eusébio e Artur Jorge.

### PROTESTO

O Conselho Técnico da Federação reune-se amanhã para analisar o protesto do Oriental em relação ao seu jogo contra o Sporting.

### GUIMARÃES

O Vitória de Guimarães inscreveu-se na disputa da «Taça Internacional».

### SPORTING

Um fervoroso adepto leonino vai «funcionar» como «roupeiro» na deslocação do Sporting e Sunderland: trata-se de Rafael Carolas, grande amigo de Yazalde, Damas e Laranjeira.

### BELENENSES

O Belenenses organiza excursões a Olhão, amanhã e Domingo, com partidas, respectivamente, pelas 13 e 2 horas, da Casa de Almada.

### FORD

Com receita destinada a Armando Manhiça, o Futebol Clube do Porto defronta, na noite da próxima 3.ª feira, o Juventus de S. Paulo.

## Campeonato brasileiro

Resultados da 14.ª jornada do Campeonato de Futebol do Brasil, que teve como surpresas a derrota do Botafogo (do Rio) em Curitiba (por 1-0 e a vitória do modesto Desportiva, em Vitória, sobre o Flamengo (do Rio) igualmente por 1-0. Resultados no Grupo A: Curitiba — Botafogo, 1-0; CEUB — Fluminense do Rio, 0-1; Guarani — América do Rio, 3-1; Brasil — Cruzeiro, 0-1; Tiradentes — Esporte, 0-1; Motoclub — Internacional, 0-2; America (Minas Gerais), Bahía, 1-2; Fortaleza — Paissandú, 2-0 e Figueirense — São Paulo, 0-1.

Grupo B: Desportiva **Flamengo**, 1-0; America (Rio G. do Norte), Atlético (Minas Gerais), 2-1; Nautico — Olaria, 0-0; Comercial — Vasco da Gama, 1-1; Remo — Atlético (Parana), 0-1; Goiás — Santos, 0-0; Victória — Portuguesa, 1-0 e Sergipe — Ceará, 0-0.

Classificação no Grupo A: Curitiba, 20 pontos; Corintians, Cruzeiro e São Paulo, 19; Botafogo e Fluminense, 18; Fortaleza, 17; Guarani e Internacional de Porto Alegre, 16; Bahia, 15; Tiradentes Nacional e America, 14; Figueirense, 12; CEUB, América Rio e Sporte, 10; Brasil, 7; Motoclub, 6 e Paissandú, 4.

Grupo B: Palmeiras, 21 pontos; Grémio, 19; Atlético (Minas Gerais), 18; Goiás, 17; Santos e Vasco da Gama, 15; Santa Cruz Portuguesa, Rio Negro, Desportiva, América (Rio G. do Norte) e Victória, 14; Comercial, 13; Flamengo, Remo, Ceará e Atlético, 12; Náutico, 9; Olaria, 7 e Sergipe, 6.

A jornada termina hoje com os jogos Nacional-Corintians, Santa Cruz-Palmeiras e Rio Negro-Grémio.

# Do castigo de Dinis se aproveita Cabral

**«Com o mal de um, ri o outro» podia dizer-se acerca de Dinis e Cabral, ambos jogadores do Sporting, mas dois casos opostos a poucos dias da primeira «mão» da segunda eliminatória da «Taça dos Vencedores das Taças».**

**Dinis foi punido pela UEFA com três jogos de suspensão e, como tal, não poderá participar nos dois encontros com o Sunderland e no seguinte que o Sporting disputar para competições internacionais de clubes; o outro, graças à ausência de Dinis, vai ser incluído na caravana que parte, no domingo de tarde, para Inglaterra.**

**Cabral, que veio em Agosto para o Sporting, cumpriu um período bastante dilatado de testes e assinou contrato há poucos dias. Fez a sua estreia oficial pela equipa de reservas, contra o Benfica marcando os dois golos do Sporting. Agora vê abertas as portas do primeiro «team», pois prevê-se que Mário Lino o utilize em Sunderland.**

**Nas duas imagens vê-se Dinis (que não descura a sua preparação, apesar de suspenso) e Cabral (apurando a técnica individual num exercício com Carlos Pereira).**

**A C. P. INFORMA:**

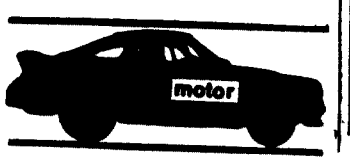
**SERVIÇO ESPECIAL PARA CHAVES POR OCASIÃO DA FEIRA ANUAL DOS SANTOS NOS DIAS 30 DE OUTUBRO A 1 DE NOVEMBRO DE 1973**

Bilhetes especiais de IDA e VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda: de 29 de Outubro a 1 de Novembro.

Validade para regresso: de 30 de Outubro à 2 de Novembro.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Ermida até Fonte Nova, bilhetes especiais de IDA e VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de CHAVES.




**EXCURSÕES C. P.**

**«PONTE» DE NOVEMBRO EM MADRID**

- PARTIDAS: EM 31/10 E 1/11, À NOITE, NO «LUSITÂNIA-EXPRESSO»; REGRESSO: COMBOIO «TER» OU «LUSITÂNIA-EXPRESSO» DE 4 11.
- DOIS DIAS EM MADRID ÚTEIS PARA COMPRAS (ESTABELECIMENTOS ABERTOS).
- — Assistência e transferência de autocarro, à chegada, para os hotéis e vice-versa.
- — Hotéis situados em plena Gran Via, de 1.ª e 2.ª categorias (todos com casa de banho privativa).
- — Reservas aseguradas em regime de pensão completa e residencial.

PREÇOS (TUDO INCLUÍDO) DESDE:

LISBOA ..... 1.280$00
PORTO ..... 1.430$00

Suplementos previstos para ocupação de «couchettes» e camas, e espectáculo de flamengo e «music-hall» em fantoso «cabaret».

REDUÇÃO PARA GRUPOS DE 10 OU MAIS PESSOAS E PARA CRIANÇAS

INFORMAÇÕES E PROGRAMAS COMPLETOS:

— Estação de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Terreiro do Paço.
— Rua do Arsenal, 124; e Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa.

RESERVAS RÁPIDAS — TELEF. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

## FUNDOS DE ESTADO

| | Efect | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| Cons 2 3/4 % | 505$ | 505$ | |
| Cons 3 % | 605$ | 605$ | |
| Cons 3 2 | 680$ | 680$ | |
| Centenarios | | 1505$ | |
| Tes 5 % 57 | 1000$ | | 1000$ |
| Tes 5 % 59 | | | |
| Exter 1ª s | | | 635$ |
| Extern 1ª c | | 635$ | |
| Extern 3ª s | | 700$ | |
| Extern 3ª c | | 730$ | |
| Caut 3ª s | | 185$ | |

## FUNDOS PÚBLICOS

| | Efect | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| A Lx 6 % | 900$ | | 910$ |
| C M L 5 3/4 % | | | |
| C P 5 5 % 67 | | | |
| C P 5 5 % 68 | 925$ | | |
| C P 5 5 % 69 | | | |
| Corr 5 3/4 % | | 910$ | |
| Metr 5 3/4 % | | | 980$ |
| Tur 5 3/4 % | 1010$ | 1010$ | |
| C P 6 3/4 | | 1010$ | |

## ELECTRICAS

| | Efect | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| G 5 % 58 | | 800$ | |
| G 5 % 59 | | 800$ | |
| G 5 % 62 | | | |
| G 5 % 63 | | 970$ | |
| G 5 % 64 | | | |
| G 5 % 65 | | 960$ | |
| G 6 % 67 | 960$ | 960$ | |
| G 6 % 69 | 950$ | 950$ | |
| G 7 % | | 1010$ | |
| H E C 5 % | | | |
| H E C 6 % | | | |
| H E D 5 % | | 700$ | |
| H E D 6 % | | | 910$ |
| H E N P 5 % | | 750$ | |
| H E S E 5 % | | | |
| H E S E 6 % | | 890$ | |
| H E Z 5 % 57 | | | 795$ |
| H E Zêz 6 % | | | 910$ |
| N Elc 5 % | | | 740$ |
| N Elec 6 % | | 940$ | 960$ |
| Termoel 5 % | | | |
| U E P 5 % 60 | | 700$ | |
| U E P 5 % 63 | | 770$ | |
| U E P 6 % | | | |

## DIVERSAS

| | Efect | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| A P T 5 % 56 | 820$ | | 820$ |
| A P T 5 % 58 | | | |
| Lisnave 6 % | | | |
| Nitratos 60 | | 800$ | |
| Pet 2ª e 3ª % | | 890$ | |
| Sacor 7 % | 1015$ | 1015$ | |
| Sacor 5 % 54 | | | |
| Sacor 5 % 60 | | 855$ | |
| Sid 5 % 2ª | | | |
| Sid 5 % 3ª | | | |
| Sid 5 % 4ª | | | |
| Socel 5 % | | 900$ | |
| U Fabr 67 | | 930$ | 940$ |
| U Fabr 68 | 930$ | 930$ | |

## ULTRAMARINAS

| | Efect | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| Carbon L 5 % | | | |
| Rev 5 % 57 | | | |
| Rev 5 % 59/60 | | 650$ | |
| Moçamb 5 % | | 640$ | |
| Sonete 5 % | | 820$ | |

## ACÇÕES

**De Bancos**

| | Efect | Compra | Venda |
|---|---|---|---|
| Agricultura | 6 950$ | 6 900$ | 6.950$ |
| Algarve | 4.000$ | 3.900$ | 4 000$ |
| Alentejo | 3 999$ | 3.999$ | 4 000$ |
| Angola | 8 200$ | 8.100$ | 8 200$ |
| Borges & Irmão | 12 400$ | 12.200$ | 12 400$ |
| Crédito Predial | 6 800$ | 6 750$ | 6 800$ |
| Espirito Santo | 24.000$ | 23.900$ | 24.500$ |
| Fomento | 7.300$ | 7.300$ | |
| F & Burnay | 120.000$ | 119.000$ | 120 000$ |
| Intercontinental Português | 29.900$ | 29.900$ | 30.000$ |
| N Ultramarino-m | 10.000$ | 9.500$ | 10.000$ |
| N Ultramarino-c | 13.995$ | 13.990$ | 14.000$ |
| Pinto & SottoMayor | 22.500$ | 22.300$ | 22.500$ |
| Portugal-n | | 6.800$ | 7.000$ |
| Portugal-p | 9.800$ | 9 700$ | 9.800$ |
| P Atlântico | 19.500$ | 19.400$ | 19.600$ |
| Totta & Açores | 13 500$ | 13 000$ | 13.500$ |


**J. BURNAY, LDª**

Notas estrangeiras
Papeis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273


**Banco Borges & Irmão**

Indice da cotação das acções (Base: Dez 65=100)

| | 12-10-73 | 17-10-73 | 19-10-73 |
|---|---|---|---|
| GERAL | 413,4 | 416,0 | **421,1** |
| METROPOL | 439,7 | 442,5 | **448,4** |
| ULTRAM | 220,3 | 221,5 | **221,5** |

**De Seguros**

Alentejo
Bonança
Imperio
Mundial
Soberana
Tranquilidade

**Eléctricas**

| | | | |
|---|---|---|---|
| C P E p | 1.225$ | 1.225$ | 1.230$ |
| C P E n | 1 200$ | 1.200$ | |
| E Beiras | 1 780$ | 1.750$ | 1 780$ |
| G Elec c | 451$ | 451$ | |
| H E A A | 205$ | 205$ | 206$ |
| H E N P | 380$ | 380$ | 390$ |
| H E S E | | | 1 650$ |
| U E P | | 230$ | 240$ |

**Ultramarinas**

Ag Cassequel
Ag Incomati
Ag S T e P
Aç Angola
Alg Angola
Ang Agric
Boror
Boror Com
Buzi
Cabinda
Com Lobito
D A T 100
H E Revue
I do Princ
Moçambique
Sonete n
Sonete p
Zambezia

**Diversas**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Ag Lx ant | 1.250$ | 1.250$ | |
| Ag Lx 34 | 1.250$ | 1 250$ | 1 250$ |
| Ag Lx 36 | | | 1.000$ |
| Cel Guadiana | 6.100$ | 6.000$ | |
| C Leiria p | 47 300$ | 47.000$ | 47.300$ |
| C Tejo p | 133.000$ | 130.000$ | 134.000$ |
| F Ramada | 2.520$ | 2.500$ | 2.550$ |
| Fornos Elect | 1.052$ | 1.052$ | |
| P Celulose | 10 000$ | 9.950$ | 10.000$ |
| Siderurgia p | 18 700$ | 18.600$ | 19.000$ |
| Siderurgia n | 13 000$ | 13 000$ | 13.400$ |
| Socel | 7 950$ | 7.950$ | 8 000$ |
| Cidla | | | |
| C U F | | | |
| Intar | | | |
| Nitratos | | | |
| Petroquimica | | | |
| Sacor | | | |
| Tab Portugal | | | |
| Tabaqueira | | | |
| U F Azoto | | | |
| Empor | | | |
| Ind Aliança | | | |
| I P Colon | | | |
| Nac Naveg | | | |
| Naveg (Col) | | | |
| P Pesca | | | |
| Matur | 4 800$ | | 4 800$ |
| R Marcon | 3.250$ | 3 200$ | 3 250$ |
| TAP | 2 178$ | 2 178$ | |
| Compa | | | |
| Savor | | | |
| Penina | | | |
| Grão Pará | | | |
| Lisnave | | | |
| V dago P Saig | 3 000$ | 3 000$ | |

## FUNDOS DE INVESTIMENTOS

| | | |
|---|---|---|
| Atlântico | 524$3 | 540$ |
| I D E S | 283$ | 291$5 |

## COTAÇÕES

| PAÍSES | COMPRAS | VENDAS |
|---|---|---|
| Africa do Sul Rands | $ | $ |
| Alemanha Marco | 9$60 | 9$90 |
| América | | |
| Dollars de 1 e 2 | 22$80 | 23$80 |
| Dollars de 5 a 20 | 23$10 | 24$10 |
| Dollars de 50 a 1000 | 23$30 | 24$30 |
| Argentina Peso Novo | $ | $ |
| Austria Schilling | 1$30 | 1$36 |
| Bélgica Franco | $62 | $65 |
| Brasil Cruzeiro | 3$00 | 3$80 |
| Canada | | |
| Dollars de 1 e 2 | 22$00 | 23$00 |
| Dollars de notas gr | 22$40 | 23$40 |
| Dinamarca Coroa | 3$90 | 4$20 |
| Espanha Peseta | $41 | $435$ |
| França Franco | 5$15 | 5$50$ |
| Holanda Florim | 9$10 | 9$40 |
| Inglaterra Libra | 56$00 | 59$00 |
| Italia Lira | $036 | $041 |
| Marrocos Dirham | $ | $ |
| Noruega Coroa | 4$10 | 4$40 |
| Suécia Coroa | 5$40 | 5$75 |
| Suiça Franco | 7$70 | 8$05 |
| **Ouro** | | |
| Inglaterra Libra Isabel | 730$00 | 790$00 |
| Inglaterra 1/2 Libra | 650$00 | 700$00 |
| Ouro fino Barra | 75$00 | 85$00 |


**BANCO DO ALENTEJO**

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praça D. João da Camara 18 - Telef 328045
Rua do Ouro 52 - Telef 30309


# televisão

**HOJE**

**1.º Programa (22.00)**

**«MINHA MULHER MORA AO LADO»**

**A RTP inicia esta noite o novo filme de série intitulado «Minha Mulher Mora ao lado» produzido pela BBC de Londres com John Alderton e Hannah Gordon nos principais papeis.**

**2.º Programa (22.00)**

**MUSEU DO CINEMA**

**António Lopes Ribeiro apresenta hoje o filme «Love» (Ana Karenina) interpretado por Greta Garbo e Frederic March.**


MADEIRA ISLAND SIEMENS
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL


### HOJE

**1.º Programa**

**1.º Periodo**

12.45 Abertura e desenhos animados «Roman Hollidays»
13.00 Saber não faz mal
13.15 «Um Ano Sem Domingos»
13.45 Telejornal 1ª edição
14.00 Fim-de-semana
14.20 Logo à noite

**2.º Periodo**

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 Curso de orientação de monitores
19.25 Filme infantil «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal 2ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Cartaz TV
20.30 A marcha do mundo
21.00 Expedição o Mundo nú
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 «Minha Mulher Mora ao Lado»
22.35 Portugal no século XX
23.30 Telejornal 4ª edição
23.40 Meditação e fecho

**2.º Programa**

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Saber não faz mal
21.00 «Um Ano Sem Domingos»
21.30 TELEJORNAL 3ª edição
22.00 Museu do cinema «Love» (Ana Karenina) e fecho

### AMANHÃ

**1.º Programa**

**1.º Periodo**

12.45 Abertura e desenhos animados «O Feiticeiro de Oz»
13.00 O caso da semana
13.15 «Nova Vida»
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Hoje pode ver
14.10 Dó lá si
14.35 TV educativa Ginástica Infantil
15.00 Desenhos animados «Flintstones»
15.25 Estúdio sem marcação
16.00 «Bonanza»
16.50 Motivos de poesia
17.05 Teledesporto
17.35 «Skippy»
18.00 Decoração
18.30 As pedras e o homem
19.30 Telejornal 2ª edição
19.45 E a vida continua
20.00 Movimento
21.00 Se bem me lembro
21.30 Telejornal 3ª edição
22.05 «Sylvie Vartan»
22.45 Pesquisa
23.50 Telejornal 4.ª edição
24.00 Fecho

**2.º Programa**

20.30 Abertura e desenhos animados «O Feiticeiro de Oz»
20.45 O caso da semana
21.00 «Nova Vida»
21.30 Telejornal 3ª edição
22.00 «Médicos de Hoje»
22.50 Festival internacional de Jazz de Cascais
23.50 Fecho

# tempo

**Situação do tempo**

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco predominando de Nordeste.

### TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

| | |
|---|---|
| PORTO | 12º |
| P. DOURADAS | 2º |
| COIMBRA | 11º |
| PORTALEGRE | 10º |
| LISBOA | 14º |
| FARO | 16º |
| FUNCHAL | 19º |

### TEMPERATURAS EXTREMAS

**Alvalade**
**Máxima ..... 23,5º**

**Penhas da Saúde**
**Mínima ..... 0,8º**

### TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar ..... 15º
Atmosfera ..... 17,5º

### MARÉS DE HOJE

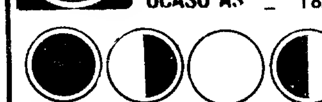
| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 9.34 | **3,4 m** | 2.40 | **1,7 m** |
| 22.31 | **3,2 m** | 15.45 | **1,5 m** |
| Dia 20 | | | |
| 11.02 | **3,4 m** | 4.16 | **1,7 m** |
| 23.32 | **3,3 m** | 17.17 | **1,5 m** |
| Dia 21 | | | |
| | | 5.42 | **1,6 m** |
| 12.17 | **3,6 m** | 18.27 | **1,3 m** |

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

**Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado de Nordeste; períodos de aguaceiros ou trovoadas nas regiões do Sul.**

**AMANHÃ**

**NASCER AS** 7.51
**OCASO AS** 18.52



Dia 26 Dia 3 Dia 10 Dia 17

# urgência

| | | | |
|---|---|---|---|
| Emergência | 115 | Judiciária | 53 5380 |
| Bombeiros | 32 2222 | Intoxicações | 76 1176 |
| CVP | 66 5342 | Aeroporto | 71 1397 |
| H. de S. Josè | 86 0131 | C.R.G.E. | 53 7021 |
| H. de S. Maria | 73 0231 | C. Águas | 36 1361 |
| P.S.P. | 36 6141 | Combóios | 32 6222 |

# rádio

**EMISSORA 1. PROGRAMA**

16.00 Noticiário
16.05 Melodias do cinema
16.30 Convívio programa da Juventude
18.05 Musica só musica
18.05 Forças armadas
19.10 Passatempo Musical
19.30 Recordar é viver por Maria Natália Bispo
20.00 Alberto Reisner em harmonica
20.30 17 episodio do folhetim «Poema para uma grande orquestra
20.50 Solos de orgão
21.00 Momento 73
21.30 A palavra e a voz, pelo Rev Padre Dr Videira Pires
21.45 Fados de Coimbra
22.00 Noite de teatro «O Burguês Fidalgo», de Molière, numa tradução e adaptação de Leopoldo de Araujo
23.28 De umndia para o outro, por Fernando Correia
00.00 Fecho

**2.º PROGRAMA**

16.00 Ciclo do Ciclo do Barroco italiano
16.45 Musica da Vanguarda
17.02 Solos de cravo
17.30 O compositor do mês Haydn
19.00 Música portuguesa
20.00 Diário sonoro
20.30 Concerto pelo grupo vocal feminino Harmonia, dir. por F.W Verner
20.47 Círculo, Trânsito e Quatro Quadrados, de Alexandre Brott.
21.00 Concerto sinfónico
23.00 Emissao emn inguas estrangeiras
01.15 Fecho

**PROGRAMA ESTEREOFONICO MF/2**

21.00 Mus ca ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical Musica na corte de Frederico o Grande Um programa cedido pelo Instituto Alemao
23.45 Obras de Mozart e Strawinsky
01.00 Fecho

**RADIO CLUBE**

**ONDA MEDIA**

16.00 Programa CDC
18.00 Movimento
21.00 Rádio Placard
21.30 Quando o telefone toca
22.03 Antiquàrio
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Rubrica policial do Inspector Varatojo
23.20 Tempo de fado
24.00 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

**MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA**

16.05 Programa CDC
18.00 O nosso programa
19.05 Vertice
21.00 Boa noite em FM
22.00 Programa à Gô-Gô
24.00 Em Órbita-do s
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

**EMISSOR DE MIRAMAR**

16.00 Noticiário
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Generico
21.05 So rádio
21.35 Vozes da europa
21.45 Mensagens do Envangelho
22.02 Arauto da verdade
22.15 Novas de alegria
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

**RADIO RENASCENÇA**

16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.20 Boletim liturgico
18.25 Terço e bênção da Basilica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviçonde noticiários e reportagens de R Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema. 13
23.05 A 23.ª Hora

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA**

**RÁDIO GRAÇA**
06 00 às 10.00 e das 14.30 às 17 00

**RÁDIO PENINSULAR**
10 00 às 12 00 e das 19 30 às 22 00

**CLUBE R. DE PORTUGAL**
12 00 às 14 30

**RADIO VOZ DE LISBOA**
17 00 às 19 30 e das 22 00 às [illegible]

# farmácias de serviço

## LISBOA

**TURNO E-1**

**ATÉ ÀS 22 HORAS**

**ALTO DE S. JOÃO**
**Carrondo** Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef 842518)

**ALVALADE**
**Cartaxo** Av. da Igreja, 21-C (Tele 776358)
**Nova Lisboa** R. Guilherme Suggia, 12 (Tele 727721)

**AREEIRO**
**João XXI** Av. João XXI 16-A (Tele 726462)

**ARROIOS**
**Nunes** Rua Ângela Pinto, 32 (Tele 497556)

**BAIXA**
**Barral** R. Augusta 225 (Tele 361534-5)

**BELÉM**
**Ramisio** Rua dos Jerónimos, 14-C (Tele 631699)

**BENFICA**
**Lisboa** Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telef 703393)

**BOA HORA**
**Sepol** Calçada da Boa Hora 94-A (Tel 681958)

**CAMPOLIDE**
**Pátria** Calçada dos Mestres 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel 680627)

**CAMPO DE OURIQUE**
**Castro Fonseca** Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tele 688857)

**CARNIDE**
**Leal de Matos** Rua Neves Costa, 33 (Tele 780181)

**ESTEFÂNIA**
**Estefânia** Rua Pascoal de Melo 90 (Tele 44438)

**GRAÇA**
**Santo António** Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tele 862333)

**LAPA**
**Carrasco** R. Presidente Arriaga 39 (Tele 667460)

**LUMIAR**
**São Tomé** Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tele 780704)

**MADRAGOA**
**Nunes Simões** Rua do Quelhas, 1 (Tele 66 275)

**OLIVAIS**
**Nova** Rua E, 1 Lote 469 Olivais Sul (Tele 31 6402)

**PENHA DE FRANÇA**
**Carrondo** R. Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef 842518)

**PICHELEIRA**
**Luzmar** Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tels 72835-720703)

**RATO**
**Janeiro** Avenida Pedro Alvares Cabral, 100 (Tele 661453)

**REGO**
**Universitária** Rua Alfredo Gameiro 29-D (Tele 778953)

**TURNO E-2**

(TODA A NOITE)

**AJUDA**
**Teles** Rua João de Barros, 2 (Tel. 638249)

**ALCÂNTARA**
**Nogueira** Rua da Creche, 2 (tele 631635)

**ALTO DE S. JOÃO**
**Oriente** Rua Lopes, 120 (Tele 843381)

**ARCO DO CEGO**
**Palma** Av. Duque de Avila, 25-31 (Tele 47088)

**ALVALADE**
**Brisalia** Av. Rio de Janeiro, 66-A (Tele 722358)
**Aviz** Av. de Roma 56-B (Tele 715370)

**AREEIRO**
**Galeno** Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tele 774920)

**ARROIOS**
**Matos** Rua Álvaro Coutinho, 10 (Tel 821671)

**AVENIDA DA LIBERDADE**
**Nacional** Rua do Salitre, 7 (Tele 46858)

**BAIRRO ALTO**
**Virtas** Rua da Misericórdia, 135 (Tele 324554-327563-4)

**BAIRRO DA ENCARNAÇÃO**
**Ascenso** Praça Norte, 11-A (Tele 311216)

**BENFICA**
**Sousa** Estrada de Benfica, 429 (Tele 780627)

**CAMPOLIDE**
**Gomes** Rua Rodrigo da Fonseca 101-A (Tele 682333)

**CAMPO DE OURIQUE**
**Ourique** Rua Freitas Gazul 32-B (Tel 671667)

**GRAÇA**
**Rosas e Viegas** Rua de S. Vicente, 31 (Tel 864351)

**LUMIAR**
**Alameda** Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tele 790942)

**SANTA CATARINA**
**Modelar** Largo dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Tele 678896)

**S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
**Aguiar** Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (Tels 768343-764629)

**XABREGAS**
**Salter** Rua de Zabregas 60-65 (Tele 381185)

### LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Almeida Nifo**, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

**CAXIAS**
**Nova**, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)

**PAÇO DE ARCOS**
**Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 186 (Tel 2432034)

**OEIRAS**
**Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

**PAREDE**
**Aisir**, Av. Gago Coutinho-B.º das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)

**S. JOÃO DO ESTORIL**
**S. João**, (Tel 261186)

**MONTE ESTORIL**
**Costa**, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)

**CASCAIS**
**Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (Tel 280141). **Cascais**, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Tel 282407)

**MOITA**
**União Moitense**, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

**MONTIJO**
**Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (Tel 230035)

**SESIMBRA**
**Lopes**, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

**SETÚBAL**
**Costa**, L. da Misericórdia (Tel 22760); **Brasil**, P. do Brasil (Tel. 24788)

**SEIXAL**
**Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560)

### LINHA DE SINTRA

**AMADORA**
**Amadora**, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518). **Carmele**, R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel 933613). **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Tel 938703)

**DAMAIA**
**Lemos**, R. de Goa, 21-A (Tel 971121)

**QUELUZ**
**André**, Av. Elias Garcia, 151 (Tel 950043). **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

**CACÉM**
**Central**, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

**MEM MARTINS**
**Quimia**, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

**S. PEDRO DE SINTRA**
**Valentim**, (Tel. 980456)

**SINTRA**
**Misericórdia**, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

**COLARES**
**Abreja**, (Tel. 299088)

### OUTRA BANDA

**ALCOCHETE**
**Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

**ALHOS VEDROS**
**Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

**ALMADA**
**Cristo Rei**, Av. Cristo Rei, 31-A (Tel. 273498)

**BAIXA DA BANHEIRA**
**Nova Fátima**, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

**BARREIRO**
**Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212)

**COVA DA PIEDADE**
**Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)

## PORTO

**8.º TURNO**

**SUB-TURNO A**

**Bonfim (do)**, Rua do Bonfim, 73. **Contumil**, Rua de Contumil, 540. **Gueras**, Rua Costa Cabral, 43. **Guimarães**, Rua de Francos, 37. **Lemos e Filhos, Lda.** Pr. de Carlos Alberto, 31. **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286

**SUB-TURNO B**

**Henriques**, Praça da Batalha, 64-A. **Moreno, Lda.**, Largo de S. Domingos, 44. **Sanil**, Rua do Paraíso, 214. **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645. **Vasques**, Rua das Condominhas, 794

## COIMBRA

TURNO F

**Dias Ferreira**, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046); **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (Tel. 23569). **Higiéne**, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Tel 22634)

# cinemas

## LISBOA

**ROXY** (Tel. 48560)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
17.ª semana! Technicolor. Dustin Hoffman «ALFREDO ALFREDO» um filme de Pietro Germi (Metro Intendente).

**CONDES** (Tel. 322523-326710)
4 sessões diárias, 14.30 - 16.30 - 18.45 e 21.45 4.ª semana
Colorido. Grupo B (10 anos). Chegou a hora da «barracada»... «TRINITÁ E SARTANA CONTRA TODOS». Com Robert Widmark e Harry Baiard.

**ESTÚDIO 444** (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45 e 00.30
Grupo D (18 anos) 3.ª semana
Technicolor. um filme de Kenneth Loach «VIDA EM FAMÍLIA»
Hoje e amanhã às 00.30
Grupo D (18 anos)
Cinema fora de horas. «VIDA EM FAMÍLIA»

**ROMA** (Tel. 727778
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana
Eastmancolor. Terry Tarday Glenn Saxton. «A BELA CASTA SUSANA»

**VOX** (T. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
3.ª semana
Technicolor
Jean-Michel Vincent em «NANU O FILHO DA SELVA». Walt Disney Productions

**ESTÚDIO** (Tel. 55310)
15.30 - 18.30 - 21.45 e 00.15
Grupo D (18 anos) 4.ª semana
A obra-prima de Nagisa Oshima «O ENFORCAMENTO»
Hoje e amanhã às 00.15
Grupo D (18 anos) «O ENFORCAMENTO» (Metro Alameda)

**ESTÚDIO APOLO 70** (Tel 73318)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
10.ª semana! Technicolor
Um filme de Hal Ashby «ENSINA-me A VIVER» com Ruth Gordon e Bud Cart. Hoje às 24.00 horas
O riso da meia noite
Grupo D (18 anos)
«A CONDESSA DE HONG KONG» de Charles Chaplin

**SATÉLITE** (Tel 50595)
15.30 - 18.30 - 21.45 e 00.15
Grupo D (18 anos) 4.ª semana
Um filme de Alain Tanner (realizador de «O último a rir») «REGRESSO DE AFRICA»
Hoje e amanhã às 00.15 H
Grupo D (18 anos)
«REGRESSO DE AFRICA»

**CINEMA CASTIL** (Tel. 630194)
14.30 - 16.45 - 19.00 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor. Grande Prémio do Festival de Cannes. Gian Maria Volonte «O CASO MATTEI». Um filme de Francesco Rosi (Estacionamento: Parque Castil)

**IMPÉRIO** (Tel. 555135)
15.00 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Panavision. Technicolor. Um filme de Luchino Visconti «LUÍS DA BAVIERA». Com Romy Schneider e Helmut Berger. 3 sessões diárias 15.00 | 18.15 e 21.30
Nas sessões da tarde o filme de fundo começa a exibir-se 6 minutos após o início do espectáculo (Metro Alameda)

**MONUMENTAL** (Tel. 551310)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Technicolor «GODSPELL»

**ROYAL** (Tel 865037)
15.00 e 21.30
Grupo C (14 anos)
«A ALIANÇA» Em complemento «UM HOMEM CHAMADO GRINGO»

**S. JORGE** (Tel. 54154/54153)
15.00 - 18.15 - 21.30 2.ª semana!
(Grupo D - 18 anos)
«AVANTI» AMOR À ITALIANA. Deliciosa comédia de Billy Wilder com Jack Lemmon e Juliet Mills

**EUROPA** (Tel. 651016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
4.ª semana
Metrocolor. Panavision. «VIAGENS COM A MINHA TIA». Com Maggie Smith e Alec McGowen.
Amanhã e domingo às 18.30 H
Grupo A (6 anos) Matinées infantis «O ELEFANTE MORRE AO ANOITECER». Um filme de rara beleza que prende à imagem as crianças e os adultos

**LONDRES** (Tel 731318)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido. Imagine o crime perfeito, depois de um passo em frente. Laurence Olivier, Midrael Caine «AUTÓPSIA DUM CRIME». Um filme de Mankiewicz. Hoje à meia noite e quinze Grupo B (10 anos) «EL DORADO»

**CASINO ESTORIL** (Tel 46264862)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor. Dyliscope. «BIG-BOSS O IMPLACÁVEL». Com Bruce Lee, Maria Yi Yi e James Tien.

**MUNDIAL** (Tel 538473)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos) 3.ª semana
Eastmancolor. A denúncia de uma sociedade corrompida «O SINAL VERMELHO» com António Vilar, Maria Cruz, Paul Naschi e Hellen Harp.

**RESTELO** (Tel 610375,
21.30
Grupo D (18 anos)
Colorido. Em continuação de estreia 9.ª semana. Jane Fonda no filme de Joseph Losey. «A CASA DA BONECA».

**EDEN** (Tel 320768)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana
Eastmancolor. Jane Birkin, Serge Gainsbourg «BONITAS DEMAIS PARA SEREM HONESTAS»

**ODEON** (Tel. 32623)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos) 3.ª semana
Color. «SIMPLESMENTE MARIA» Com Saby Kamalich e Braulio Castillo

**AVIZ** (Tel 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Color. 3.ª semana!
Saby Kamalich, Baulio Castillo «SIMPLESMENTE MARIA»

**POLITEAMA** (Tel 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
Grupo C (14 anos) 2.ª semana!
Eastmancolor. Franco Nero, Eli Wallach e Lyn Redgrave «BONS INIMIGOS».
As 00.30 H Grupo D (18 anos)
Ciclo «TERROR À MEIA NOITE». Hoje «VOLUPIA DO CRIME». Amanhã «A DAMA VERMELHA MATA 7 VEZES»

**TIVOLI** (Tel 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 3.ª semana
A preparação do crime louco do século «CHACAL». O filme de Fred Zinnemann

**BERNA** (Tel 776098,
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor - Panavision
Um filme de Franco Zeffirelli. S. FRANCISCO DE ASSIS

**CINEARTE** (Te. 660446
15.15- 21.30
Grupo D (18 anos)
Panavision. Technicolor. George C. Scott, Faye Durraway, John Mills, e Jack Palance «O POÇO DO ÓDIO»

# outros espectáculos

## LISBOA/Teatros

**MARIA VITÓRIA**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, ouvir e...calar»

**VILLARET**
21.00 e 23.00 (18 anos)
«O ovo»

**LAURA ALVES**
21.45 (14 anos)
«O Misantropo»

**VASCO SANTANA**
21.45 (18 anos)
«Cândido»

**CASA DA COMÉDIA**
22.00 (18 anos)
«Oh papá pobre papá»

**A. B.C.**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«TUDO A NU»

**MONUMENTAL**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Que medo senhor Alfredo»

**VARIEDADES**
20.45 e 23.00 (18 anos)
Um padre à italiana

**COMUNA**
22.00 (18 anos)
«Brincadeira»

## LISBOA/Cinemas

**OLÍMPIA**
19 (14 anos)
«Um a Um Sem Piedade»

**PARIS**
21.00 (18 anos)
«A Casa da Boneca»

**JARDIM CINEMA**
21.30 (10 anos)
«A Queda de um ídolo»

**CINE-MOSCAVIDE**
21.00 (14 anos)
«Os justiceiros»

**SACAVEM**
21.00 (14 anos)
«O Invencível»

**PROMOTORA**
21.00 (14 anos)
Limonada»

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Stadium**
21.30 (18 anos)
«A Turma das barracadas»

**ESTORIL**
**Casino**
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Big Boss, o implacável»

**Palácio**
21.30 (18 anos)
«Um homem e uma mulher»

**CASCAIS**
**S. José**
21.30 (18 anos)
«Uma mulher perigosa»

## LINHA DE SINTRA

**DAMAIA**
**D. João V**
21.30 (18 anos)
«Entre a loucura e o crime»

**AMADORA**
**Recreios Desportivos**
21.15 (18 anos)
«A Casa sem fronteiras»

**SINTRA**
**Carlos Manuel**
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»

## OUTRA BANDA

**ALMADA**
**Incrível**
21.15 (18 anos)
«Desejo perverso»

**LARANJEIRO**
**Instrução e Recreio**
21.30 (18 anos)
«O grande conquistador»

## PORTO/Teatros

**SA DA BANDEIRA**
21.45 (18 anos)
«Dois num Guarda Vestidos»

**ANTÓNIO PEDRO**
21.45 (18 anos)
«Últimas do dever»

## PORTO/Cinemas

**RIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Cães de palha»

**ESTÚDIO**
21.30 (18 anos)
Quando o amor acaba»

**JÚLIO DINIS**
21.30 (6 anos)
«Os Malucos do Estádio»

**OLÍMPIA**
21.30 (14 anos)
«Só o Colt era Sagrado»

**CARLOS ALBERTO**
21.30 (14 anos)
«Homens em fuga» e «Balada para um homem só»

**TRINDADE**
21.30 (18 anos)
«O Loiro do sapato negro»

**COLISEU**
21.30 (10 anos)
«A noiva»

**S. JOÃO**
15.30 (18 anos)
«A Casa dos desejos»

**ÁGUIA D'OURO**
21.30 (18 anos)
«Barba azul»

**BATALHA**
21.30 (18 anos)
«Getaway»

**VALE FORMOSO**
15.30 (14 anos)
«O Direito de nascer»

**PASSOS MANUEL**
21.30 (18 anos)
«O charme discreto da burguesia»

## COIMBRA

**TIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»

**AVENIDA**
21.30 (18 anos)
«Paris manicómio do amor»

**GIL VICENTE**
21.30 (18 anos)
«O Charme discreto da burguesia»

# BARS BOITES

# restaurantes típicos

## DANCINGS

**NINA** — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Tel. 34859-365167.**

**CASINO ESTORIL** — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Tels 26461-264526-264596-264621-264946.**

**HIPOPÓTAMO** — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384.**

**SOLAR DA HERMÍNIA** — Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **Tel. 320164.**

**TAMILA** — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Duque de Loulé, 69. Tel. 534117.**

**SAN-PAYO** — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Tel. 561422** (Ar condicionado).

**CACO** — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

# EXPOSIÇÕES

**ARCADAS DO PARQUE** Pinturas de Maria Fernanda Amado (das 10 às 22 h.)

**BELAS ARTES** Pinturas de Matos Portugal e Carlos Saldanha (das 14 às 20 h.)

**CASINO ESTORIL** — Trabalhos de Olabarrieta, Ana Vaz e Clemen Bello (das 15 às 3 h.)

**DIPROVE** Xilogravuras de Salvador Dali (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.) Fecha aos domingos.

**FUNDAÇÃO GULBENKIAN** Trabalhos de Marc Chagall (das 10 às 19 h.)

**JUDITE DACRUZ** Tapeçarias de Kroner (das 10 às 13 h. das 15 às 19h.)

**PALÁCIO FOZ** Retrospectiva de pintura de Fausto Sampaio e trabalhos de Capita (das 10 às 19h.)

**PALÁCIO VALENÇAS (Sintra)** Trabalhos de Domingos Saraiva e Pedro Saraiva (das 14 às 20 h.)

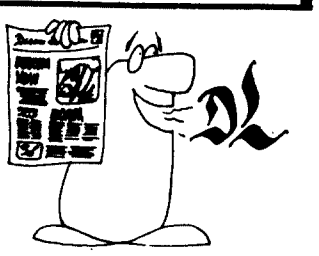
**PRISMA-73** Pinturas de Lisa Chaves Ferreira (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

**S. FRANCISCO** Gravuras de Miro, Tapies e Millars (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

**S. MAMEDE** — Desenhos de Amadeo DE Souza Cardoso e pinturas de Marina Obo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

**YELA** — Oleos da pintora americana Nadine Hoskins (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

**PALÁCIO DOS CONGRESSOS (Estoril)** — XI Salão de Arte Moderna (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.)



## DL / NACIONAL

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

# A Torre e Espada no peito do general Spínola

Com tropas em formatura, o Chefe do Estado impôs ontem, no Colégio Militar, a Torre e Espada ao general António de Spínola, ex-governador da província da Guiné.

Eram 15 e 30 quando o almirante Américo Thomaz, acompanhado do ministro da Defesa Nacional, chegou à tribuna, onde o aguardavam os ministros da Marinha, da Educação Nacional, do Interior, do Ultramar e dos Negócios Estrangeiros.

As forças em parada eram constituídas por um batalhão de alunos, um pelotão de comandos da Guiné (todos elementos de cor e todos, igualmente, já condecorados com a Cruz de Guerra ou a Torre e Espada) e um batalhão do Governo Militar de Lisboa (um esquadrão do Regimento de Lanceiros 2, dois esquadrões do Regimento de Cavalaria 7 e banda e fanfarra de Caçadores 5).

Escutado que foi em continência o Hino Nacional, o comodoro Gomes Trindade, chefe de gabinete do ministro da Defesa Nacional, procedeu à leitura da proposta e do alvará de concessão das insígnias do grau de grande-oficialato da Ordem Militar de Torre e Espada, após o que o Chefe do Estado impôs a condecoração ao general António de Spínola. Seguidamente, e a encerrar a significativa cerimónia, as forças em parada desfilaram, em continência, perante a tribuna presidencial.

Efusivos foram os cumprimentos de todos os presentes ao general António de Spínola. E muitos eram, pois que além dos ministros acima mencionados, assistiram à cerimónia os secretários de Estado, do Exército, da Aeronáutica, do Fomento Ultramarino, da Administração Ultramarina e da Juventude e Desportos; chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas; chefes e vice-chefes dos três ramos das Forças Armadas; presidentes da Câmara Municipal de Lisboa, do Movimento Nacional Feminino e da Fundação Gulbenkian; comodoro Almeida Brandão, comandante da Defesa Marítima da Guiné; grande número de oficiais que prestaram serviço naquela província ultramarina; antigos membros do Governo e numerosos oficiais generais; adidos militares da Itália, Alemanha, Brasil, Espanha, França e Inglaterra; deputações da Academia Militar, dos Pupilos do Exército e do Instituto de Odivelas, etc..

A cerimónia da condecoração antecedeu a sessão solene de abertura do ano lectivo do Colégio Militar, estabelecimento que o general António de Spínola frequentou.

## Condenado por distribuir "panfletos subversivos"

PORTO, 19 — Foi ontem lida a sentença do julgamento que anteontem havia começado no Tribunal de Polícia relativo ao indivíduo acusado de, na Praça da Liberdade, na noite de 24 de Junho, ter distribuido «panfletos subversivos».

O juíz dr. Miguel Montenegro condenou o réu, Raul Martins Ribeiro, de 33 anos, solteiro, residente no lugar da Capela, S. Mamede de Negrelos, Santo Tirso, na multa de três mil escudos mais duzentos de imposto de Justiça e cem de procuradorias.

Foi interposto recurso para a Telação do Porto.

**JULGAMENTO DE ESTUDANTES**

Prossegue hoje, no Tribunal de Polícia, o julgamento de 97 estudantes acusados de não pagarem as multas relativas a «distúrbios» praticados na Universidade do Porto.

Na audiência de ontem, presidida pelo juíz dr. Ary Elias da Costa, depuseram três testemunhas defesa do réu Martinho Maria Monteiro Almeida.

## Setenta contos de joias roubadas

PORTO, 19 — A P.S.P. de Barcelos prossegue activamwnte, as diligencias no intuito de descobrir e prender audaciosos larápios que esta madrugada partiram o vidro de um estabelecimento de relojoaria e ourivesaria, na av. dr. Oliveira Salazar, pertencente a Sebastião Pereira de Carvalho.

Os assaltantes parece terem partido o vidro com uma pedra e da montra furtaram objectos de ouro no valor de cerca de 70 contos.

Esta manhã aquela polícia descobriu já num quintal próximo as caixas em que os objectos roubados estavam expostos.

## COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

**AVISO AOS CONSUMIDORES**

Trabalhos inadiaveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua Particular à Trav.ª do Tarujo e imediações. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Praça do Município 2 a 34. (Das 8 às 12 horas). Rua dos Correeiros 194 a 298. (Das 8 às 12 horas). Rua Rosa Araujo 1 a 41. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Av.ª Estados U. da América e imediações. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Rua Aquilino Ribeiro, Rua Eng.º Ferreira Dias. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras:** Barcarena. (Das 8 às 14 horas). **VENDA NOVA:** Alto da Venda Nova, Quinta da Correia e imediações do Cinema. (Das 8 às 14 horas). Tercena Bico. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Areia. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra — MEM MARTINS:** Rua da Azenha, Rua de Cima de Fanares, Rua das Hortas de Fanares, Rua Particular, Rua da Estação e imediações. (Das 8 às 14 horas). Fontanelas. (Das 8 às 14 horas). Fervença (parte). (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Ribamar, Casais de S. Lourenço e S. Lourenço. (Das 7 às 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca — VILA FRANCA:** Rua do Curado, Rua Joaquim Pedro Monteiro (parte). L. Marquês de Pombal, Rua da Bélgica, Rua de Almeida Garrett, Rua Serpa Pinto (parte). (Das 8 às 14 horas). Est.ª Arruda dos Vinhos (parte), Bom Retiro (parte) e imediações. (Das 8 às 14 horas). Adarse, Cruz das Almas e imediações, B.º Quinta do Forno, Sobralinho, Aldeia do Sobralinho. (Das 8 às 9 horas). A-de-Barrão, Bairros, Morna. (Das 8 às 14 horas). Quinta de Baixo, Quinta do Alto, Quinta Velha. (Das 8 às 14 horas). Pocariça, Horta dos Velhos. (Das 8 às 14 horas). Toda a rede de B. T. Bom Sucesso. (Das 8 às 14 horas). Subserra, A-dos-Loucos, S. João dos Montes, Rondulha, A-dos-Melros, Adamaia, Cotovios, Arcena Bom Sucesso, A-dos-Potes, Calhandriz, Trancoso do Meio, Trancoso de Cima. (Das 7 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Arruda dos Vinhos:** A-da-Barriga, Mata, Carvalha, S. Tiago dos Velhos, Arranhó, Alcobela de Cima, Camondes, Louriceira. (Das 7 às 14 horas).

ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA
CONVERSAS COM MARCELLO CAETANO
O LIVRO SENSAÇÃO DO ANO
MORÆS editores

# O IV PLANO DE FOMENTO PREVÊ A MAIS EQUITATIVA REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

## -disse o ministro de Estado

**«Sem uma economia em rápido e sadio desenvolvimento alargar-se-ia a distância em relação a países da Europa — de toda a Europa Ocidental — a que estamos ligados por acordos cujo pleno funcionamento exige, da nossa parte, um elevado nível de progresso económico e uma rápida adaptação ao ritmo, ao estilo, às regras e aos métodos correntes na Europa com que passaremos a ver-nos quotidianamente confrontados.**

**Sem esse esforço de ajustamento — ou, na fórmula já retida, de «sintonização com a Europa desenvolvida» — teríamos de abandonar um campo em que o jogo é comum, as técnicas e os equipamentos similares e em que deixa de haver regras especiais para nosso uso».**

Estas palavras foram proferidas pelo ministro de Estado, dr. João Mota de Campos, no decurso do almoço que lhe foi oferecido pela Câmara de Comércio Luso-Britânica, tendo noutro passo do seu discurso, dedicado ao IV Plano de Fomento, afirmado, nomeadamente:

«O modelo de desenvolvimento a que o Plano obedeceu conformou-se com o objectivo da promoção do bem estar e do progresso social da população, mediante a mais equitativa repartição dos rendimentos e a melhoria da satisfação das necessidades sociais básicas em educação, saúde, segurança social e habitação».

ATÉ 31 DE OUTUBRO
NO RESTAURANTE DO CASINO AS 23H. E 1H.
GRUPO C - M/14 ANOS
O ESPECTACULAR DUO
SÉRGIO WONDER & MADINELSON
SURPREENDENTE
AMBROISE
O BALLET
DAYGO DANCERS
E O CONJUNTO DE
MÁRIO DE JESUS
COM A CANTORA INGLESA
JAY SOUTH
SALA DE MAQUINAS Acesso livre a m/ de 21 anos
SALA DE JOGOS DIARIAMENTE DAS 17 AS 3 H
PENINA Telefone (0082) 23141
CASINOS DO ALGARVE

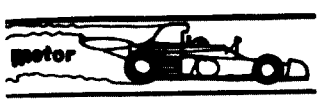
## Encontra-se bem o médico soviético operado em Lisboa

Segundo nos comunicou esta manhã o dr. Henrique Faro, encontra-se em plena recuperação o dr. Nikolai Pavlowsky, que ontem à tarde foi operado de urgência na Clínica Cabral Sacadura.

O dr. Pavlowsky, que é onmédico de bordo do arrastão soviético «Peredovik» em faina de pesca ao largo de Cabo Branco, foi acometido de violento ataque de apendicite. Falhou a tentativa de operação que ele pagou a si mesmo em pleno mar e o paciente teve de ser entregue em Lisboa, com a sotura abdominal cosida com dois pontos provisórios. Depois de observado nos Serviços de Sanidade Marítima, foi entregue aos cuidados do dr. Henrique Faro, que procedeu à ablação do apêndice ao doente. O médico soviético deverá manter-se em convalescença por mais uma semana na clínica onde foi operado.

## Desapareceu o arrais de um barco afundado

PORTO, 19 — Esta madrugada, pelas 6 e 45, os pilotos da Barra do Douro tiveram conhecimento por intermédio do posto da Guarda Fiscal de Lavadores que em frente à praia daquela localidade se havia voltado um pequeno barco de pesca, a remos, com quatro tripulantes, que nadaram com rumo a terra. Porém, o arrais, de nome Manuel da Silva Ferreira, de 35 anos, casado, da Afurada, não conseguiu salvar-se até às 9 horas da manhã o seu cadáver não havia sido encontrado.



## NOTAS VÁRIAS

**VISITA MINISTERIAL**

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência desloca-se ao Algarve no próximo dia 24 onde visitará, em Faro, as novas instalações da delegação regional do Serviço Nacional de Emprego; em Olhão, os terrenos destinados ao Centro de Formação Profissional; inaugurará também as novas dependências das Casas do Povo da Conceição de Faro e de Paderne, no concelho de Albufeira, presidindo aí a uma sessão solene na qual serão entregues os alvarás das Casas do Povo criadas no último mês de Agosto.

**EMBAIXADOR DO HAITI**

Acompanhado de escolta da GNR a cavalo, o novo embaixador do Haiti dirigiu-se ontem ao Palácio de Belém onde lhe foram entregues, pelo Chefe do Estado, as credenciais da sua nova missão diplomática. Assistiram à cerimónia o ministro dos Negócios Estrangeiros e o respectivo secretário geral.

**INFORMAÇÃO PARA A INDÚSTRIA**

As Segundas Jornadas Nacionais de Informação para a Indústria foram ontem inauguradas pelo secretário de Estado da Indústria, na secção regional da Ordem dos Engenheiros.

**BISPO DO PORTO**

O bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, visitou ontem, em S. Mamede de Infesta, no concelho de Matosinhos, o Centro Leonardo Coimbra, instituição destinada às crianças. Receberam o prelado da capital nortenha o director do Centro de Educação Especial do Porto, o director do Centro Leonardo Coimbra e a delegada da zona nortenha, entre outras individualidades.

**INFACTÁRIOS E JARDINS DE INFÂNCIA**

«No conjunto das actividades programadas em jardins-escolas e infantários e campo reservado para o Instituto de Obras Sociais, complementando-o com a acção da Direcção-Geral da Assistência e da Santa Casa da Misericórida de Lisboa, como sendo as actividades mais significativas deste domínio — afirmou ontem o ministro das Corporações, na sessão de encerramento com a qual terminou a sua visita de trabalho ao distrito de Aveiro. E disse ainda: «Esperamos, durante o período de vigência do IV Plano de Fomento, instalarmos 370 infantários e jardins de infância, fazer 110 adaptações onde irão ser gastos cerca de um milhão e trezentos mil contos».

**CÂMARA CORPORATIVA**

Um decreto da Presidência do Conselho, hoje publicado na folha oficial, marca para o próximo dia 30 a eleição dos procuradores à Câmara Corporativa em representação dos municípios. Esta faz-se nos termos estabelecidos no Decreto n.º 29 112, de 12 de Novembro de 1938, devendo as formalidades indicadas no Artigo 3.º do citado diploma a cumprir-se até ao dia 27.

mesa redonda

## ALFABETIZAÇÃO DAS MASSAS: BAIXOU A AJUDA DOS PAÍSES RICOS

# A DÉBIL COBERTURA SANITÁRIA DO PAÍS

**As deficiências da cobertura sanitária do País evidenciaram-se numa mesa-redonda levada a efeito em Coimbra nos primeiros dias desta semana. A partir do relatório das Carreiras Médicas elaborado por uma comissão da Ordem dos Médicos em 1961/62, fez-se um balanço da situação geral do País, após o que se prosseguiu à actualização da análise, em debate aberto, apurando-se uma clara unanimidade nas conclusões principais.**

Começou por dizer-se que durante muito tempo se verificou um desinteresse muito grande da parte dos médicos por toda a problemática que directamente os tocava, resultante do processo de despolitização geral do País, aliás, pretensão confessada do salazarismo e de seus continuadores, e do compromisso dos grandes figurões da medicina portuguesa, cada vez mais vinculados à política vigente.

A passagem progressiva da medicina liberal à medicina vinculada às estruturas é também um dos factores em causa.

Considerou-se ainda a data de 1958 como uma data impor-

Continua na pág. nove

## OS COMERCIANTES PREOCUPADOS COM O FRACO PODER DE COMPRA DOS TRABALHADORES

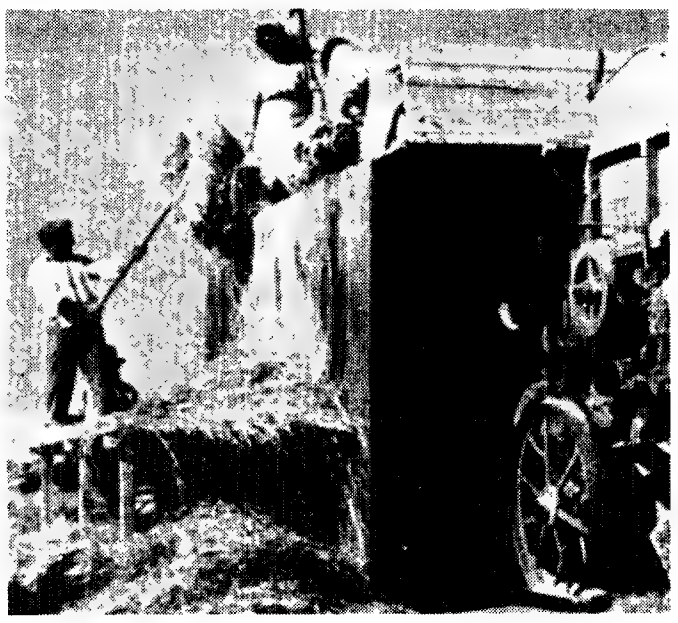
O Gabinete de Estudos da Corporação do Comércio, numa recente análise da situação económica e social em 1972, afirma que levantam «acentuadas preocupações» a redução dos salários reais em Lisboa e a sua débil progressão no Porto durante o ano passado.

As taxas de crescimento dos índices de salários profissionais da indústria e dos transportes acusaram quebra tanto em Lisboa como no Porto. Em 1972, os índices de salários progrediram 8,6 por cento em Lisboa, contra 10,7 em 1971, cresceram 12,8 por cento no Porto, contra 13,3 no ano anterior. Lisboa registou um acréscimo inferior ao do Porto pela segunda vez consecutiva. No Porto, foi interrompida a continuada progressão da taxa de crescimento dos índices de salários verificada desde 1968. A tendencia para a estabilização dos salários nominais acentuou-se nos últimos meses do ano passado: de Outubro a Dezembro, os salários nominais mantiveram-se ao nível do terceiro trimestre em Lisboa, cresceram apenas 1,1 por cento no Porto.

Esta tendência para a estabilização dos salários nominais contrasta com a evolução verificada no decénio 1962-1972, em que os salários cresceram 118,7 por cento em Lisboa e 157,8 no Porto. O contraste é ainda mais nítido se se tomar como termo de comparação 1967: entre 1967 e 1972, os salários nominais progrediram 60,8 por cento em Lisboa, 67,4 por cento no Porto.

A evolução do poder de compra dos assalariados foi bem mais modesta, uma vez que a progressão dos salários nominais foi em grande parte anulada pelo rápido crescimento dos preços. No período 1965-1969 o poder de compra dos trabalhadores progrediu apenas 3,3 por cento ao ano, enquanto os salários nominais aumenta-

Continua da página três



# PORQUE NÃO SOBE O PREÇO DO TRIGO?

*Na «Mesa Redonda» do «Expresso» de 8 de Setembro, que temos vindo a comentar nestas colunas na parte referente à agricultura, o eng. Rogério Martins declarou: «Pondo-me do ponto de vista do utilizador ou do economista, parece-me bastante artificial continuar a fazer cereais em Portugal, quando o trigo fica ao dobro do preço de custo que se pode obter na América do Norte». Acrescentava a seguir: «Valerá a pena dar um subsídio da ordem dos 100 por cento para se continuar a fazer trigo em Portugal ou será melhor que esses terrenos, onde se faz trigo com tão pouca produtividade sejam utilizados para outros fins?» Ninguém contestou estas afirmações de base, e alguns até as apoiaram. Vamos examinar umas e outras por partes.*

**OS PREÇOS PORTUGUESES E INTERNACIONAIS**

Em primeiro lugar, o preço por que nos fica o trigo importado. Por mais estranho que possa parecer aos leitores pouco familiarizados com o jogo dos preços mundiais, e ao próprio eng. Rogério Martins, **nesse mês de Setembro passava-se exactamente o contrário daquilo que afirmou.**

Os preços do mercado mundial estavam tão altos que o trigo importado da América chegaria CIF Lisboa por cerca

...a pág. cinco

## O CONSUMIDOR PAGA CADA VEZ MAIS

(na pag. tres)

# assim vai o mundo

## ● FUNCIONALISMO E LIBERDADES POLÍTICAS

Sem margem para equívocos é a opinião da população da República Federal da Alemanha em relação a um problema que, nas últimas semanas, tem ocupado intensamente políticos e juristas do país. Num inquérito representativo expressaram-se quase três quartos dos entrevistados contra a admissão nos serviços públicos, como professores ou juízes de indivíduos cujas convicções políticas sejam contrárias aos princípios da Constituição Federal. Dezassete por cento dos entrevistados, em contrapartida, declararam não ver quaisquer perigos na ocupação de funções públicas por parte de radicais, enquanto nove por cento declararam não possuir opinião formada sobre o assunto.

Acrescente-se que a Constituição Política da Alemanha Federal na linha das democracias ocidentais consagra os princípios do liberalismo clássico e capitalista, consentindo um clima de tolerância que liberdades políticas. é defendida Não surpreende portanto o número apontado de cidadãos intolerantes em relação aos opositores da Constituição. O que realmente surpreende é que, sendo a Constituição tão benévola no capítulo de actividades políticas, ainda haja dezassete por cento favoráveis à admissão dos extremistas.

## ● TELEVISÃO E CONSCIÊNCIA CÍVICA

A influência da televisão na politização do público saiu confirmada de um inquérito recente feito na Alemanha.

Cerca de metade da população adulta da República Federal da Alemanha interessa-se por temas políticos. Um estudo comparativo de diversos inquéritos do Instituto de Demoscopia de Allensbacher revelou que o interesse político dos cidadãos federais tem crescido continuamente nos últimos 20 anos. Em Junho de 1952 só vinte e sete por cento declarou interessar-se por política.

Na República Federal cerca de noventa e cinco por cento da população é confrontada diariamente com informações de carácter político, que outrora com a simples leitura de jornais teriam podido ignorar comodamente.

É evidente que entre a televisão e a educação cívica das pessoas existe uma circularidade de causa-efeito. Quer dizer que um povo com vida cívica adiantada só pode consentir uma televisão séria ao mesmo tempo que uma televisão séria contribui para a promoção cívica de um povo.

**As elevadas taxas de natalidade significam grandes problemas para as famílias individuais mas são a única força de reserva dos países pobres**

No inquérito mais recente, efectuado em Junho do ano corrente, revelou-se além disso que entretanto um terço das mulheres segue com interesse os acontecimentos políticos, o que pode ser interpretado como expressão da crescente emancipação da mulher. O maior interesse político é demonstrado, de acordo com os resultados do inquérito, por empregados superiores e funcionários (setenta e quatro por cento), o menor pelos agricultores (trinta e seis por cento) e operários não qualificados (trinta e três por cento). A circunstância de um número tão elevado de cidadãos dedicar atenção à política é atribuída pela professora Elisabeth Noelle-Neumann, directora do Instituto de Allensbacher, à crescente difusão da televisão.

## ● MORTE DOS NAVIOS DE PASSAGEIROS

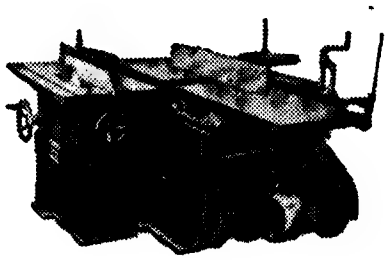
Desde o início do ano, foram vendidos seis navios de passageiros portugueses: Vera Cruz, Alfredo da Silva, Marsó, Marcéu, Santa Maria e Pátria. Com a venda destas seis unidades, com cerca de 65 mil toneladas de arqueação bruta, a frota de passageiros diminuiu em tonelagem 34 por cento.

Há já alguns anos que a exploração dos paquetes clássicos não é rentável. O tráfego de passageiros nas carreiras regulares de África, que teve o seu auge em 1966, entrou em declínio acelerado a partir de 1970. Enquanto em 1966 foram transportados 72503 passageiros entre a Metrópole e as províncias ultramarinas, ida e volta, o ano passado o tráfego não foi além de 37188 passageiros. O declínio é particularmente acentuado nos percursos entre a Metrópole, Moçambique e S. Tomé. Em 1972, os passageiros transportados para Angola e vice-versa representaram três quartos do tráfego total nas carreiras de África.

O declínio do tráfego nas ligações com as províncias ultramarinas deve-se à concorrência dos transportes aéreos civis e militares. Nos primeiros anos das guerras em Angola, Moçambique e Guiné, verificou-se um acentuado acréscimo de transportes de tropas em navios de passageiros, transportes que são efectuados actualmente na quase totalidade por via aérea.

Paralelamente à decadência da frota de navios de passageiros, verifica-se o reforço da frota de carga. Presentemente, Portugal dispõe de 221 navios com uma arqueação bruta superior a um milhão de toneladas. Verifica-se, simultaneamente, uma reorientação do tráfego. Até há poucos anos, a marinha de comércio nacional dedicava-se quase apenas às ligações entre Portugal e o Ultramar. Actualmente, está-se orientando na prática de tráfegos entre territórios estrangeiros. No entanto, em 1971 a reserva de tráfego ainda assegurou aos armadores nacionais o transporte de mercadorias na ordem de 92 por cento, enquanto o comércio externo só foi servido por navios portugueses em cerca de 27 por cento.

«MIDA»



MAQUINA UNIVERSAL
Mod GDFT

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

● SERRAÇÃO
● CARPINTARIA
● MARCENARIA

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

## BILHETE DE IDENTIDADE

Verifique se o seu bilhete de identidade atingiu ou está próximo de atingir o prazo de validade, ou se está desactualizado. Se assim for, procure renová-lo ou actualizá-lo quanto antes. Pode ser-lhe necessário de um momento para o outro.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª-feira, e ao sábado de manhã. Procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

assim vamos nós

### O COMÉRCIO DE PORTUGAL COM O COMECON

Cresceram 17,1 por cento, entre 1971 e 1972, as exportações portuguesas para o Comecon, organização económica que agrupa a União Soviética, Bulgária, Checoslováquia, República Democrática Alemã, Hungria, Polónia e Roménia. Em contrapartida, diminuiram 5,7 por cento as importações portuguesas dos países socialistas. As exportações passaram de 7 milhões de dólares em 1971 para 8 milhões de dólares em 1972. As importações desceram de 24 para 23 milhões de dólares. O saldo negativo manteve-se ao mesmo nível, 17 milhões de dólares.

Segundo dados elaborados pelo Departamento de Estado norte-americano, o volume do comércio portugues com o Comecon é o mais baixo de todos os países europeus. A Espanha, por exemplo, exportou 142 milhões de dólares para o Comecon, em 1972, e importou 216 milhões de dólares. O aumento das importações espanholas dos países socialistas, entre 1971 e 1972, foi particularmente espectacular: 114,6 por cento, a taxa mais elevada de todos os países europeus.

O principal fornecedor e o principal cliente dos países socialistas é a República Federal Alemã, 4070 milhões de dólares de exportações e 2821 milhões de importações, seguida pela Itália, França e Grã-Bretanha. A Áustria, com uma população da mesma ordem de grandesa de Portugal, exportou, em 1972, 595 milhões de dólares e importou 500 milhões de dólares.

Compreendem-se, assim, os esforços que o Fundo de Fomento de Exportação está a desenvolver para incrementar o comércio entre Portugal e os países socialistas, incremento a que se opõem, no entanto, fortes impedimentos políticos.

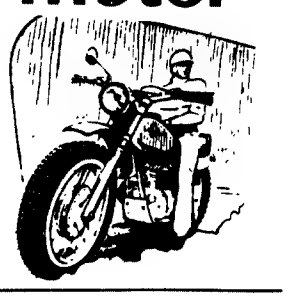
COM PROJECTO APROVADO
E LICENÇA PAGA, NO ESTORIL

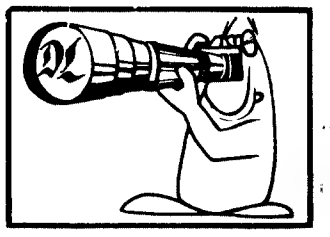
Conjunto de Lotes no Estoril, com a licença e mais-valias pagas.

TRATA: BARAONA & BARAONA, LDA.
(Mediadora Autorizada)

Av. Valbom, 28 - 1.º Telef. 28 07 49 CASCAIS

motor





# O CONSUMIDOR PAGA CADA VEZ MAIS

**Subiram 12 por cento os preços no consumidor em Lisboa entre Julho de 1972 e igual mês do corrente ano, tendo-se verificado que os maiores aumentos se verificaram nas despesas de primeira necessidade (transportes, 25 por cento; vestuário e calçado 27 por cento; habitação 14,6 por cento. Faro foi no entanto a cidade portuguesa onde os preços subiram mais, atingindo um índice global de 18,5 por cento, logo seguida por Évora com uma subida de 14,8 por cento. A subida mais espectacular registou-se no sector da habitação que em Faro atingiu o crescimento de 46 por cento e em Évora 32 por cento, em Viseu 21,3 por cento e no Porto 16,9 por cento. Estes elementos são fornecidos pelas «Informações» da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã de 15 do corrente, com base nos índices oficiais referidos a Julho de 1973.**

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS NO CONSUMIDOR EM PORTUGAL METROPOLITANO
segundo posições individuais do índice

| respectivamente Julho / Julho | Lisboa | Porto | Coimbra | Évora | Viseu | Faro |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Variações em % | | | | | |
| Alimentação | | | | | | |
| 1971/7o | + 8,4 | + 7,9 | + 8,o | + 8,6 | + 11,3 | + 1o,2 |
| 1972/71 | + 11,3 | + 11,o | + 7,o | + 9,1 | + 5,o | + 17,8 |
| 1973/72 | + 9,9 | + 7,9 | + 9,8 | + 1o,2 | + 7,8 | + 7,3 |
| Vestuário e calçado | | | | | | |
| 1971/7o | + 4,2 | + 6,7 | + 6,5 | + 2,8 | + 15,o | + 8,5 |
| 1972/71 | + 9,2 | + 4,o | + 1,4 | + 9,9 | + 5,7 | + 9,6 |
| 1973/72 | + 27,o | + 11,o | + 6,1 | + 11,5 | + 15,4 | + 1o,3 |
| Habitação | | | | | | |
| 1971/7o | + 38,6 | + 17,6 | + 31,3 | + 23,6 | + 28,9 | + 2,5 |
| 1972/71 | + 15,6 | + 19,8 | + 28,o | + 2o,8 | + 22,7 | + 16,8 |
| 1973/72 | + 14,6 | + 16,9 | + 9,1 | + 32,2 | + 21,3 | + 46,6 |
| Combustíveis e electricidade | | | | | | |
| 1971/7o | + 4,1 | - | + 5,4 | + o,9 | - 3,3 | - o,1 |
| 1972/71 | - | - | - | - | - | + 1,9 |
| 1973/72 | + 7,3 | - | - | - | - o,5 | + o,7 |
| Higiene | | | | | | |
| 1971/7o | + 11,6 | + 15,o | + 9,9 | + 3,o | - | + o,3 |
| 1972/71 | + 3o,5 | + o,2 | + 1,3 | + 1,3 | + 24,o | + 1,1 |
| 1973/72 | - | + o,1 | + 16,9 | + 17,9 | - | + 2,9 |

Antes de uma análise mais pormenorizada, é necessário dizer que estes índices não oferecem pontos de comparação uniformes, pois que no nosso País nunca foi publicado um índice uniforme dos preços no consumidor, lacuna incompreensível e particularmente grave num País de economia de mercado. No entanto, os números apontados são perfeitamente claros quanto ao aumento dos preços em cada uma das cidades referenciadas e, comparados com a curva muito mais lenta dos salários, bastam para dar uma ideia da subida do custo de vida em cada zona do território nacional.

Para uma compreensão mais exacta de estatística, esclarece-se que as bases-índices (100) de cada uma das cidades mencionadas se referem ao período de um ano que termina no final do primeiro semestre de 1962 para a cidade de Faro, de 1956 para Viseu e Évora, de 1954 para Coimbra, de 1951 para o Porto e de 1949 para Lisboa.

De uma leitura atenta verifica-se a subida constante dos preços em Faro com tendência para aumentar, o mesmo acontecendo em ritmo menos acelerado nas cidades de Évora e Viseu. Em Lisboa, apesar da melhor estrutura de distribuição e de um maior equilíbrio entre a oferta e a procura, o ritmo de encarecimento voltou a subir depois de uma leve cadência em 1971. Apenas no Porto o ritmo do aumento foi menos rápido do que no ano anterior. Observe-se também que se o índice global de Faro é notoriamente afectado pelos reflexos do turismo na habitação, já o mesmo não pode dizer-se de Viseu e Évora, onde os custos de habitação subiram respectivamente 21,3 por cento e 32,2 por cento sem que o turismo possa aí ser responsabilizado. A explicação deve residir no afluxo de grande número de rurais a estas cidades, com a contrapartida da desertificação dos campos.

Percorrendo agora cada um dos mais importantes sectores (ver quadro), conclui-se que em Coimbra e Évora o ritmo de crescimento é progressivo no sector da alimentação, ao passo que o de Lisboa baixou um pouco depois do grande aumento observado em 71/72. Em Faro depois da aparatosa subida nesse mesmo ano, o ritmo de crescimento foi bastante menor. Ainda no que se refere a Lisboa a invasão dos supermercados, embora facilitando a distribuição e melhorando a qualidade dos produtos expostos, não teve qualquer efeito na estabilidade dos preços, que afinal aumentaram quase ao mesmo ritmo do recorde observado em Évora.

Interessante seria a comparação impossível entre o preço dos alimentos no consumidor e o seu preço no produtor, para daí tirar alguma explicação para uma das grandes causas da crise da agricultura. Sabe-se efectivamente que os produtos agrícolas mantêm há muitos anos preços praticamente estáveis no produtor, impossibilitado até por razões de inabilidade técnica e de estrutura de mercado, de comercializar directamente os produtos. Os grandes lucros perdem-se na cadeia dos intermediários, com prejuizo para aqueles que os fabricam e os pagam, esses que afinal deveriam ser os mais beneficiados.

Nos preços de vestuário e calçado, Lisboa com uma subida de 27 por cento continua a bater o recorde do escândalo, logo seguida por Viseu (15,4 por cento), que dois anos atrás já tinha registado uma subida igual (15 por cento). Importava saber neste capítulo até que ponto a diferença do ritmo de crescimento dos preços entre Lisboa e outras cidades se explica por razões de qualidade do produto ou se os custos de mão-de-obra (num ramo bastante afectado pela emigração) se fazem sentir mais na capital. De qualquer modo, em todas as cidades os preços subiram imenso.

Continuando nos produtos de primeira necessidade, o relatório da Câmara Luso-Alemã, depois de apontar uma subida sensacional dos preços no capítulo de produtos de higiene em Lisboa nos períodos de 1970/71 e 1970/72 e desconhecendo o índice de 1972/73 na capital, indica os números apavorantes de Coimbra (16,9 por cento) e de Évora (17,9). Desconhece-se a progressão em Viseu, que no período anterior teve um aumento de 24 por cento.

Na rubrica referente ao recheio habitacional (electrodomésticos, mobiliário, utensílios de cozinha etc), prossegue também a cavalgada dos preços, com pontos mais fortes em Lisboa e Évora.

Estranha-se a diferença dos índices de produtos de saúde entre Lisboa que manteve uma subida de 8,7 por cento e o Porto, onde depois do grande **surto de 71/72 (quase 20 por cento), o índice teve valor negativo em 72/73. Em Viseu o ritmo de crescimento bateu o recorde** (24,7 por cento).

Estes índices assinalam a alta do custo de vida em Portugal, e na medida em que afectam produtos de primeira necessidade vêm atingir sobretudo as camadas populares. Assinale-se que os ordenados nem de perto nem de longe acompanharam os preços.

## COMERCIANTES PREOCUPADOS

# PODER DE COMPRA DOS TRABALHADORES

Continuação da primeira página

ram 9,8 por cento também ao ano. Assinale-se, de passagem, que a evolução do poder de compra terá sido ainda mais modesta, uma vez que os índices de preços calculados pelo Instituto Nacional de Estatística traduzem muito imperfeitamente o crescimento real dos preços.

À desaceleração do crescimento dos salários nominais em 1972 correspondeu, dado o continuado aumento dos preços, uma regressão do poder de compra dos trabalhadores de Lisboa. Enquanto os salários nominais aumentaram 8,6 por cento, os preços no consumidor subiram 10,7 por cento. O poder de compra dos trabalhadores de Lisboa sofreu uma quebra de 1,9 por cento. Pelo que toca ao Porto, os preços no consumidor progrediram 11,1 por cento, enquanto os salários cresceram 12,8 por cento. De Janeiro a Dezembro do ano passado, o poder de compra dos assalariados do Porto terá crescido apenas 1,5 por cento, menos de metade, portanto, da média registada entre 1965 e 1969.

### AS PREOCUPAÇÕES

Compreende-se que a redução do poder de compra dos trabalhadores de Lisboa, e a débil progressão registada no Porto, inquietem a Corporação do Comércio, uma vez que logo afectarão o volume de vendas e o montante dos lucros dos comerciantes. Nem por isso deixa de surpreender a clareza com que o problema é tratado pelo Gabinete de Estudos da Corporação:

«Para a maior estabilidade verificada em 1972, escreve o Gabinete de Estudos referindo-se à evolução dos salários, terão contribuído algumas medidas de controlo já tomadas a nível governamental, mas a verdade é que, procurando-se também uma melhor distribuição de rendimentos e evitar a emigração, tais iniciativas são prejudiciais pela evolução dos preços. Assim, tal como acontecera já em 1971, os preços no consumidor na cidade de Lisboa registaram acréscimos superiores aos dos salários, que assim terão, em termos reais, acusado uma descida, o que ainda não aconteceu no Porto, embora também aí a diferença entre as duas variáveis se tenha sensivelmente encurtado». E o Gabinete de Estudos da Corporação do Comércio acrescenta: «Estes factos não deixam de levantar acentuadas preocupações, pois são registados numa fase em que se procura, através de negociações de novos contratos colectivos de trabalho, oferecer maiores benefícios ao pessoal empregado».

**Esta gravura é tirada, com a devida vénia, de «Faits et Documents», revista da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, onde ilustra um artigo sobre a política de combate à inflação em Portugal**

### AS ORIGENS DA INFLAÇÃO

O Gabinete de Estudos da Corporação do Comércio sublinha, ainda, ter havido atenuação da inflação importada na nossa economia. O índice de preços por grosso na cidade de Lisboa sofreu no ano findo uma elevação de 5,9 por cento, taxa sem precedentes nos anos recentes. Numa desagregação por origem de produtos, verifica-se que os preços dos produtos importados do Ultramar desceram mesmo ligeiramente, mantendo-se a um nível inferior ao registado em 1964. Por outro lado, também sofreram aumentos muito modestos os produtos importados do estrangeiro e os produtos fabricados na Metrópole a partir de matérias primas importadas. Ao contrário, os preços dos produtos da Metrópole acusaram um aumento de 8,9 por cento, muito superior aos aumentos registados nos anos anteriores. E o Gabinete de Estudos da Corporação do Comércio receava, não sem razão, novo recrudescimento do movimento altista durante o ano corrente, dada a aceleração dos preços por grosso registada no último trimestre de 1972.

Se no índice de preços por grosso os produtos da Metrópole são os principais responsáveis pelo movimento altista, nos preços no consumidor são a habitação, o vestuário e o calçado, mas principalmente a habitação, os factores que mais contribuiram para a rápida subida dos preços. E as informações já divulgadas sobre a evolução dos preços durante este ano não parecem confirmar as esperanças postas no combate à alta de preços. Como se acentuou, paralelamente, a desaceleração do crescimento dos salários nominais, tudo leva a crer que tenha prosseguido a tendência para a redução efectiva do poder de compra dos assalariados, uma das causas fundamentais das dificuldades sentidas pelo comércio e pelas indústrias que não produzem predominantemente para os mercados exteriores.

# PRESER diz Quem é Quem

## O nome de quem dirige cada um dos sectores de uma empresa.

**Quem produz?**

Que empresa? Que actividade? Que negócio? Onde? Quando? Como? Quem contactar?

— **As fichas Preser respondem!**

**Quem compra?**

Quem precisa de comprar? O que se compra? Quem chefia o aprovisionamento? Quem decide?

— **As fichas Preser respondem!**

**Quem vende?**

Quais as empresas? O que têm para vender? Quem desempenha cargos ligados às vendas?

— **As fichas Preser respondem!**

As empresas. A sua actividade.
O pacto social e suas alterações.
O capital e suas actualizações. Quem compra.
Quem vende. As assinaturas que obrigam a empresa.
Data da fundação. Registo. Notário.
Filiais, dependências ou delegações. A administração.
Os sócios. Os gerentes. Os «quadros».
Fichas Preser: todas as informações
não confidenciais dos sectores ligados à economia.
Todas estas informações têm a confirmação
das empresas a que se referem.
O contrário é referenciado na ficha.
Fichas fàcilmente manuseáveis sempre actualizadas.
Todas as informações que precisa.
Os negócios e quem os promove.
Os contratos e quem os assina.
As negociações e quem as realiza.
Poupando tempo e dinheiro: dirigindo-se à pessoa exacta na função competente.

# PRESER

uma ponte entre empresas

Av. Infante Santo, 65, 6ºEsq.º Lisboa 3-TELEF.-674191/2/3

## AGRICULTURA CAMBADA

# PORQUE NÃO SOBE O PREÇO DO TRIGO?

Continua na pag um

de 232 dólares a tonelada, ou seja, cerca (câmbio 23$54) de 5$35 kg, perto do dobro do nosso que andará pelos 3$20!

Neste mês de Outubro, os preços baixaram qualquer coisa, e calculamos que o trigo norte-americano que acabou por ter de se importar nos virá a ficar CIF Lisboa entre 210 a 216 a tonelada, o que dará preços um pouco mais baixos de cerca de 5$00 kg. Embora se trate de trigos rijos ou alguns moles, de melhor qualidade que os nossos, o preço é superior ao preço médio do nosso trigo rijo (3$56) e muito superior ao do nosso trigo mole. Aproxima-se do dobro.

Não se pense que se trata, este ano, de uma excepção, dada a actual escassez mundial, que tudo leva de resto a prever se mantenha.

No após-guerra, em outras épocas também de escassez, tivemos de importar trigo a cerca de 5$40 kg quando a média do nosso se situava em cerca de 2$90, por sinal quando era ministro da Economia o actual ilustre colega do eng. Rogério Martins no governo do Banco de Fomento Nacional, eng. Daniel Barbosa.

É certo que em épocas de abundância o trigo nos tem ficado CIF Lisboa nos últimos anos em cerca de 1$70 kg a 2$25kg, muito mais barato, nunca em todo o caso por metade do preço do nosso.

É certo, também, que os preços altos do trigo actualmente importado resultam em parte do aumento dos fretes marítimos ultimamente verificado, e que o trigo em Roterdão, por exemplo, fica mais barato porque tem melhores facilidades de descarga.

Os preços na bolsa de Chicago são substancialmente mais baixos por quilograma. Mas também é certo que os baixos preços por que comprávamos o trigo em épocas de abundância resultavam de um subsídio do Governo americano, a que se dá o nome de **dumping**, subsídio esse que agora foi retirado e é outra causa desta subida vertiginosa dos preços.

Assim, o preço por que chegava a Europa o trigo americano não reflectia de modo algum o seu preço ao agricultor, que se situou nos últimos vinte anos numa média de 7,3 dólares por 100 kg. (Vid. Anuários Estatísticos da F.A.O. de 1961 e seguintes), o que daria ao câmbio médio do período cerca de 2$04 por kg, inferior apenas em 86 centavod ao nosso preço que, nessa época, registou um preço médio constante de cerca de 2$90 se considerarmos o mesmo peso específico médio.

Martins é apenas o nome que se chamou às sucessivas actualizações dos preços do trigo desde 1939, e não é de espantar que desde essa altura tenham feito dobrar o seu preço, todavia muito aquém da necessária actualização. Há por conseguinte uma lamentável confusão de termos.

### VALE A PENA CULTIVAR TRIGO EM PORTUGAL

Isto quanto ao aspecto preços Portugal-E.U.A. Quanto ao facto de valer ou não a pena cultivar trigo entre nós diremos que a necessidade de protecção ao trigo nacional não é um fenómeno português (determinado, como se tem querido insinuar, por pressões dos grandes produtores), mas uma política europeia de há muitos anos.

E não é só com o objectivo de «poupar divisas» como há anos se justificava a instalação entre nós de algumas dispendiosas unidades fabris. A razão é mais profunda.

Esta afirmação de que não valeria a pena cultivar trigo entre nós ainda era corrente no fim do século passado e no princípio do actual, quando os países novos, disfrutando de terras mais férteis e inesgotáveis, começaram a invadir a Europa com os seus cereais mercê da facilidade dos transportes e do aparecimento das máquinas de colheita e lavoura.

Nessa altura na Europa e entre nós a percentagem dos salários gasta na alimentação era grande e o custo de pão pesava nos orçamentos modestos. Era a época entre nós da crítica ao **pão político.**

Houve países europeus que cederam às pressões. Houve outros, entre eles a Alemanha que foram pratidários da protecção ao seu trigo nacional.

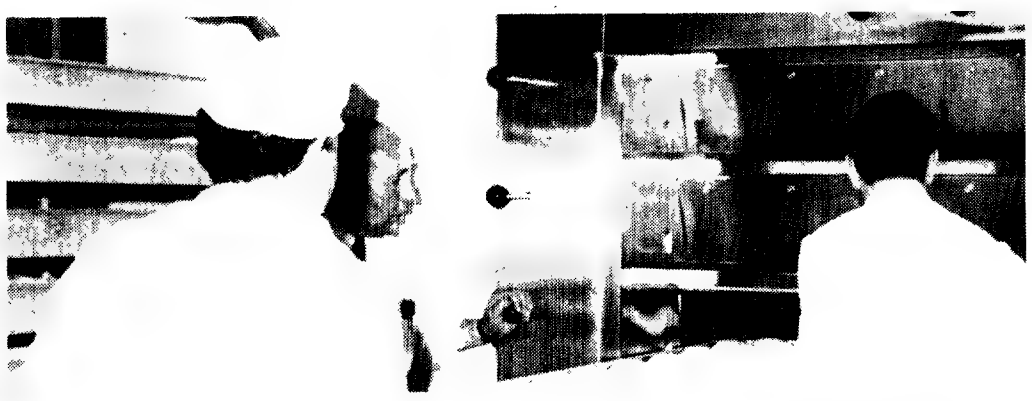
Felizmente prevaleceu esse critério por diversas razões, embora a principal justificação possa ser esta: a falta da produção europeia provocaria uma tão grande escassez mundial de trigo, que obrigaria os países europeus a comprá-lo, quando os «stocks» mundiais se esgotassem, a preços muito mais altos que recebiam os seus agricultores ao mesmo tempo que os teriam arruinado irremediavelmente por receberem preços muito baixos enquanto esses «stocks» não se esgotassem.

O primeiro economista que vimos formular em termos práticos esta teoria, baseado no efeito de King, foi Jorge Montojo, um modesto economista espanhol **(El Problema Triguero de Espanã, 1934)** citado uma vez por um agricultor alentejano, que expunha há anos este mesmo problema ao ministro da Economia de então.

Jorge Montojo exemplificava com o seu próprio país: se a Espanha deixasse de produzir trigo, a falta no mercado mundial apenas da sua produção (que nessa altura ultrapassava em tonelagem a exportação da Argentina) pesaria de tal modo no mercado mundial que obrigaria aquele país a comprar trigo em épocas de escassez a preços muito mais elevados que lhe custava a produção nacional. Concluia, por conseguinte, que não era o trigo europeu que era caro, mas sim o exótico excessivamente barato.

A previsão deste apagado mas inteligente economista realizou-se plenamente no após-guerra ainda com uma coincidência curiosa: na época que atravessamos de escassez mundial, a Espanha tornou-se exportadora de trigo não por acidente mas por crescimento da sua própria produção. Esta actual escassez levará certamente o seu governo a rever as restrições à protecção da sua própria cultura dos três últimos anos por medo de grande quantidade de excedentes, nessa altura só exportáveis com subsídios.

E, a Argentina, por mais estranho que pareça, tornou-se importadora de trigo embora para compensar algumas exportações a que se comprometeu. E ao facto não é alheio o baixo preço que os produtores argentinos recebem pelo trigo, um dos mais baixos do mundo, agora em processo rápido de revisão. Que dirão agora os economistas espanhóis, ainda vivos, detractores da tese corajosa e profética do seu colega?



**Quanto custa, quanto pesa e quanto vale o pão de cada dia?**

Há muito que examinamos os nossos preços de trigo comparados com aqueles de outros países e podemos afirmar, através de duas fontes (Boletim das Nações Unidas, Genebra, e Anuário da F.A.O.) que de 1958 a 1961 o nosso preço de trigo era médio em relação aos países da Europa Ocidental, incluíndo também a Jugoslávia e os E.U.A., mas abaixo da Itália, Finlândia, Suiça, Noruega e Turquia; de 1961 a 1969 já subia um pouco acima dessa média; e em Abril de 1972 no Mercado Comum Europeu só era pouco superior aos preços de França nos trigos moles enquanto nos rijos este país tinha preços superiores. (**Vid. Informations Agrícoles Mensueles. Marchés Agrícoles,** Maio de 1972, C.E.E., Bruxelas — Vid. J.R.R. **Amargas Verdades Agrárias,** 2.ª edição, 1963 e J.H.R., **Comparação Internacional de Preços Agrícolas, «Economia e Finanças»**, Diário de Notícias, 12-12-72. — Nota: Qualquer pessoa que procure as mesmas fontes terá, como nós fizemos, de converter o nosso preço indicado de peso específico 80 para 75 para corresponder aos outros preços e em relação à C.E.E. tem de consultar aquela publicação que lhe dá a média do mercado livre, normalmente um pouco mais alto que os preços oficiais, de intervenção, de umbral e indicativo).

**E em relação à Noruega, Finlândia e Suíça os nossos** preços de trigo são muito mais baixos.

Nos cereais secundários, que são um grande auxiliar da lavoura cerealífera, os nossos preços então são francamente mais baixos que os da C.E.E. (Vid. DN, fonte indicada).

Aguardamos as últimas publicações da C.E.E. para podermos dar aos leitores as médias dos preços registados nessa comunidade reflectindo já a alta mundial ultimamente verificada, que ao contrário desta, não se pode acompanhar através das grandes bolsas e da informação das agências noticiosas.

### E O PROTECCIONISMO INDUSTRIAL?

Ora, seria interessante que o eng. Rogério Martins aplicasse «o seu ponto de vista do economista» que expõe para o trigo (e como consequência directa dos restantes cereais) para as actividades industriais enquanto foi secretário da indústria.

Abriria a porta aos produtos exportados em «duping» com o que arruinaria grande parte dessas actividades. Também não se compreenderia o estabelecimento fomentado pelo Governo de caríssimas actividades industriais quando trabalham com preços superiores aos dos outros países industriais se aplicássemos «o ponto de vista do utilizador» que o eng. Rogério Martins invoca. Com uma diferença, todavia.

**Onde é que já vai (e por que razão se foi) o excesso de mão-de-obra que, à custa de salários baixos, disfarçava o rendimento dos latifúndios?**

Enquanto as unidades industriais nos custam muitos milhões de contos (e entre elas as de fabrico de abudos muito mais caros que na quase totalidade dos países europeus, com algumas exportações a baixo preço feitas à custa do preço interno) temos a terra e não a podemos deitar fora...

Claro que a nossa opinião não é a de que não devemos apoiar nenhuma indústria quando não seja competitivas internacionalmente, embora os acordos com o Mercado Comum impeçam isso cada vez mais naturalmente.

Nem é a opinião do eng. Rogério Martins como se sabe. Na própria «Mesa Redonda» que comentamos, um dos participantes, José Rabaça, diz que o eng. Rogério Martins, «recentemente resolveu tornar possível o nascimento da petroquímica pela via do agravamento da protecção pautal nas fibras sintéticas».

É então a altura de falarmos na segunda parte. Vale ou não a pena cultivar trigo?

Se nós não podemos deitar fora os nossos solos e modificar o nosso clima, temos de os aproveitar.

O eng. Rogério Martins sugere que seja outra coisa em vez do trigo (e dos cereais certamente), mas não diz aos pobres agricultores qual é essa «outra» cultura. Nem ninguém sabe por ora.

É certo que não temos nem solos, nem bom clima para a produção de cereais. As nossas produções unitárias embora tenham crescido e possam ainda crescer serão mais baixas que as da Europa central e setentrional.

Mas não é razão para abandonarmos a sua cultura, porque felizmente temos melhores condições que a África e a Ásia e o mundo não se encontra, pelo que já vimos, em situação de poder abandonar as regiões menos produtivas. Aliás, isso também é política comum na Europa. A Itália apesar de conseguir na sua região norte, fora do clima mediterrânico uma média por hectare de 2950 kg/h de trigo, não deixa de o cultivar no centro com 1920kg/h e na Sicilia, na latitude do Alentejo, onde apenas obtem 1150 kg/h, a média que se obtem aproximadamente naquela nossa província. O mesmo acontece em França, nas suas diversas regiões produtoras, e acontecia quando tinha a Argélia integrada no seu território.

Por outro lado nas regiões mediterrânicas de todo o mundo são o olival, a vinha e a cultura de cereais os recursos da agricultura de sequeiro.

Esta última é que permite, com a preparação que dá às terras que os cereais pagam e com os seus subprodutos, a exploração pecuária com maior densidade do que o solo abandonado ao pousio.

O olival sofreu a quebra do preço do azeite ainda com maiores consequências do que os cereais. Quanto à vinha não dispomos no mundo ainda de mercados nem sabemos se isso vira a suceder) para todo o vinho que o nosso potencial de produção seria capaz, provavelmente agravado, com a concorrência das outras regiões mediterrânicas que não deixariam de aproveitar, como nós, qualquer grande melhoria do mercado que se vislumbrasse.

JOSÉ HIPÓLITO RAPOSO

### PORQUE NÃO SOBE O PREÇO DO TRIGO?

Por tudo isto pensamos que os agricultores portugueses devem pedir para o seu trigo não o preço da C.E.E., da Suiça, da Noruega ou da Argentina. Devem dizer apenas se de facto interessa ao País fazer uma política acertada, como os outros países europeus em relação à agricultura e em particular em relação à cultura do trigo, este tem de ser pago **segundo os custos de** *produção,* determinado por inquéritos constantemente actualizados.

A política dos subsídios, uns pseudo-favores ou esmolas aos produtores, só serve para mascarar uma situação e para que, por falta de informação, como nessa «Mesa Redonda» se mostrou, a agricultura se considere erradamente numa situação de favor. O último subsídio de 100 mil contos anunciado há pouco pelo sr. ministro da Economia, teve esse mau efeito, mas na prática poderá aumentar por quilograma de trigo, este ano, cerca de 16 centavos, o que é manifestamente insuficiente.

E se lamentamos da parte de uma pessoa como o sr. Rogério Martins, antigo secretário de Estado da Indústria, vice-governador do Banco de Fomento e ligado aos problemas da economia por diversas actividades anteriores, estas suas afirmações, ao escrevermos este artigo, não temos qualquer intenção de diminuir a sua personalidade e valor. Ao contrário, lamentamos que quanto aos problemas da agricultura não esteja mais esclarecido não podendo dar-lhe assim o seu valioso contributo.

Ao escrevê-lo, temos apenas a intenção de defender os nossos produtores de trigo e pagar também uma dívida antiga. Um dos nossos leitores de Serpa escreveu-nos há meses fazendo-nos a mesma pergunta que intitula este artigo: porque não sobe o nosso preço do trigo? A veemência com que defende a razão que lhe assiste e aos outros produtores, fazia-o quase ser inconveniente para connosco como se fossemos responsáveis pela situação.

Confessamos que na altura não lhe sabíamos explicar a razão porque o nosso preço de trigo não subia. Porque até o aumento de uns tostões no preço do pão não tem hoje quase importância, e nenhuma importância em relação ao século passado. Mas agora sabemos explicar-lhe a razão.

É porque os nossos responsáveis devem ter acerca do trigo a mesma informação e a mesma reacção que o eng. Rogério Martins. Mas elas certamente irão mudar a bem dos produtores e do País.

# BAIXOU A AJUDA DOS PAÍSES À LUTA CONTRA O ANALFABI

**«O problema do analfabetismo não será solucionado no século vinte». Esta confissão de impotência estava contido no balanço da UNESCO publicado em 8 de Setembro de 1972. Segundo as últimas estatísticas conhecidas, o planeta em 1970 contava 783 milhões de iletrados, ou seja cerca de um quarto da sua população. Este número porém, não inclui cerca de duzentos milhões de crianças de menos de quinze anos que não frequentam a escola primária.**

No começo dos anos 60, no grande entusiasmo que caracterizou a obtenção da independência por numerosos países nascera na UNESCO, a ideia de levar a efeito uma campanha mundial para a alfabetização universal. Segundo alguns especialistas, teria custado pelo menos 2 biliões de dólares. Os países a que se cconvencionou chamar na gíria do sistema das Nações Unidas, os «grandes pagadores», e nomeadamente os Estados Unidos, tinham-se mostrado alarmados perante a perspectiva de semelhante despesa.

Não se poderia então, tentar convencer os países ricos de que a alfabetização constitui um investimento rendável? Foi nesta perspectiva que, após a conferência dos ministros da educação em Teerão, em 1965, foram lançados os doze «projectos-pilotos» do programa experimental mundial de alfabetização: no Afeganistão, na Argélia, no Equador, na Etiópia, na Guiné, na India, no Irão, em Madagáscar, no Mali, no Sudão, na Síria e na Tanzânia.

A maior parte dos projectos já terminou e os outros estão em vias de conclusão. A «avaliação científica» do programa experimental ainda não está concluída. O que já se sabe a seu respeito permite até se dispor de uma informação mais ampla, emitir uma opinião que os diplomatas da UNESCO qualificariam de «matizada» (1).

O programa experimental, sofria de início de uma profunda ambiguidade. Tratava-se de demonstrar que a alfabetização podia favorecer o desenvolvimento económico. Mas, ao mesmo tempo, o programa devia servir para aperfeiçoar um novo método de alfabetização dito «funcional», isto é ligado ás preocupações concretas e aos problemas profissionais dos adultos que se procura educar. Em vez de se lançar em doze «projectos-pilotos» de alfabetização funcional, não teria sido mais «científico» contribuir para a realização de um ou dois projectos apenas de tipo funcional, mas também de uma campanha maciça de alfabetização? O facto é que todos os recursos intelectuais e materiais da organização foram investidos na alfabetização funcional.

### AMBIGUIDADE POLÍTICA DA «ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL

Mas que dizer da «alfabetização funcional»? Este conceito escondida uma profunda ambiguidade que só agora começa a ser nitidamente compreendida.

A «funcionalidade» como se diz na gíria dos especialistas, é com efeito em primeiro lugar, um método pedagógico: «As palavras que os alunos aprendem a ler e os exercícios de cálculos que têm de fazer estão sempre relacionados com as suas actividades quotidianas e com os seus problemas de carácter profissional que o programa de alfabetização visa solucionar. Neste sentido a funcionalidade revelou-se um método extremamente interessante, na medida em que constitui um elemento evidente de motivação dos alunos. s projectos-pilotos» permitiram reunir os elementos do que poderia ser uma «pedagogia funcional».

A alfabetização funcional, porém, é também uma estratégia de alfabetização. E, neste sentido, é uma maneira deliberadamente selectiva de abordar o problema. A partir do momento em que a alfabetização é concebida como um instrumento do desenvolvimento económico, é lógico que dela beneficiem, em primeiro lugar, os adultos capazes de tirarem dela o máximo de proveitos para a colectividade e para eles próprios. Porém, como os recursos não são ilimitados, é grande a tentação de reservar os benefícios da alfabetização para grupos cuidadosamente seleccionados em função da posição-chave que podem ocupar na economia nacional.

Há, portanto, na alfabetização funcional, uma tendência malthusiana. É lícito correlativamente acusá-la de contribuir para agravar as desigualdades sociais, dado que existem mais probabilidades de que a alfabetização seja recusada aos indivíduos que se encontram em sectores já economicamente atrasados. Assim, como estratégia de luta contra o analfabetismo a alfabetização funcional não pode ser, na hipótese mais favorável senão uma via derivada: a alfabetização de certos grupos permitiria acelerar o desenvolvimento económico o qual libertaria os recursos os quais permitiriam construir escolas, as quais receberiam depois a totalidade das classes de idade interessadas dentro de uma, duas ou três gerações.

Parece com efeito, que se começa a sentir na UNESCO, a necessidade de endireitar a barra do leme. **«É preciso regressar ao ponto de partida, e recordar que o analfabetismo é um verdadeiro atentado aos direitos do homem e um perigo para a paz mundial; que é necessário portanto, combatê-lo por todos os meios»** declara assim um alto funcionário da organização.

**Em vez de ser aproveitada integralmente, esta escola do bairro da Cruz Vermelha, em Lisboa, está abandonada durante muitas horas às tropolias das crianças da Musgueira**

Deste modo, a UNESCO libertar-se-á, sem dúvida, em breve, da fascinação da «funcionalidade», que nestes últimos anos parece tê-la estorvado um pouco, na sua luta contra o analfabetismo. Uma estratégia mais diversificada poderia neste capítulo ser proposta aos países membros. Tendo embora em consideração os ensinamentos da pedagogia funcional», esta estratégia reservaria de novo um lugar às campanhas maciças de alfabetização.

### O SEGREDO DAS CAMPANHAS DE MASSA

Efectivamente, não restam dúvidas de que estas tinham sido desqualificadas com uma certa precipitação. É certo que se verificaram fracassos neste aspecto, o mais recente dos quais, sem dúvida, o da campanha indonésia (1960-1964). O agravo mais frequentemente invocado relativamente às campanhas é o facto de grande número dos novos alfabetizados voltar a mergulhar rapidamente na sua ignorancia anterior, por não ter tido a oportunidade de pôr em prática os seus conhecimentos. Na realidade, diversas actividades de «pós-alfabetização» (publicação de periódicos, jornais e livros especialmente destinados aos novos alfabetizados) deveriam permitir atenuar este grave inconveniente.

Na realidade, diversas campanhas maciças foram coroadas de êxito no passado: a primeira verificou-se na URSS a partir de 1919 e durou vinte anos; outras verificaram-se na China (desde a altura da Longa Marcha) e posteriormente em Cuba nos anos 60, segundo parece com bons resultados. Todos estes êxitos se registaram em países nos quais havia uma genuína vontade de vencer o analfabetismo. Em todos os casos, esta vontade baseava-se em motivações políticas e ideológicas evidentes. Não será essa uma das razões pelas quais as campanhas maciças foram apressadamente condenadas? O facto é que se admite presentemente que não será possível vencer o analfabetismo sem se recorrer a campanhas maciças. E a UNESCO parece disposta a dar a sua contribuição.

Semelhantes cavpanhas só serão possíveis, é certo, em países onde o poder se não encontre comprado pelas oli-

**Uma aula de alfabetização de trabalhadores cabo-verdianos nos arredores de Lisboa**

# S RICOS
# ETISMO

garquias agarradas aos seus privilégios. Só serão possíveis, por outro lado, apelando para todas as forças vivas das Nações consideradas e não apenas apra os professores. Parece sobretudo indispensável, apelar para os jovens que tiveram a sorte de receber instrução e que, além disso, se encontram frequentemente desempregados. Mas quantos países aceitariam este encontro explosivo entre os jovens intelectuais das cidades e as massas camponesas deserdades?

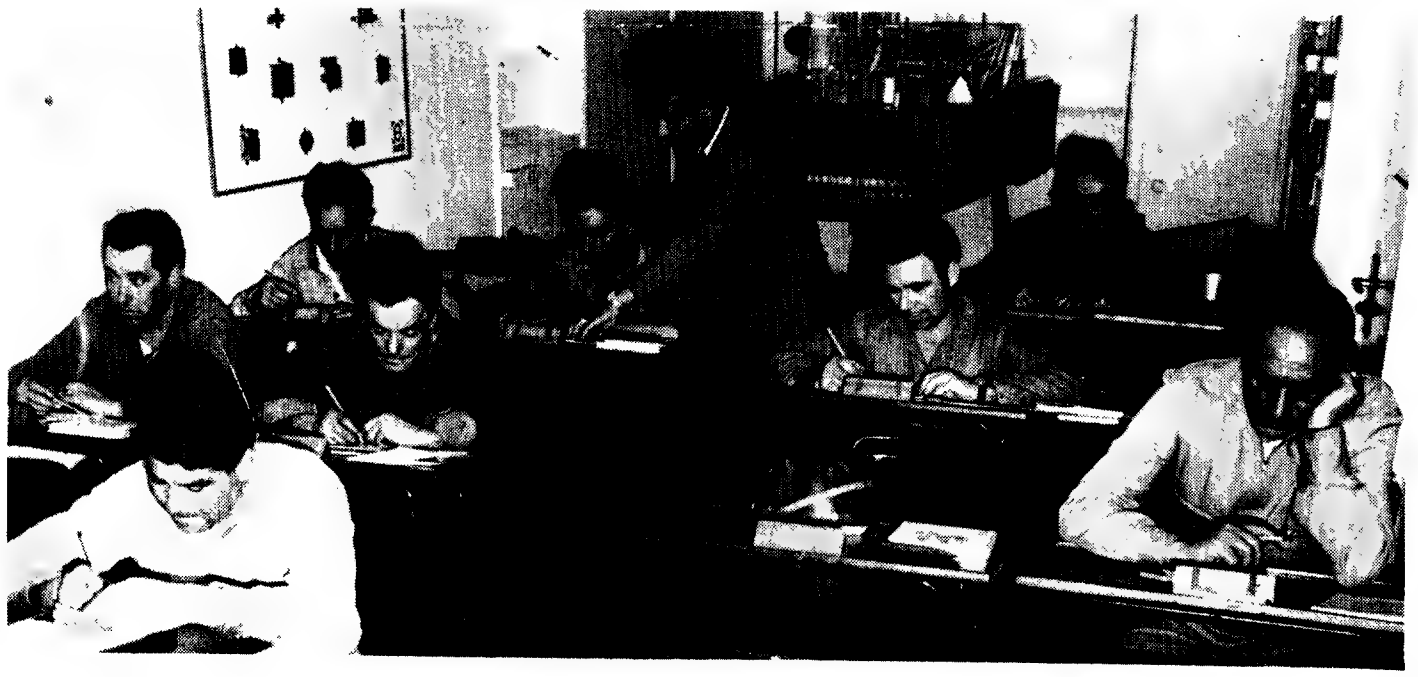
Esta solução teria, além disso, a vantagem de não ser excessivamente dispendiosa, aspecto não menos importante, porque, mais ainda do que no passado, os países do Terceiro Mundo correm o risco de terem de contar em primeiro lugar com os seus próprios recursos ...ra acabar com o analfabetis...io.

Na verdade, não exageramos ao dizer que o clima mudou muito desde o começo dos anos 60. Assistimos, efectivamente, desde o fim do primeiro «decénio para o desenvolvimento» e no começo do segundo, a uma diminuição do auxílio internacional ao Terceiro Mundo. As actividades de alfabetização, sobretudo, já não parecem interessar verdadeiramente os países ricos. Interrogados pela UNESCO sobre o que deveriam ser, a médio prazo, as preocupações da organização, apenas os países da Europa do Norte mencionaram a alfabetização. O programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, por seu turno, no período do último ano, só aprovou o financiamento de um único projecto de alfabetização, o que representa um recuo muito sensível na matéria.

programa experimental mundial fora, em parte, lançado com o objectivo de despertar o interesse dos países ricos pela alfabetização. Ora a demonstração da eficácia desta arma no desenvolvimento económico não pode ser seriamente feita. Encontramo-nos, portanto, neste aspecto, um pouco mais atrasados do que há dez anos e com, é certo, menos algumas ilusões.

**JEAN-PIERRE CLERC**

(1) Para uma avaliação crítica do programa experimental mundial de alfabetização, pode-se consultar a obra de Albert Meister «Alphabétisation et Développement», éditions Anthropos.



Os trabalhadores portuenses precisam de saber mais do que ler e contar

## ESTRATÉGIA DA EDUCAÇÃO DAS MASSAS

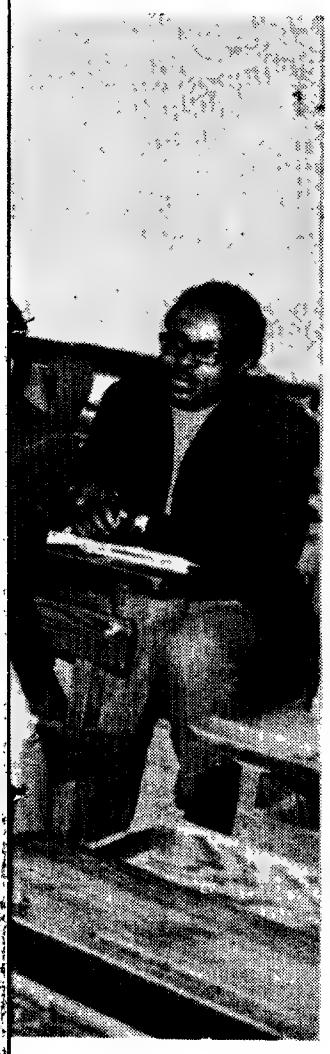
**No calendário das Nações Unidas, 8 de Setembro foi o Dia Mundial da Alfabetização. Foi, com efeito, em 8 de Setembro de 1965, que os ministros da educação de uma maioria de países de todo o mundo, reunidos em Teerão, decidiram dar início a um programa mundial destinado a experimentar o conceito de «alfabetização funcional» («work oriented litteracy») alfabetização orientada para o trabalho, segundo a terminologia inglesa, mais clara na matéria.**

Muito embora o dia 8 de Setembro dê origem a manifestações em certos países subdesenvolvidos, quase não tem tido eco na consciência universal. Tradicionalmente, é a ocasião em que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) atribui prémios a organismos ou indivíduos que se distinguiram pela sua acção na luta contra o analfabetismo. Assim, este ano, o sr. René Maheu, director-geral da UNESCO, entregou, no decurso de uma cerimónia que se realizou em Nova Deli, o prémio Mohammed - Reza - Phlavi, na importância de 5 000 dólares, a três chilenos: Emma Espina, Sergios Arevalo e Arrnulfo Rubilar, autores de um método de alfabetização inspirado nas investigações do psicólogo brasileiro Paulo Freire no qual quinhentos monitores chilenos foram já iniciados. O prémio Nadejda - K. - Krupskais, de 5 000 rublos, recompensou, por outro lado, uma realização tanzaniana: cerca de duzentos e sessenta mil pessoas alfabetizadas em três anos na região do Lago Ocidental, com a colaboração de professores e alunos dos estabelecimentos escolares e a participação de voluntários.

O dia 8 de Setembro é também a ocasião de se fazer um balanço dos êxitos e dos fracassos da luta contra o analfabetismo, a qual parece ter chegado presentemente a uma espécie de ponto decisivo. A maior parte dos resultados dos doze «projectos-pilotos» que o programa de experimentação mundial de alfabetização comporta é agora largamente conhecida. O trabalho de avaliação deverá estar concluído antes do fim deste ano.

Ora, por muito interessante que pareça como método pedagógico, a alfabetização funcional está longe de ter satisfeito inteiramente os seus promotores. Por esse motivo, os responsáveis começam a perguntar a si próprios, no seio da UNESCO, se não conviria «siversificar as estratégias», reservando novamente um lugar às campanhas maciças de alfabetização, as quais tinham sido desacreditadas, um pouco apressadamente, nos anos 60.

Não se trata, a despeito das aparências, de uma simples disputa de especialistas. As campanhas maciças só foram bem sucedidas, até agora, nos países que conheceram uma revolução de tipo socialista (U.R.S.S., China, Cuba). Em vez de dar início, como se esperava no começo dos anos 60, a uma grande campanha de alfabetização universal, a UNESCO corre assim o risco de ser levada a apoiar — com meios aliás limitados pela contínua diminuição do auxílio dos países ricos ao Terceiro Mundo — dois tipos de acção diferentes neste domínio: por um lado, campanhas maciças em países de regime progressista, e, por outro, projectos de tipo funcional em nações onde as classes dirigentes não estão dispostas a aceitar a participação das massas no desenvolvimento.



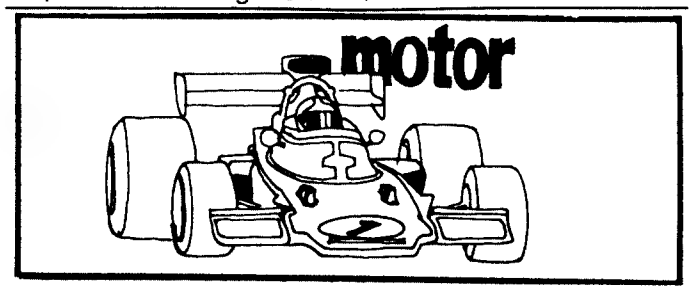
# PORTUGAL: INICIATIVA PRIVADA EM TOM PÚBLICO

O ministro da Economia, ao participar nas cerimónias comemorativas do 124.º aniversário da Associação Industrial Portuense e ao referir-se a empreendimentos em começo de execução, subordinou as suas palavras ao IV Plano de Fomento, isto é, a um complexo de medidas e iniciativas que pautarão «a evolução da economia portuguesa na década de 70». Numa perspectiva de desenvolvimento, acentuou dois factos de primordial importância: a ligação de Portugal com a Comunidade Económica Europeia, «porventura o maior desafio económico que à nossa geração é feito»; e «o esquema das medidas desencadeadas pelo Governo para promoção orientada e selectiva do desenvolvimento industrial, desenhando o quadro em que a resposta a tal desafio se torna possível».

De acordo com o ministro da Economia, «o impacto de acordo com o Mercado Comum será, na economia portuguesa, muito mais intenso que o da anterior participação na EFTA». E isso porque é muito mais vasto o mercado que se nos abre, levando-nos a ter que contar «com muito maior agressividade das empresas europeias que concorrenciarão, no mercado interno, as produções nacionais». O ministro acentuou que «desejaria que a consciência aguda destas novas realidades viesse acicatar e estimular a capacidade de resposta do aparelho produtivo nacional». E disse: «A maioria dos produtos industriais os que constam do regime geral do acordo terão os respectivos direitos aduaneiros, em 1 de Janeiro de 66, reduzidos a 20 por cento do seu valor inicial (o do princípio deste ano) e serão anulados completamente em 1 de Julho de 77. Estes prazos não consentem hesitações ou delongas ao nosso esforço de adaptação...»

Apontou o ministro um ponto cardeal da orientação política que deve pautar o desenvolvimento: o primado da iniciativa privada. A iniciativa privada implica a articulação entre o sector das actuações empresariais, individualmente ou em grupo, e as actuações do Governo na definição e actuação das medidas porque pautar-se o realinhamento do nosso desenvolvimento industrial. Diplomas em estudo contribuirão para que se transite, tanto quanto possível, de apreciações de tipo casuístico para enquadramentos genéricos, «com definição de regras que déem à iniciativa privada a conveniente segurança e apoio (...)».

E porque todo o processo em causa exige uma «administração pública renovada e dinâmica, ultimam-se os preparativos de reforma da Secretaria de Estado da Indústria, departamento que mais directamente se responsabilizará pela execução da política industrial».

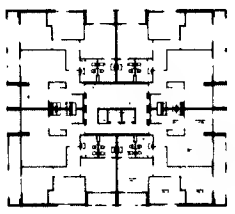
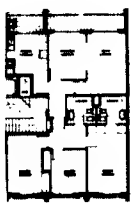
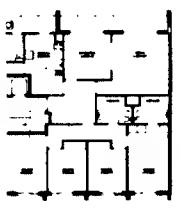
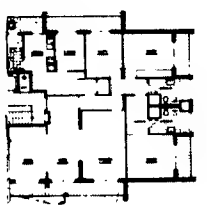


# GRANDE LANÇAMENTO DA 1ª FASE DO NOSSO

## EXCEPCIONAL CONJUNTO RESIDENCIAL

# URBACO

sito na **QUINTA DO MARQUÊS (OEIRAS)**
entre o Supermercado Pão de Açúcar e a Estação Agronómica Nacional a 1000 metros das estações C.F. de Oeiras ou Carcavelos

| 3 assoalhadas | 4 assoalhadas | 5 assoalhadas | 6 assoalhadas | 7 assoalhadas |
|---|---|---|---|---|
| |  |  |  |  |
| desde 500 c. | 650c. | 800c. | 950c. | 1.100c. |

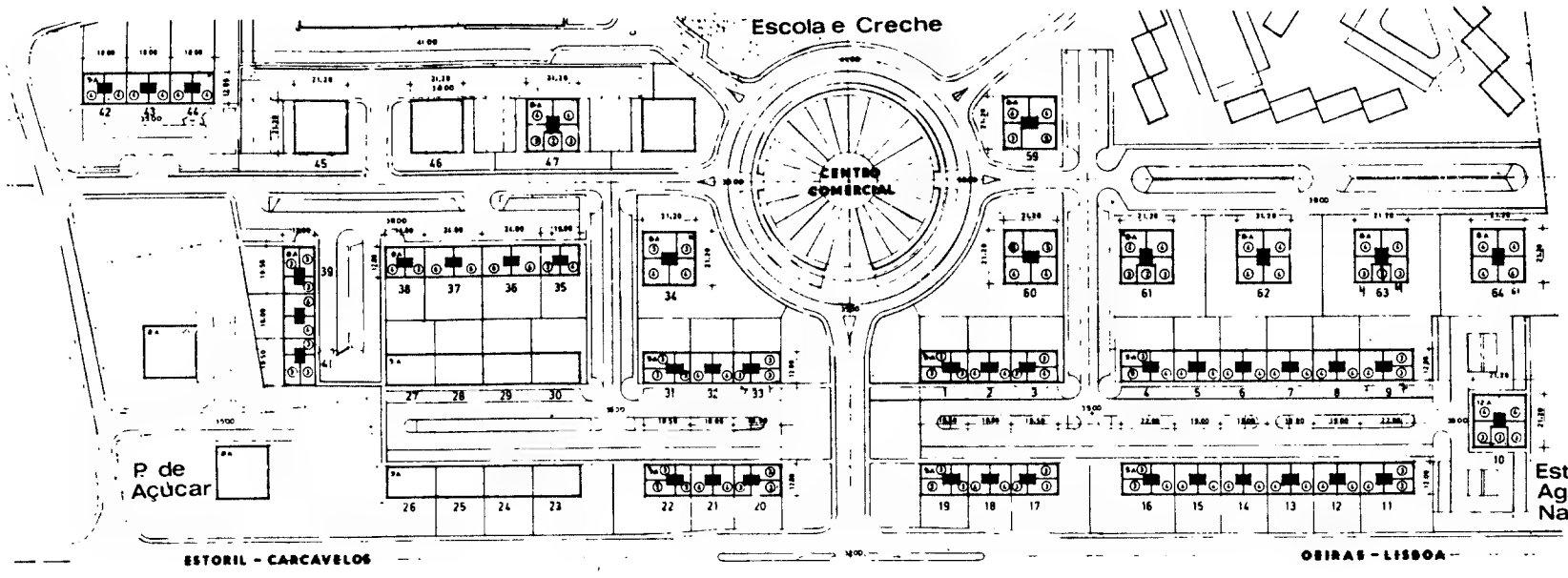
ALVARÁ Nº 9 de 15 de MAIO de 1972

## APROVEITE OS PREÇOS DE LANÇAMENTO DESTA FASE

**Facilidades de pagamento URBACO verdadeiramente acessiveis (até 12 anos)**

## ACABAMENTOS DE ALTA QUALIDADE

Estruturas anti-sismicas ● Azulejos decorativos ate ao tecto ● Pavimentos de mármore tipo Estremoz ● Parquet ou alcatifado ● Loiças bicolor tipo Valadares ● Lava loiças inox com duas cubas ● Armários de cozinha tipo fórmica ● Caixilhos de aluminio ● Portas de madeira exótica ● 2 elevadores em cada predio ● Telefones internos ● Antenas colectivas ● Condutas de lixo ● Aquecimento eléctrico por ar quente ● Condutas de gás com contador individual ● Parque de estacionamento ● Casa de porteiro ● ALARME CONTRA ROUBO TIPO RADAR ● ENTRADA DO PRÉDIO CONTROLADA POR TELEVISÃO, EM CADA FOGO




# MAIS UMA REALIDADE URBACO

**SERIEDADE ● PRESTÍGIO ● SEGURANÇA ● QUALIDADE**

Informações e inscrições

# URBACO

**URBANIZAÇÕES E CONSTRUÇÕES, LDA.**
**RUA BRAAMCAMP, Nº 52-4º LISBOA**

**ESTACIONAMENTO GRATUITO NA GARAGEM CASTIL - Rua Castilho**

NA SEDE
Dias uteis das 10 as 13 e das 15 as 19 horas
Sabados das 10 as 13h

No local todos os dias inclusive sabados, domingos e feriados das 10 as 19 horas

**URBACO**
RUA BRAAMCAMP 52-4 Telfs 563140/1 · 538736
Estacionamento grátis na Garagem Castil a 20 met

QUEIRAM ENVIAR-ME DOCUMENTAÇÃO SEM COMPROMISSO DL-O
NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____ TEL _____

Continuação da página um

tante visto que no ciclo de conferências que se fizeram na Faculdade de Medicina de Lisboa em Março e Abril do mesmo ano, subordinadas ao tema «Problemas de Medicina em Portugal», estabeleceu-se um notável nível de unanimidade de opiniões.

A seguir a essas conferências apareceram reuniões de estudo e discussão que foram levadas posteriormente à respectiva Ordem. Elegeu-se, então, uma comissão de 21 médicos para elaborar o célebre relatório das carreiras médicas, que de Lisboa se propagou ao Porto e a Coimbra.

1961 é também uma data importante, porquanto é o do aparecimento desse mesmo relatório, resultante daquele movimento nascido no seio da classe, e em que há um predomínio franco de jovens médicos não vinculados e nem comprometidos. As ideias gerais desse relatório eram, simultaneamente, uma certa amplitude, capaz de abranger todo o País e além disso uma certa margem de indeterminação para poder adaptar-se a condições concretas de tempo e de lugar. Por outro lado, já esboçava uma nítida integração no todo da vida nacional e não análises trancadas ou separadas.

### DEFICIÊNCIA A TODOS OS NÍVEIS

O plano geral do relatório foi estabelecido em quatro partes.

Em resumo analisaram-se deficiências a todos os níveis e estabeleceu-se base prospectiva capaz de permitir o encontro dos médicos no estudo dos problemas da classe e da saúde, revelando-se, então, a espantosa realidade da nossa assitência.

# A DÉBIL COBERTURA SANITÁRIA DO PAÍS

Dos cinco sectores que então se tomaram em conta e cujo elemento de ligação era apenas o médico, fazem-se os seguintes resumos:

. 1.º SAÚDE PÚBLICA (segundo o texto do próprio relatório) — «É mais um lugar que se ocupa do que uma função que se exerce».

2.º MEDICINA ORGANIZADA — Confinar os problemas da saúde nos departamentos históricos da saúde, é insistir numa posição ultrapassada que abandona a vida difícil, mas promissora, das soluções verdadeiras, por um caminho fácil das pseudo-soluções.

3.º ASSISTÊNCIA — Verificam-se discutíveis níveis de execução e urgência, com elevada percentagem de óbitos sem assistência, a mais elevada taxa europeia de mortalidade infantil, e a mortalidade materna mais elevada da Europa.

4.º HOSPITAIS — Más ou péssimas instalações, deficiente apetrechamento, escassez do pessoal médico, auxiliar e administrativo, acumulação de doentes e regulamentos desactualizados. Isto quanto aos hospitais centrais, porque quanto aos hospitais regionais e sub-regionais sintetizava-se: incapacidade técnica e desorganização administrativa. Enfim, dizia-se então, que se economizava onde devia gastar-se e gastava-se onde devia economizar-se; portanto uma assistência inferior e caríssima.

5.º CLÍNICA LIVRE — A distribuição dos médicos devia-se mais às facilidades que se encontravam no domínio desta clínica do que às necessidades assistenciais dos respectivos sectores regionais. Daí a abundância nas grandes cidades e a falta na província. É claro que havia que considerar neste ponto que grande parte dos médicos **exclusivamente** reduzidos à clínica livre, são-no por situações compulsivas, a grande maioria perseguidos políticos sem qualquer espécie de acesso às carreiras.

De entre os vários problemas tratados no debate que a seguir a generalizou, damos um breve resumo.

### CLÍNICA LIVRE ESTRANGULADA

Verificou-se que os resultados encontrados no citado documento são os mesmos na actualidade: continua a verificar-se que os médicos são forçados a exercer a clínica livre por carência de uma organização de saúde pública que sirva o médico e o doente; daqueles, mais de uma centena, praticam-na exclusivamente devido às medidas repressivas tomadas pelo Governo, com base no seu não alinhamento com o regime. Ainda se tocou o carácter oneroso desta medicina, que a torna inacessível à maioria da população.

### CARREIRAS MÉDICAS DESARTICULADAS

Alguns presentes denunciaram o actual sistema das carreiras médicas estabelecidas pelo Governo e que estimula e facilita ao médico a ocupação de um lugar e não o exercício de uma profissão. Com efeito, nos moldes actuais, uma multidão de instituições oficiais sobrepõe benefícios, esbanja verbas, recorrendo aos mesmos médicos, para nenhuma delas prestar do facto uma assistência total e eficaz. Quer dizer, o mesmo médico presta serviço nas Caixas de Previdência, nos hospitais e na saúde pública. Conclui-se que só o exercício em tempo completo numa destas instituições, permitira praticar-se uma medicina séria e eficaz e evitar a concentração de médicos nas cidades mais importantes.

### PROFILAXIA ABANDONADA

Outro aspecto salientado diz respeito à prevenção das doenças. De facto, a alimentação não satisfaz e agrava-se nas camadas da população mais desfavorecidas, devido à ignorância, e sobretudo, aos seus fracos rendimentos. Daqui resulta uma subalimentação que implica uma menor resistência à doença. A assistência médica não resolve o problema da subalimentação e da desnutrição, mas poderia atenuar as suas consequências se o Governo não dedicasse à saúde pública a ridícula verba de 2,8 por cento do P.N.B. Esta situação deplorável agrava-se com as condições habitacionais da maioria da população, que é forçada a viver em casas e lugares onde não existem as mínimas condições de higiene como se comprova com os dados do I.N.E. referentes a 1964 — que nada melhoraram e que são os seguintes:

. — 80p das casas na cidade não têm casa de banho;

. — 91p das casas nas vilas e aldeias não têm casa de banho;

. — 76p das zonas rurais não têm rede de esgotos;

. — 86p das zonas rurais não têm água.

Evidentes se tornaram as causas da proliferação das doenças infecto-contagiosas, como: tuberculose, meningites, diarreias, hepatites, encefalites, etc, etc, etc.

Demagogicamente, o Governo atribui aos médicos grande parte da responsabilidade da situação precária da saúde em Portugal. A provar a mentira dessa responsabilização, evidencia-se, então, que o número de habitantes por médico é de 1181 (na Europa só a Albânia tem pior coeficiente). Mas este número só por si é enganador, na medida em que só em Lisboa há 41p dos médicos do Continente. Estes dados são relativos a 1968, mas não melhoraram, apesar da emigração escandalosa que se tem verificado nos últimos anos. Em relação às Caixas de Previdência, aquele dado piora: o número de beneficiários das C.P. por médico é 1323.

É nítida a responsabilidade da política oficial por esta situação. Só por extremo cinismo se pode responsabilizar a população, pelo fracasso da educação sanitária, aliás inexistente na maioria das escolas, reduzida a campanhas esporádicas, uma vez que o analfabetismo, mormente nas zonas rurais, atinge proporções verdadeiramente degradantes.

### INDÚSTRIA FARMACÊUTICA SUPERLOTADA

O número exagerado de laboratórios que inundam o mercado de produtos farmacêuticos (60 000 no nosso País em contraste com 1 600 na Suécia, 4 000 nos Países Baixos e 11 000 em França), o que inevitavelmente provoca o encarecimento do produto (o mais caro da Europa para o mais baixo rendimento per capita) a que também não é alheia a percentagem de 33p gasta em publicidade, imprópria duma indústria que devia estar ao serviço do público, prova que o medicamento é um produto de consumo como qualquer detergente e o doente não passa de um consumidor. Como se isto não bastasse, denunciou-se o inconveniente da exploração desta indústria por capitalistas estrangeiros, que constituem a maioria dos laboratórios do nosso País, agravada ainda pela falta de uma investigação científica nacional.

Afirmou-se então, que de facto nada se avançou, além de uma quantidade industrial de decretos, portarias e outras moções, que em nada vieram alterar a realidade de fundo, que em 1962 se denunciou e já vinha de muito antes.


novo stand
DE EXPOSIÇÃO ESCRITÓRIOS E VENDAS DA
TREVAUTO
COMÉRCIO, INDÚSTRIA E REPRESENTAÇÕES, LDA.
AV. CASAL RIBEIRO, 21-C
TELEFONES: 46582 - 46614 - 46969 - 47618
IMPORTADORES Ferrari
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS AUTOBIANCHI
AGENTES BMW
ASSISTÊNCIA TÉCNICA POR PESSOAL ESPECIALIZADO
OFICINAS: RUA HERÓIS DE QUIONGA, 14-A e 16 — TELEFS. 82 32 75/6
RUA DE ARROIOS, 89-A e C, 91-A e C — TELEFS. 52549-45560

o seu MINI já pode ter os melhores faróis do mundo ...
substituindo as ópticas de origem por ópticas CIBIÉ com lâmpada de iodo H4 nos centros de assistência técnica
AUTOSIL
em: Lisboa · Porto · Coimbra · Viseu
Castelo Branco · Setúbal · Évora · Beja · Faro
DURANTE ESTA CAMPANHA DE LANÇAMENTO AS ÓPTICAS DE ORIGEM SERÃO VALORIZADAS

# espelho da imprensa

### «SIMPLESMENTE MARIA»

Os mentores de tão vasta operação são uns sujeitos bem informados quanto ao meio em que se movem. Mudaram o aspecto exterior da história, preocuparam-se com as qualidades de apresentação do produto, importante pormenor para a melhor aceitação no «mercado», e deram-lhe uma orientação mais de acordo com as tendências da sociedade em que vivemos. Criaram uma tão vasta galeria de personagens que o público até é capaz de confundir tantas histórias de casos pessoais todos interligados. É a pseudo-representação de toda uma sociedade, à boa maneira naturalista, esquecendo porém, certamente por pouco importante, o porquê fundamental dos comportamentos dos personagens. Enfim, apelaram, mais ou menos disfarçadamente, para desejos e ambições (ou quais frustrações) vulgares hoje em dia. É assim temos a pobre e inocente, mas resoluta, Maria, que passa de criada, um dos mais baixos postos na escala social, a multiplicar realizada num mundo competitivo onde só os melhores vencem. Se ela venceu, porque não hão-de outras vencer também?

### ENCONTRO

Lemos ontem no jornal uma notícia na primeira página, acerca das «démarches» que três deputados têm vindo a efectuar para a realização de uma reunião que supomos de natureza política.

Essa notícia apelida-os de «deputados liberais».

Ora supomos que, por várias razões mais que evidentes, é óbvio chamar-se aos três deputados, da antiga «União Nacional — **única «associação cívica» que legalmente existiu em Portugal durante algumas dezenas de anos** — «liberais». Por outro lado, não havendo correntes políticas legalmente organizadas e instituídas, isso poderá levar ainda mais à confusão, pois como se diz por aí, o que parece é...

Na realidade o que supomos que se passa é o seguinte:

**Reuniram-se três deputados «situacionistas» — (nunca disseram que não o eram) — e resolveram organizar uma sessão para alguns convidados para assentarem e combinarem, não sabemos o quê, pois ainda não disseram.**

**SÓ depois de se saber o que querem, é que então poderemos dizer ou afirmar, qual a «cor» ou a tonalidade política a que desejam agora vir a pertencer, pois como se sabe eram filiados da «União Nacional», e isso, para os autênticos liberais democratas, diz tudo...**

Com os nossos respeitosos cumprimentos, somos com toda a consideração,

De V. Exa.
MUITO ATENTAMENTE

Alexandre Coelho
Av. Tomás Ribeiro, 84

### DEMOCRACIA

A Democracia generalizada, se ainda não foi possível estabelecê-la na vida concreta dos povos, deve continuar a ser o termo nunca atingido e sempre ambicionado. A promoção da classe operária, a evolução social, o crescimento contínuo da classe técnica, motivado pelo desenvolvimento do mundo industrializado são factores de democratização contínua. A Democracia supõe a repartição das responsabilidades e também nasce da sociedade em expansão. O tempo trabalha a vaor da Democracia generalizada. Mas esta não irá aparecer miraculosamente. Os anos anteriores à guerra provaram como determinadas ideologias e certos pavores provocaram um recuo na consciência democrática e como se entregaram a aventureiros sem escrúpulos que jogaram com palavras com Pátria, Nação e Destino.

Por isso urge tentar a criação de novas elites; não no sentido clássico, em que poucos sobrenadavam sobre a apatia e a vulgaridade ambiente, mas na expansão de um estado de espírito que Maritain denomina de ideal de humanismo heróico e que já Robespierre chamava «virtude». A verdadeira Democracia só surgirá num amanhã; mas não estamos dispensados de tentar todos os meios para a instaurar nas consciências e nos hábitos de hoje. Qualquer cidadão despertado para a vida colectiva de que se sente parceiro e agente deve tornar-se, para retomar mais uma vez uma expressão de Edgar Morim, o guardião e o iluminador, o combate da espécie humana. Deve ser o defensor intransigente da liberdade de todo o homem e em qualquer sistema. Em situação de guerra deve defender o triunfo do diálogo e do compromisso; deve sem cessar travar o combate pela verdade e justiça e despertar pela sua acção a quantos se encontram em dúvida.

(«Jornal do Fundão» — 14-10-73)

### BONS PULMÕES

Inteligência privilegiada, estudioso apaixonado, multimilionário de conhecimentos da especialidade, bem como possuido de uma vontade que não sofre limitações nem conhece entraves ou dificuldades invencíveis, o dr. Mota Campos prendeu mais de meia hora sem a mínima quebra de fôlego como só é próprio dos «atletas» já consagrados, os milhões dos seus ouvintes, Mesmo aqueles que, quiçá, o ouviram sem o quererem escutar ...

(«Correio do Minho» — 14-10-73)

### À ESPERA DA HORA

Em lugar de discussões políticas, no terreno do concreto, lemos nos jornais resumos de discussões dialécticas, de sabor metafísico, apesar do horror à metafísica.

Parece-nos que muitos candidatos da ANP já deram o que tinham a dar; assim como parece também que muitos candidatos da Oposição Democrática, pelo verdor dos anos, pelo verbalismo utópico, pelo cariz marxista dos «chavões» usados, estão fora da realidade portuguesa.

Tudo isto causa tristeza e, pela radicalização em que se caiu, demonstra a necessidade absoluta que a sociedade tem de, ao longo do ano e como regra normalíssima, reconhecer aos cidadãos o direito político de participar — apoiando, discutindo, discordando — na solução apresentada para os problemas nacionaia.

Oposições, a rebentar de tantos em tantos anos, são prejudiciais, porque purgam com violência — uma violência que, noutro ambiente, perderia a razão de ser.

Há quem diga que não estamos preparados. E haverá preparação sem «obras»?

. Á espera da hora que há-de chegar, morre-se sem que a hora chegue.

(«Correio de Coimbra» — 11-10-73)

### TURISMO SEM INFRA ESTRUTURAS

Finda outra campanha estival, despedidas as últimas grandes levas de veraneantes, volta-se mais uma página do turismo algarvio com a convicção de que se repetiram os mesmos erros e que o problema do Verão só ficará resolvido quando se enfrentarem as soluções devidas. De outro modo, teremos sempre as mesmas questões e a mesma insatisfação.

Uma vez mais, voltámos a ouvir as queixas dos turistas e dos não-turistas de Barlavento a Sotavento: faltas de água, faltas de luz, faltas de esgotos, faltas de abastecimentos. Nem vale a pena citar nomes porque este panorama repete-se em toda a nossa Província, se não se tiver o privilégio de habitar um dos principais centros urbanos ou um bom hotel.

De outro modo, as coisas caminham indiscutivelmente para um desses becos sem saída. E nem sequer nos podemos queixar porque já fôramos avisados. Mas há sempre uma esperança de que o panorama se modifique de um ano para o outro — dizem os ingénuos mais crédulos Infelizmente nao e isso que vemos. Surgem, sim, nos vários Concelhos soluções de emergência quando a população aumenta nos meses de Verão, soluções essas que falham completamente porque têm falta de alicerces básicos.

Cada Município tem de encarar frontalmente o problema da infra-estrutura, não só para servir a população local mas também para atrair o turista arredio que tem receios de se aventurar fora dos grandes centros. Claro que há sempre soluções, pode é não haver verbas orçamentadas, mas então pertence às autoridades locais arrancá-las com ou sem a ajuda da Comissão de Turismo, ou directamente do Governo central. De outro modo, continuamos a jogar o futuro do Algarve e a perdê-lo constantemente perante cada prova fracassada.

(«Jornal do Algarve» — 13-10-73)

### PERMANECER

Assim, chegámos a esta plataforma: ponderadas as razões que nos assistem para continuarmos sem desfalecimentos a luta, que nos é imposta, demos ao Governo a garantia da nossa adesão incondicional ao rumo que vem imprimindo à nossa política interna a externa.

As eleições para deputados à Assembleia Nacional, com ou sem oposição, com ou sem «liberais», com ou sem progressistas, com ou sem Primavera política, têm de ser, antes de mais nada, uma autêntica confirmação do desejo de Portugal inteiro continuar as suas tradições de país civilizador. Quase cinco séculos de permanência, são herança demasiado comprometedora, que não permite um alijamento irresponsável!!

(«Gazeta de Coimbra» — 13/10/73)

### PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

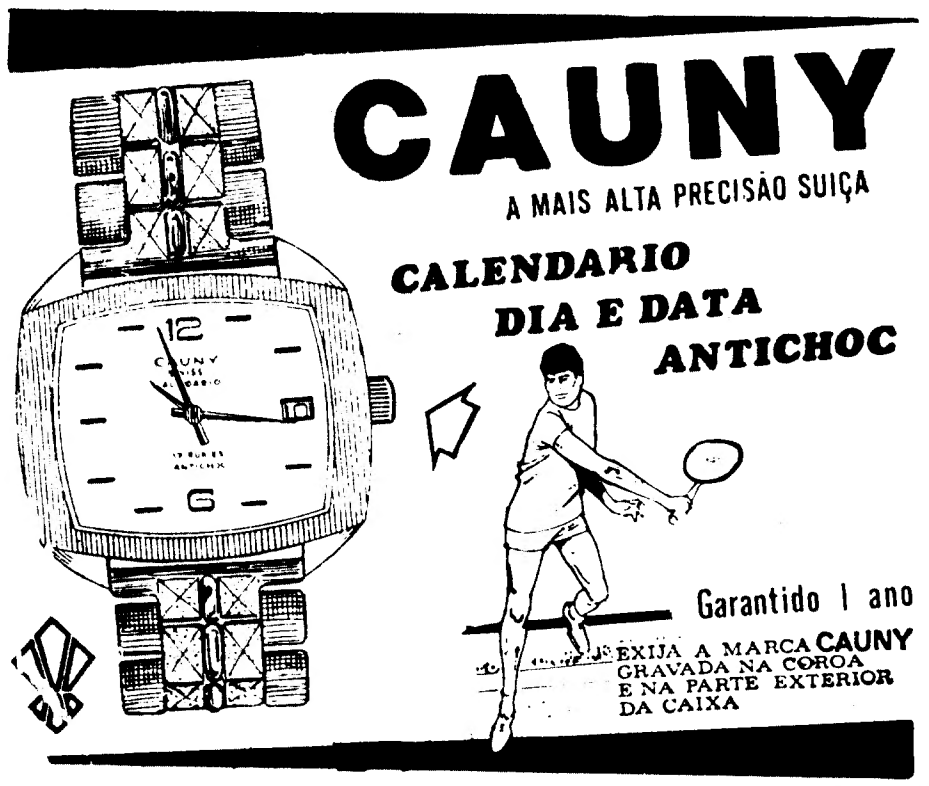
A nossa participação política é pois, em nossas perspectivas, praticamente inoperante, praticamente impossível de ser esclarecida sem valor mobilizador e motivacional para o cidadão comum que não acredita no que se pretende fazer como muito democrático.

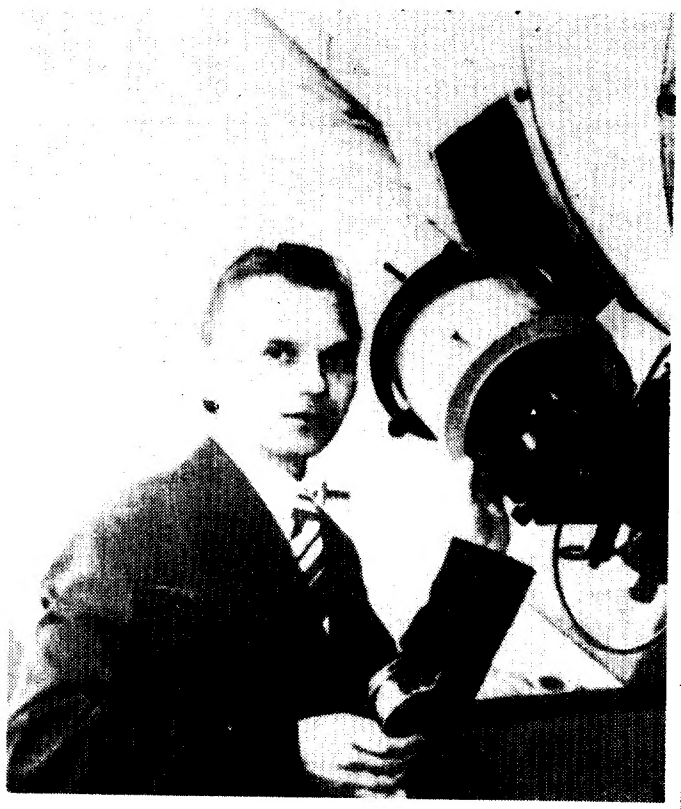
Há agora mais sinceridade e autenticidade? Mesmo partindo desse princípio nada de válido se pode construir como Vida política, com a actual orientação limitadora e tendenciosa. Enquanto uma facção tem todas as facilidades de se organizar, reunir e expressar, outras correntes de opinião jazem adormecidas e não aparecem a esclarecer, a educar e a pôr opções ao cidadão que quer participar.

É já altura dos portugueses começarem a educar-se politicamente e a tornarem-se adultos nesta matéria. A participação política é um factor muito importante na motivação cívica dos cidadãos, no empenho pelo progresso e pelo desenvolvimento, e essencial para transformar cidadãos amorfos e apáticos em pessoas empenhadas e decididas a viver a vida nacional, a pôr nela o máximo do seu entusiasmo e calor. O país não progredirá com a rapidez necessária sem esse motor motivacional a activar as pessoas. Uma vida política viva, real e válida, é um factor essencial para o homem civilizado.

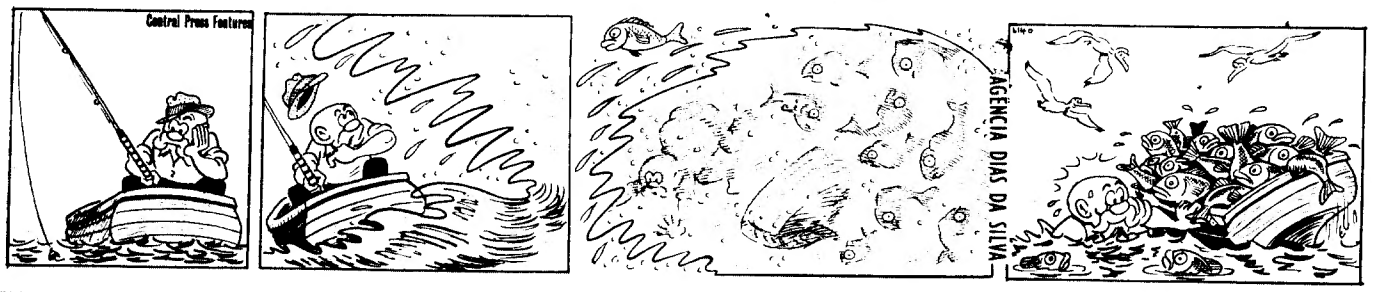
Uma condução paternalística e castrante desviriliza o indivíduo e transforma-o em indefenido eunuco a quem se não pode pedir esforços de salvação nacional.

(«Jornal de Almada» — 13/10/73)





**As crianças, os poetas e os astrónomos ainda são as únicas pessoas que encontram no nosso mundo motivos para se divertirem. E assim, entre os milhares de telegramas e telefotos chegados do Médio Oriente ou das outras paragens onde a crise do mundo é mais aguda, não deixou de ter lugar esta foto do astrónomo checo Lupo Kouhoutek, do Observatório de Hamburgo, a quem cabe a honra de ter descoberto um novo cometa que vai precipitar-se no Sol. Maus exemplos de cometa...**



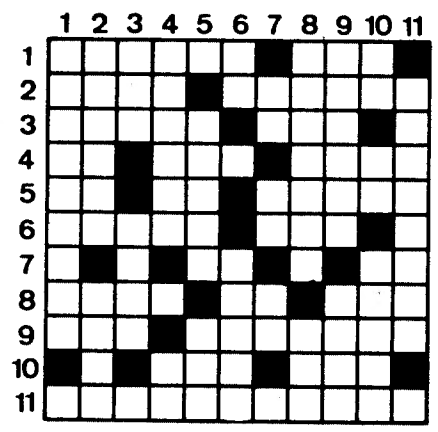

## PASSATEMPOS CULTURAIS

### COM PROVÉRBIO

**PROBLEMA N.º 10 582**

**HORIZONTAIS**

1 Cidade de Portugal. Pronome relativo.
2 Ligava. Aperfeiçoar.
3 Pátio. Medicina.
4 Batráquio. Rei do Hejaz, filho de Hussein. Escarneçam.
5 Quinhentos e um em romano. Batráquio. Trio.
6 O mesmo que esmai. Eia!
7 Prefixo que designa afastamento. Manuscrito.
8 Cidade da Holanda. Pronome pessoal. Escudeiro.
9 Patrão. Matizaras.
10 Filtra. Imensidade.
11 Descobrirás.



**VERTICAIS**

1 Serra de Portugal
2 Engordurais. Assim seja.
3 Oásis. Nome de um mês.
4 Surgira. Cobalto (s.q).
5 Freguesia do concelho de Torres Novas. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica.
6 Em partes iguais. Cidade da Albânia.
7 Novecentos em romano. Basta. Interjeição de dor.
8 Queixa. Gosta muito de.
9 Tramara. Lavrar.
10 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Prefixo de privação. Deramos.
11 Arrependimentos.

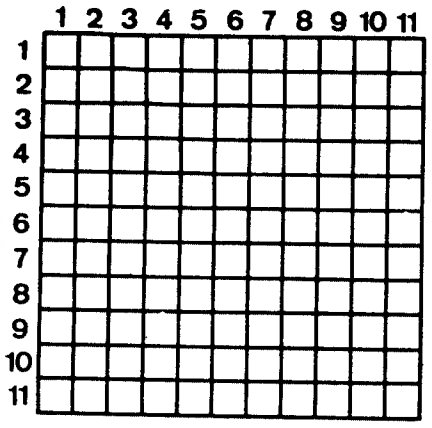
**Resolveu completamente este problema?**
**Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.**

### NOVA MODALIDADE

**PROBLEMA N.º 6 739**

**HORIZONTAIS:**

1 Buraco. Vila e sede de concelho (Portalegre).
2 Artigo indefinido. Base aérea portuguesa.
3 Modelo pelo qual se talha alguma coisa. Bário (s.q).
4 Freguesia do concelho de Belmonte. Lágrima.
5 Moeda de oiro. Freguesia do concelho de Mogadouro.
6 Caixão funerário. Terminai.
7 O mesmo que três. Agitara.
8 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Olé.
9 Venera. Emprego.
10 Soluçara. Caminhar.
11 Escudeiros. Cidade da Arábia.



**VERTICAIS:**

1 Nome de planeta. Cidade do estado de São Paulo.
2 Artigo indefinido. Corda de esparto. Nota musical.
3 Antiga província de França. Nome de uma pequena constelação também chamada Ave-do-paraíso.
4 Acuda. Vãs.
5 Filha mais velha de Labão. Formar em alas.
6 Cantiga. Abaixem.
7 Preposição. O mesmo que narguilé (Bras).
8 Rádio (s.q). Grã (tecido). Idem.
9 Vila e concelho do distrito de Évora. Cantão da Suíça.
10 Levaras à tia.
11 Alternativa. Uma das partes do Mundo. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 581**

| HORIZONTAIS | VERTICAIS |
|---|---|
| 1 A. PAIXÃO. Sn. | 1 NUNCA. Cós. |
| 2 Carraspana. | 2 Ceai. Ala. |
| 3 Nem. Sem | 3 Pamplona. El. |
| 4 Uapi. Ra. Uta. | 4 Ar. Iodar. Ia. |
| 5 Nilo. Bra. | 5 Iró. Aer. |
| 6 Odemira. | 6 Xá. REMEDIOU. |
| 7 Arna. Arco. | 7 Assa. Arse. |
| 8 Aradas. Ur. | 8 Ope. Brasa. |
| 9 Ca. Eiradas. | 9 Amurar. Der. |
| 10 Oleiros. Ema. | 10 Sn. Ta. Cuama. |
| 11 Sala. Eu. Ras. | 11 NADA. Morsas. |

**Provérbio: A PAIXÃO NUNCA REMEDIOU NADA.**

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 738**

| HORIZONTAIS | VERTICAIS |
|---|---|
| 1 Nelas. Talas. | 1 Neptuno. Ada. |
| 2 In. Facada. | 2 Ia. Afinar. |
| 3 Pia. Lemas. | 3 Lia. Ecos. |
| 4 Ta. Miras. | 4 An. Mangas. |
| 5 Camaradas. | 5 Limiar. Rã. |
| 6 Na. Ni. Aleta. | 6 **Fera. Lis.** |
| 7 Ofegar. Amai. | 7 Tâmara. Aios. |
| 8 Içar. Ado. | 8 Acasalado. |
| 9 Anos. Lio. Fi. | 9 Lãs. Demo. MM. |
| 10 Dás. Rio. Mia. | 10 Ad. Cata. Fio. |
| 11 Ar. Passamos. | 11 São. Sairias. |

# O COMÉRCIO DAS ARMAS OU AS ARMADILHAS DO REALISMO

O conflito israelo-árabe trouxe de novo para as primeiras páginas dos jornais a denúncia do comércio das armas praticado pelas grandes potências. Ao peso dos argumentos de uma estratégia de paz, acentuando que o comércio das armas fomentado por interesses económicos faz correr o risco iminente de guerras cada vez mais alargadas, vem juntar-se a consideração de motivos morais, como ainda recentemente fizeram os bispos de França em conjunto com o Conselho da Federação Protestante daquele país.

Recusando quaisquer intenções de novo clericalismo, «isto é, de um regime em que a Igreja procura dirigir directamente uma comunidade em que numerosos membros não partilham a sua fé» (sic), os dirigentes religiosos declaram-se decididos a «não aceitar os dados de uma situação (a da corrida às armas) nem como ídolo nem como fatalidade», ao mesmo tempo que têm consciência de experimentar um «sentimento de inconsequência se não lançam um grito de alarme» em cumprimento das suas responsabilidades religiosas. Mas é como cidadãos dizem que ao lado de outros cidadãos e organizações políticas exercem o direito de informar-se, reflectir e pronunciar-se sobre as soluções práticas que estancariam o comércio de armas, advertindoque neste ponto é necessário evitar «tanto a resignação cínica como a utopia inaplicável». O documento não envolve portanto a esfera de decisões das Igrejas, apresentando-se apenas como um contributo para a abordagem livre do problema.

Algures, na estrada de Damasco, em 13 do mês corrente

O conflito israelo-árabe trouxe de novo para as primeiras páginas dos jornais a denúncia do comércio das armas praticado pelas grandes potências. Ao peso dos argumentos de uma estratégia de paz, acentuando que o comércio das armas fomentado por interesses económicos faz correr o risco iminente de guerras cada vez mais alargadas, vem juntar-se a consideração de motivos morais, como ainda recentemente fizeram os bispos de França em conjunto com o Conselho da Federação Protestante daquele país.

Recusando quaisquer intenções de novo clericalismo «isto é, de um regime em que a Igreja procura dirigir directamente uma comunidade em que numerosos membros não partilham a sua fé» (sic), os dirigentes religiosos declaram-se decididos a «não aceitar os dados de uma situação (a da corrida às armas) nem como ídolo nem como fatalidade», ao mesmo tempo que têm consciência de experimentar um «sentimento de inconsequência se não lançam um grito de alarme» em cumprimento das suas responsabilidades religiosas. Mas é como cidadãos — dizem — que ao lado de outros cidadãos e organizações políticas exercem o direito de informar-se, reflectir e pronunciar-se sobre as soluções práticas que estancariam o comércio de armas, advertindo que neste ponto é necessário evitar «tanto a resignação cínica como u utopia inaplicável». O documento não envolve portanto a esfera de decisões das Igrejas, apresentando-se apenas como um contributo para a abordagem livre do problema.

O documento publicado em Junho deste ano conserva infelizmente toda a actualidade, motivo por que decidimos publicar as passagens mais significativas, notando embora que os bispos e pastores, como era de esperar, foram mais categóricos na análise da situação e na definição de metas longínquas do que nas propostas de acção a médio e a curto prazo.

«Em qualquer região do mundo de hoje, quando não há guerra declarada, a paz não existe senão pelas armas. Os Estados, para assegurar a sua própria segurança, mantêm e aperfeiçoam progressivamente o seu potencial militar. Gastam, para este fim, em cada ano que passa, mais de 5 mil milhões e meio de contos, (no original francês: **plus de mille miliards de francs**, ou seja, doze vezes mais do que o auxílio total prestado aos países em vias de desenvolvimento, uma vez e meia o valor global de tudo o que a França produz durante um ano.

«Chega-se a esta verificação paradoxal e terrífica: a humanidade já gastou mais nos seus armamentos, de 1945 a 1973, período sem conflitos declarados, do que de 1900 a 1945, apesar de duas guerras mundiais. Há nisto um desafio à razão, ao amor, à esperança. Entretanto, o nosso mundo, resignado ao equilíbrio da intimidação, à corrida tecnológica e também a uma concorrência dura e lucrativa ao nível do comércio internacional das armas, não parece decidido a eliminar esta provocação. O comércio das armas que se inscreve no centro das políticas de superarmamento, tornou-se pouco a pouco tolerado, evidente e habitual.

«O realismo tem, indubitavelmente, as suas armadilhas. No que respeita ao armamento depressa se orienta para uma engrenagem diabólica. Antes de mais poder-se-á admitir que uma nação, preocupada com a sua liberdade, abandone todos os meios de defesa armada para manifestar a sua vontade de paz? Actualmente os franceses, como os outros povos, respondem ainda negativamente a esta pergunta. Se um país recusa o auxílio de outra potência para assegurar a sua própria defesa — dado que a sua independência política estaria então comprometida — deve dispor da sua própria organização militar. Tal passo não o impede de participar numa organização de segurança colectiva. Mas a autonomia dos meios de defesa não exigirá a existência de uma produção nacional de armas? E os investimentos exigidos por uma tal produção de armas não são de tal modo pesados que, para a competente amortização, se terá de recorrer à produção para o mercado externo? Trata-se aqui das armas ditas convencionais. No que respeita a este tipo de armas, o volume das encomendas das forças armadas nacionais tem diminuído e os investimentos tornam-se correlativamente mais pesados na medida em que a sua própria amortização assenta exclusivamente em tal tipo de encomenda.

Esta situação resultou da entrada em serviço das armas nucleares que não são exportáveis. Se se admite o raciocínio anterior, a França, no contexto económico e político actual, parece compelida a entregar-se à indústria e ao comércio das armas.

«As técnicas comerciais são, hoje em dia e neste sector, verdadeiramente perigosas: empresas públicas que buscam rendibilidade, empresas privadas que procuram o lucro, não hesitam utilizar estas técnicas para promover as suas vendas. De certo que as necessidades sentidas ou suscitadas são, sempre e em princípio, necessidades de segurança. Mas, em numerosos casos, encontramo-nos na presença de situações ambíguas. Assim, um determinado Estado que não vê qualquer mal na ajuda a um país na sua luta armada contra um agressor, não correrá o risco, quaisquer que sejam as precauções tomadas, de auxiliar um agressor e ou o perseguidor de uma minoria oprimida? E mesmo quando a intenção defensiva do armamento for provável senão evidente, a sua eficácia não será função da sua capacidade de desturição? E assim que toda uma pesquisa se concentra, toda uma produção se organiza, toda uma organização comercial se desenvolve, de modo a que os clientes possam matar homens com golpe certeiro e ao mais baixo preço.

«A França está metida na diabólica engrenagem das armas. As empresas produtoras de armamentos, quer públicas quer privadas, têm um lugar de relevo na sua indústria e no seu comércio externo.

Por mais pacifistas que se afirmem os seus dirigentes, quaisquer que sejam as precauções que tomem os seus serviços responsáveis, ela concentra uma parte importante do seu potencial de pesquisa, de reflexão e de produção, em objectivos militares, a fim de alcançar uma posição — aliás limitada — no equilíbrio do terror graças à sua potência de dissuasão. Este esforço não excederá as necessidades da sua própria defesa.

Este objectivo desumano inscreve-se no quadro das violências que pairam sobre o mundo. É um símbolo do seu desespero. De certo, o equilíbrio do terror impediu até hoje uma guerra generalizada. Contudo, a ordem que sofrivelmente tem assegurado — ordem desfigurada, no entanto, por injustiças e violências sociais de origem vária — não impediu guerras limitadas, com meios convencionais, à margem da zona de paz nuclear. Os fornecedores de armas francesas contribuem para alimentar estas guerras, dão força a antagonismos geradores de novos conflitos. As desculpas invocadas são precárias, sejam de natureza política ou económica.

A influência das pressões económicas é particularmente grande. Por um lado, a política externa francesa, apesar dos seus incontestáveis sucessos, não estará influenciada pelas exigências comerciais das exportação de armas? Não estará deformada em prejuízo de outras acções mais carregadas de esperança? Por outro lado, poder-se-á com seriedade admitir que uma política científica, na qual os objectivos militares têm lugar destacado, sirva realmente o progresso da ciência e responda às necessidades profundas da humanidade? Poder-se-á seriamente sustentar que o equilíbrio das trocas comerciais não é afectado de imprevistos, tanto mais graves quanto é certo que o dito equilíbrio assenta muito mais na exportação de armas que na exportação de produtos que respondem a necessidades mais estáveis, menos expostos à mudança da conjuntura política naquilo que ela tem de mais passional, de menos racional?

**Alguns têm receio de que as Igrejas, ao entrar neste campo, ultrapassem a sua competência, se liguem a slogans partidários e principalmente, que não saiam de votos piedosos e generalidades moralizantes, sem qualquer efeito sobre os que conhecem a complexidade dos problemas (preço, utilização, diplomacia, estratégia) e sem consequências ao nível das decisões tomadas pelos poderes públicos.** Por estas várias razões, são numerosos aqueles que, admitindo as exigências da moral evangélica no domínio privado, se recusam a conhecer-lhe um alcance social e político. Digamos por fim que um medo os trava: o de ver manifestadas nas Igrejas as divisões da Nação.

Estamos absolutamente convencidos de que as Igrejas seriam infiéis à sua dimensão universal do desígnio de Deus se emparedassem a exigência do Senhor e da sua promessa no acanhado domínio das relações privadas...

... A fé ajuda os homens a não encarar os dados de uma situação nem como ídolo nem como fatalidade. A fé ajuda a recriar as condições de uma escolha tanto política como pessoal. **A fé favorece assim a reflexão que desmascara supostas evidências e a decisão que contradiz engrenagens silenciosas. Parece-nos que o comércio das armas é uma das chagas colectivas sobre as queis urge alertar hoje o nosso país e para as quais se torna indispensável e em conjunto encontrarmos a cura.**

Ao formular as propostas que se seguem, nós comprometemo-nos num domínio em que pertence às organizações políticas e aos cidadãos informar-se, reflectir e pronunciar-se. Contudo, propondo elementos de reflexão e de pesquisa, queremos sublinhar o facto de que não é possível, em tais assuntos, contentarmo-nos com um grito. Estas propostas poderão, nomeadamente, articular-se à volta dos seguintes temas:

**1.º Informação dos cidadãos** — Para provocar uma consciencialização dos problemas que se põem a propósito da corrida aos armamentos e do comércio das armas, conviria que o poder público quebrasse a sua política tradicional de segredo e divulgasse mais largamente as informações respeitantes às transacções de material de guerra, depois da conclusão da vendas... Teriam o extraordinário mérito de fornecer elementos para um debate público sobre as vastas implicações de exportação das armas.

**2.º A Programação** — **Todas as decisões de limitar o comércio das armas e de reduzir os esforços de armamento tocam em estruturas, económicas de grande peso.** Em poucas frases não é possível ir além duma ideia sumária do critério referido.

— A programação de uma acção tão vasta terá de inserir-se numa planificação geral, e esta deverá ser clarificada por um debate político e apoiada por uma vontade política.

— Uma planificação geral em estreita coordenação com os países membros da Comunidade Económica Europeia.

— Uma programação rigorosa de redução ou de supressão do comércio das armas não é, evidentemente possível para uma decisão unilateral da França. O problema só poderá ser tratado a nível internacional.

**3.º A cooperação internacional** — Os principais países produtores convencionariam limitar a exportação de armas com destino a países envolvidos em conflitos... e abster-se-iam de vender armas sofisticadas (isto é armas de elevado nível de tecnicidade) a regiões onde elas não respondam a qualquer necessidade existente, provocando em consequência corridas qualitativas aos armamentos. Por outro lado, nomeadamente na Europa, um agrupamento de nações poderia permitir soluções economicamente eficazes e a redução dos armamentos ao mínimo estritamente compatível com a segurança dos países interessados.

**4.º Novos métodos de organização de segurança** — A existência de uma indústria de armamento tributária de exportações seria menos necessária se se renunciasse a uma organização militar moderna dotada de meios nucleares, a favor de outro sistema de defesa.

**Alguns pensam na organização de uma nação armada. Nesta perspectiva urge uma outra forma de dissuasão, que poderia ser eficaz — ao menos em certas circunstâncias — como o demonstra a história dos conflitos, em que potentes exércitos tiveram de recuar perante a organizada resistência da totalidade do povo.**

Outros sugerem mesmo que a segurança da comunidade nacional poderia ser garantida pelo recurso a meios não violentos o que permitiria o abandono da defesa armada.

**5.º A autoridade pública de competência universal** — Finalmente é preciso tender para um sistema de segurança posto em marcha por uma autoridade pública de competência universal. Um tal sistema ofereceria um substituto à paz armada e permitiria diminuir o peso dos armamentos.

Deste modo, desviar-se-ia para os armamentos apenas a mínima parte das riquezas económicas e humanas do mundo» (artigo 25 da Carta das Nações Unidas).